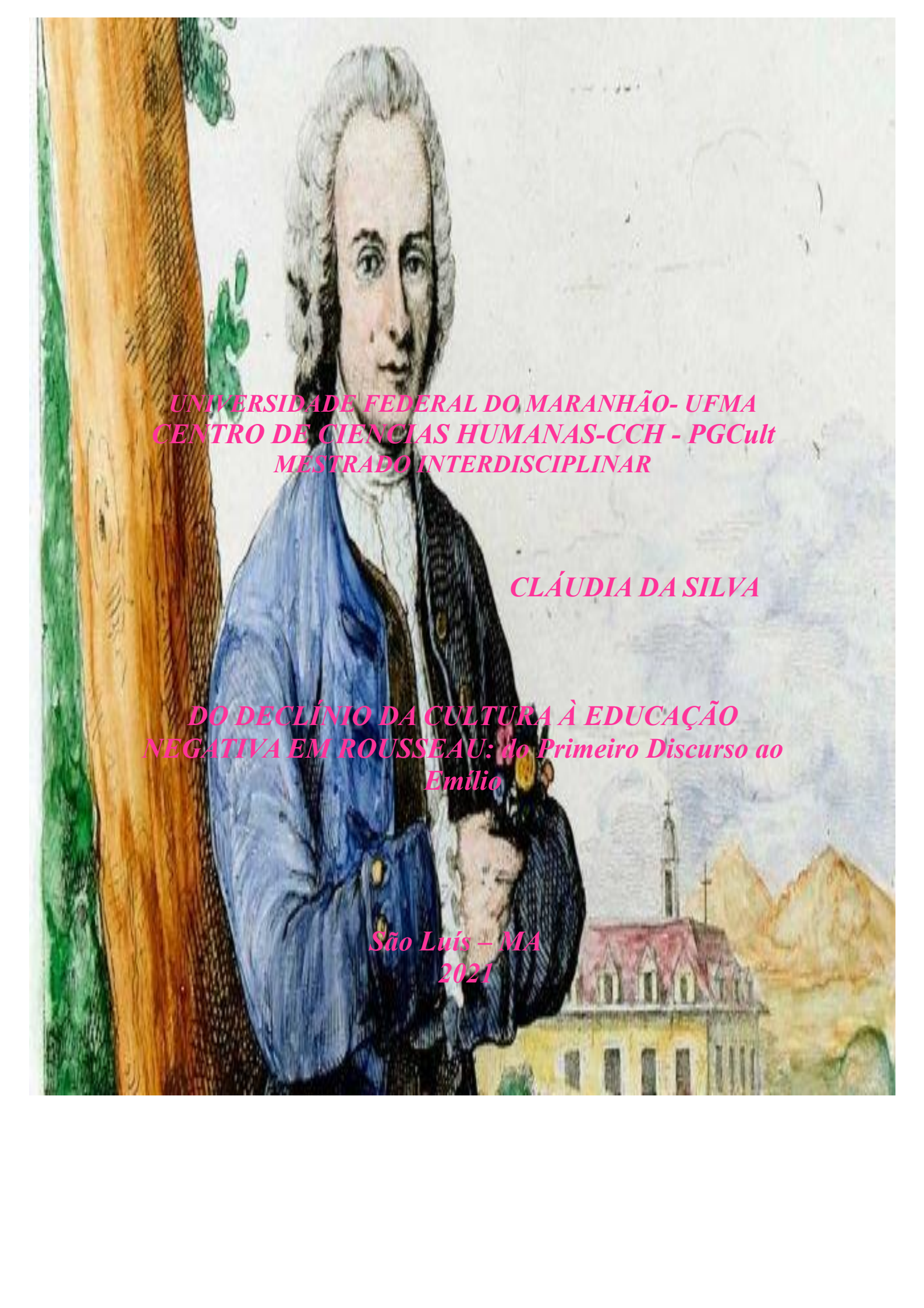




*UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS-CCH - PGCult
MESTRADO INTERDISCIPLINAR*

CLÁUDIA DA SILVA

*DO DECLÍNIO DA CULTURA À EDUCAÇÃO
NEGATIVA EM ROUSSEAU: do Primeiro Discurso ao
Emílio*

*São Luís – MA
2021*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS-CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE- PGCULT
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

CLÁUDIA DA SILVA

DO DECLÍNIO DA CULTURA À EDUCAÇÃO NEGATIVA EM ROUSSEAU: do
Primeiro Discurso ao Emílio

São Luís – MA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS-CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE- PGCULT
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

DO DECLÍNIO DA CULTURA À EDUCAÇÃO NEGATIVA EM ROUSSEAU: do
Primeiro Discurso ao Emílio

CLÁUDIA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

São Luís – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva, Cláudia.

DO DECLÍNIO DA CULTURA À EDUCAÇÃO NEGATIVA EM ROUSSEAU:
do Primeiro Discurso ao Emílio / Cláudia da Silva. - 2021.
139 f.

Orientador(a): Luciano da Silva Façanha.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís-MA, 2021.

1. Educação Natural. 2. Iluminismo. 3. Progresso da
Razão. 4. Rousseau. I. da Silva Façanha, Luciano. II.
Título.

Cláudia da Silva

**DO DECLÍNIO DA CULTURA À EDUCAÇÃO NEGATIVA EM ROUSSEAU: do
*Primeiro Discurso ao Emílio***

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da
Universidade Federal do Maranhão, para
obtenção do título de mestre

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva
Façanha

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha (Orientador) UFMA

Prof. Dr. Helderson Mariani Pires (Examinador Externo) FAAP

Prof. Dr^a. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho (Examinadora Interna) UFMA

Dedicatória

*Aos meus avós, Balbina e Filomeno (in memoriam).
Meu bom José (in memoriam), você (2015), que em
tão pouco tempo me fez viver sentimentos até hoje
nunca explicados.*

*E, ao meu casal de gatos, em particular o Théo, um
siamês que me fez companhia nas longas noites e
dias de estudos com carinho, que em muitos
momentos me avisou que já era dia outra vez. Théo,
um enigma amante dos livros... A Gaia de cores
exuberantes que chegou para somar como a nossa
felicidade, por enquanto, Gaia só come os livros, e,
aos meus quatro afilhados: Nadla Babosa, Luís
Henrique, Mirela Oliveira e Ulisses Emanuel. Meus
filhos amados, recebidos no Sacramento do
Batismo.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora!

Agradeço à minha avó *Balbina da Silva*, que na minha infância me proporcionou amor, educação e cuidados, liberdade e coragem, aprendizagens meio a natureza e sem obrigação escolar. Ao meu avô Filomeno Clarindo, agradecida pelos belos momentos de pescarias, os passeios procurando frutos silvestres, os ensinamentos de respeito, amor e valor pelos animais e pelo meio ambiente. Um fato curioso, que não sei como começou, mas lembro bem o final, “muda o nome dela para aquela música “tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais...” (Anunciação de Alceu Valença), continua vovô “ela adivinha ou vocês têm um segredo para se comunicarem em silêncio”!? Eu e minha avó-mãe, tínhamos uma ligação muito forte, sabíamos sempre o que a outra estava sentindo, pensando, chegando ou partindo... A partida é sempre mais dolorosa!

Agradeço muito ao meu professor e orientador, professor Dr. Luciano da Silva Façanha, que tão amigavelmente, me acolheu em seu grupo de estudos, Gepi Rousseau, obrigada professor, pela confiança, paciência, cuidado e atenção com que você orientou os meus estudos, sempre incentivando a aprofundar a pesquisa no mundo rousseauiano, e principalmente, pelo apoio, a força e as orientações na realização de nossa dissertação que, embora, em tempos difíceis de pandemia foi possível concluir.

Quero agradecer ao professor, Dr. José Assunção Fernandes Leite, pelos anos de labuta na faculdade IESMA, pela amizade e por seus conselhos, orientação e encorajamento para cursar meu mestrado. A professora, Dra. Ellen Carolina Vieira de Paiva, pela amizade, e incentivo, mesmo longe, respirando ares europeus nunca deixou de torcer pelo meu sucesso. A professora Ms. Maria do Socorro Gonçalves Costa, pela acolhida e direcionamento nas pesquisas para o meu mestrado-UFMA. A querida professora Ms. Maria Celeste Pinheiro, pelo seu modo cativante e sorriso fácil nas aulas de filosofia no IESMA. Que me propôs o mais instigante desafio “deixar a filosofia me conduzir”, aceitei, e hoje aqui estou, embora, esse desafio tenha vindo um pouco antes com Padre Abraão, Claudinha, vá fazer o vestibular para estudar filosofia no IESMA, mas foi com você professora Celeste, em História da Filosofia I, que a chama da Filosofia se ascendeu em mim. A querida professora Dr. Maria Olília, sempre gentil, carinhosa e incentivadora na pesquisa. O professor Dr. Flávio Luiz de Castro, sempre muito disposto e atencioso em suas explicações.

Agradeço ao Padre Abraão Marques Colins, pelos cuidados, respeito e compreensão pelas vezes que me ausentei do IESMA, em razão dos meus estudos. Ao Padre Ivanildo

Almeida, pelo carinho e incentivo em nossa caminhada acadêmica e ao Padre Francisco Lima, hoje Dom Francisco Lima, bispo da diocese de Carolina pelo conselho em correr atrás do meu mestrado, “vai conquistar seu mestrado” e continue!

Agradeço também ao Professor Dr. Delmo Mattos da Silva (CEUMA) e à professora Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho (UFMA), que participaram da banca de exame de qualificação do nosso mestrado, me deram a oportunidade de ler outras obras, crescer na construção do texto, e na possibilidade do diálogo. A Zilmara de Carvalho estendemos nossos agradecimentos por ter naquele momento aceitado o convite para fazer parte da banca na apresentação de nossa dissertação, e ao professor Helder Mariani que carinhosamente aceitou o nosso convite para compor a banca de apresentação de nosso mestrado.

Agradeço aos professores do programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult, da Universidade Federal do Maranhão. E os colegas do grupo de estudos Gepi Rousseau, do qual eu sou fruto. À Coordenação do PGCutl. E a amiga Roberta Mouzzana, pela colaboração com as tecnologias. Aos colegas da turma, em destaque o grupo dos filósofos composto pelos cursos de: filosofia, comunicação, direito e letras-libras e a todos aqueles que tem uma parcela de incentivo nesta caminhada!

Agradeço também, aos meus colegas do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão-IESMA, Faculdade Católica do Maranhão pelo incentivo, Henia Sobrinho, Roseane Lemos, Maria do Socorro, dona Deca, e ao bibliotecário nato, Sebastião Welington (carinhosamente Sebá). Obrigada, a família dos Anjos Costa pela amizade e palavras de encorajamento

Aos meus colegas da vivência diária minha gratidão, vocês antes de tudo são meus amigos: Wedson Galvão e família. Ao casal e meus compadres, Alexandra dos Santos e Francivan Barbosa, e família. Ao casal e meus compadres, Lucimara da Silva e Lausdisley Sousa, e família. Ao casal e meus compadres Rosielma Nascimento e Ulisses Sidney, e família. Ao casal e compadres Markeli Oliveira e Rhelriston Oliveira, e família.

Aos amigos que estimo Luís Carlos Andrade Macêdo (Padre Luisinho) e João da Silva Neto (Padre Joãozinho), agradecida pelo carinho, atenção, apoio, preocupação, cuidados e pelas viagens marcantes, pelos nossos momentos inesquecíveis, pelas fantasias e realidades, alegria e alegria. Amigos de muitas vidas que simplesmente amo!

Por fim, agradeço a Deus ainda mais...

Não é sobre as ideias de outrem que escrevo, é sobre as minhas. Nada vejo como os outros homens; há muito tempo sou censurado por isso. Mas cabe a mim dar-me outros olhos e atribuir-me outras ideias? Não. Cabe-me nunca aderir plenamente a minhas opiniões e nunca acreditar ser, sozinho, mais sábio que todo mundo; cabe-me não mudar de sentimento, mas desconfiar dele: eis tudo que posso fazer e que tenho feito.

J.-J. Rousseau

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ROUSSEAU E O ILUMINISMO NO SÉCULO XVIII.....	23
2.1 Enciclopédia e os nobres homens de letras.....	34
2.2 Rousseau desencaminhado pela escrita.....	37
3 ROUSSEAU NA CONTRAMÃO DA ILUSTRAÇÃO.....	50
3.1 O fatídico 24 de julho para Diderot.....	60
3.2 Na estrada de Vincennes <i>aflorou-se a fagulha, o sentimento e a razão</i> rousseauiana para o ensaio do <i>Primeiro Discurso</i>	62
3.3 Aspecto negativo do Iluminismo segundo Rousseau.....	68
3.4 Aspecto positivo do Iluminismo segundo Rousseau.....	76
4 A EDUCAÇÃO NEGATIVA COMO PRESSUPOSTO PARA FORMAÇÃO DO EMÍLIO.....	89
4.1 O papel do preceptor no projeto crítico Educacional de Rousseau.....	99
4.2 A educação como arte cívica: da liberdade a autonomia em Rousseau.....	109
4.3 Educar para autonomia: vivência e prática.....	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERENCIAS.....	132

RESUMO

O pensador Jean-Jacques Rousseau, amado e odiado por muitos de seus contemporâneos, um ilustre homem de letras de um pensamento aguçado, defensor e crítico da sociedade do Século das luzes, via no uso excessivo da razão a decadência dos costumes e da moral. Crítico da exacerbada confiança depositada no progresso da razão como expõe no *Discurso sobre as ciências e as artes* de 1749 em resposta ao questionamento lançado pela Academia de Dijon, sobre o aprimoramento ou a corrupção dos costumes diante o restabelecimento das ciências e das artes, responde ao tema pela via negativa, exaltando a moral enquanto virtude e valor social, deixando a razão em segundo plano, o que lhe rendeu críticas e um local na contramão da ilustração. Rousseau, observa também a educação de sua época, e vê que as crianças não viviam sua infância como deveriam e eram muitas das vezes vistas na condição de adulto em miniatura. Criticando essa questão, apresenta a educação natural exposta na obra *Emílio ou da educação de 1762*, como modelo educacional onde sua aplicação vai despertando a sensibilidade da criança, fortalecendo preceitos naturais e a vivência em sociedade, uma vez que, a educação rousseauiana se fundamenta nos cuidados e na liberdade como pressuposto para sua autonomia. Esses elementos culturais e sociais de acordo com o pensamento de Rousseau, atuam na educação como um guia no conjunto dos saberes formando o homem em si mesmo. Fundamenta-se essas questões em torno do nosso objetivo central que é abordar a teoria cultural, político-filosófica de Rousseau acerca da degradação humana, da valorização exagerada da razão e da educação natural, onde a criança Emílio, deve ser tratada como criança, na condição de criança e que não terá intervenção dos livros científicos até a idade de compreensão da razão.

Palavras-chave: Rousseau. Iluminismo. Progresso da Razão. Educação Natural.

ABSTRACT

The thinker Jean-Jacques Rousseau, loved and oused by many of his contemporaries, an illustrious man of pointed letters, defender and critic of the society of the Century of lights, saw in the excessive use of reason the decay of customs and morals. Critic of the exaggerated confidence placed in the progress of reason as he exposes in the Discourse on the sciences and arts of 1749 in response to the questioning launched by the Academy of Dijon, on the improvement or corruption of customs before the restoration of the sciences and the arts, responds to the theme by the negative way, exalting morals as virtue and social value, leaving reason in the background , which earned him criticism and a place in the face of illustration. Rousseau also observes the education of his time, and sees that children did not live their childhood as they should and were often seen as miniature adults. Criticizing this issue, it presents the natural education exposed in the work Emilio or education of 1762, as an educational model where its application awakens the sensitivity of the child, strengthening natural precepts and the experience in society, since Rousseauian education is based on care and freedom as a presupposition for its autonomy. These cultural and social elements according to Rousseau's thought, act in education as a guide in the set of knowledge forming man in himself. These questions are based on our central objective, which is to approach Rousseau's cultural, political-philosophical theory about human degradation, the overvaluation of reason and natural education, where the child Emilio, should be treated as a child, as a child and who will not have intervention of scientific books until the age of understanding of reason.

Keywords: Rousseau. Enlightenment. Progress of Reason. Natural Education.

1 INTRODUÇÃO

O mundo está vivendo o apogeu das tecnologias, como o avanço nas técnicas que vai da genética a invenção robótica aplicada em todos os ramos das ciências. A ciência tem avançado significativamente no campo dos saberes e continua encantando as sociedades com suas invenções, assim ganha mais forças na moderna sociedade capitalista. A produção do conhecimento tem se aprimorado a cada dia e de modo acelerado, pois não basta saber de seu desenvolvimento, é preciso fazer parte do mesmo que preenche cada vez mais o espaço de Ser. Ressalta-se que a busca pelo conhecimento¹ não iniciou com a modernidade, ela vem desde a Grécia clássica, embora, Chauí destaca que entre os primeiros filósofos esse não era o foco principal como na atualidade.

Na introdução da obra *Paidéia a formação do homem grego*, o autor Werner Jaeger expõe que “todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação”, razão pela qual o autor continua afirmando que “ela é o princípio por meio do qual a comunidade conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual” (JAEGER, 2001, p. 3). Desse modo, no decorrer e na construção da história humana, o homem foi tomando consciência e gosto pelos valores, assim como a necessidade em conservar e transmitir esses valores para propagação de sua própria, e dessa maneira, o conhecimento oriundo das ciências e das artes vem disseminando sua forte presença pelo mundo por diversos caminhos.

Mas vale ressaltar-se que “antes de tudo a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade” (JAEGER, 2001, p. 4), sendo assim, sua eficácia e seu caráter refletem o espírito da comunidade, uma vez que “toda educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, quer se trate da família, de uma classe ou de uma profissão, quer se trate de um agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um estado” (JAEGER, 2001, p. 4). É sempre na comunidade que se pode aplicar e obter resultado de tais fatos.

¹ Quanto a questão segundo Marilena Chauí, “[...] os primeiros filósofos ocupavam-se com a origem e a ordem do mundo [...]” Segue Chauí, eles “não tinham uma preocupação principal com o conhecimento enquanto conhecimento, isto é, não indagavam se podemos ou não conhecer o Ser, mas partiam da pressuposição de que podemos conhecer, pois, a verdade, sendo *aletheia*, isto, é presença e manifestação das coisas para os nossos sentidos e para o nosso pensamento, significa que o Ser está manifesto e presente para nós e, portanto, nós o podemos conhecer”. Mas a autora frisa que não é bem assim: Para tanto, basta levarmos em conta o fato de afirmarem que a realidade (o Ser, a Natureza) é racional e que a podemos conhecer porque também somos racionais; nossa razão é parte da racionalidade do mundo, dela participando” (CHAUÍ, 1995, p. 109-110).

Nessa expansão e aplicação do conhecimento exemplifica-se, os canais abertos das redes sociais e inúmeros portais eletrônicos, além do impresso, este que era e é, há séculos disseminado entre as nações. Com isso, cabe ressaltar que essa ascensão das ciências e das artes, tem levado ainda mais a filosofia a indagar e dialogar com as demais áreas do saber; e sobretudo a condição humana a partir das ciências da educação, da política, da sociologia e da psicologia o modo de vida do homem diante o mundo e das coisas ao seu redor é foco nesses debates, destacando os costumes e os valores que o próprio homem exerce em sociedade.

Na introdução do *Segundo Discurso*, cujo título da obra é *o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*², Paul Arbousse-Bastide diz que “o conhecimento do homem é o mais importante de todos” (BASTIDE, 1978c, p. 205). E no início do prefácio da referida obra, Rousseau inicia o texto expondo que “o mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos humanos parece-me ser o do homem” (ROUSSEAU, 1978c, p. 227). Como podemos observar, o problema do conhecimento é tão antigo quanto o mundo, embora cada época atribua sua devida importância ao mesmo.

No *Discurso sobre as ciências e as artes* ou *Primeiro Discurso*³ como assim também é conhecido, Rousseau faz questionamentos sobre grandes nações como a China,

² “Em 1753, a Academia de Dijon propôs, para prêmio do ano seguinte, a questão: Qual a origem da desigualdade entre os homens e será ela permitida pela lei natural? Rousseau resolveu concorrer mais uma vez. Para se concentrar melhor, porém, deixou Paris e se afastou do convívio dos demais, perto de uma floresta, em Saint-Germain. As confissões contam qual era então seu estado de espírito: Metido o dia todos na floresta, procurava e aí encontrava a imagem dos primeiros tempos dos quais orgulhosamente traçava a história; não dava ouvidos às pequenas mentiras dos homens, minha alma elevava-se até a ‘divindade’. O escritor acabou a obra em Chambéry, redigindo uma dedicatória à Republica de Genebra, que traz a data de 12 de junho de 1754. A obra apareceu impressa sob o título de *Discurso sobre a Origens e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*” (BASTIDE, 1978c, p. 203, grifos do autor). Na composição do Discurso é observado que o autor sofreu por lado influencias do Iluminismo e por outro as influencias das ciências e das artes. No livro XI das *Confissões* Rousseau fala da trama contra ele em razão de suas obras, neste caso, o *Segundo Discurso*. Assim destaca “eu sabia que o *Discurso sobre a desigualdade* tinha excitado contra mim, no conselho, um ódio tanto mais perigoso quanto não o ousava manifestá-lo. Sabia que, em última análise, quando *Nova Heloisa* surgiu, o conselho apressara-se a defendê-lo, por solicitação do doutor Tronchin. Porém vendo que ninguém o imitava, nem mesmo em Paris, teve vergonha daquele estouvamento e retirou a defesa. Eu não duvidava de que achando agora a ocasião mais favorável, não tomasse suas precauções para aproveitá-la. Sabia que, apesar das boas caras que me faziam, contra mim reinava em todos os corações genebrinos uma inveja secreta que só esperava ocasião para se saciar. Não obstante, o amor da pátria me chamava para minha; e se tivesse podido acalentar a esperança de ali viver em paz, não teria hesitado: mas nem a honra, nem a razão permitiam que ali me refugiasse como fugitivo, tomei pois o partido de aproximar-me de Genebra apenas, e ir esperar na Suíça a decisão tomariam em Genebra a meu respeito” (ROUSSEAU, 2018, p. 547).

³ O *Discurso sobre as ciências e as artes* também é chamado de *Primeiro Discurso* é resultado do primeiro *Ensaio* a ser apresentado no concurso proposto pela renomada Academia de Dijon, em 1749 para o prêmio de moral do ano seguinte perguntava se: “o restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar ou corromper os costumes?” Rousseau o pensador solitário que teve os melhores e mais brilhantes momentos de reflexão para produção suas ideias, caminho pela natureza, foi num desses

Grécia e Roma que construíram imponentes impérios, mas que não se mantiveram em suas glórias. Motivos diversos podem ser citados para explicar como essas potências que foram conquistadas e governadas por homens sábios terem caído. Na compreensão de Rousseau, não foi por falta de conhecimento, mas sobretudo por ausência de virtudes.

Pois, não basta ser sábio ou perspicaz na estratégia, é preciso ser virtuoso para se manter na glória. Por esta razão, faz-se necessária a fala de Ernst Cassirer que segundo o autor, as coisas fundamentais só podem acontecer em sociedade, assim “a verdadeira ciência, a verdadeira filosofia, a verdadeira arte não podem florescer em nenhum outro lugar” (CASSIRER, 1992, p. 356), não ser entre os homens, ou seja, só tem eficácia, evidência e verdade em uma sociedade através das ações do homem e que estes tenham como princípio moral a virtude.

O saber na modernidade se tornou preferência de pesquisas, debates e curiosidades entre muitos pensadores, é, pois, nesse dado período que o problema do conhecimento humano toma corpo e passa a ser a pauta central da investigação e do discurso filosófico por diversos países do continente europeu, o que contribuiu com inúmeros resultados na divulgação do conhecimento humano, como por exemplo, a *Enciclopédia*⁴. Desse modo, o conhecer se tornou uma via de acesso à liberdade racional que se buscava além do próprio conhecimento a sua origem primeira, com isso, surgiu uma série de respostas, assim como várias doutrinas que ao longo do desenvolvimento intelectual foram se firmando, adquirindo novos adeptos que asseguravam ter encontrado a tão desejada fonte do conhecimento humano, tendo a razão como principal motor para revolver todos os problemas do homem e como resultando alcançaria sua plena felicidade.

Assim para alguns teóricos e pensadores como citados por Salinas Fortes em sua obra *O iluminismo e os reis filósofos*: para o inglês Francis Bacon (1661-1626), apropriar-

momentos que ele narra no livro VIII das *Confissões* que de um flash de luzes na estrada de Vincennes nasceu o *Primeiro Discurso*. Lourival Gomes Machado, na nota de rodapé número 1, na edição da obra publicada na coleção *Os Pensadores*, diz que: “os acadêmicos de Dijon, consequentemente, propuseram um tema que, sem dúvida, esperavam ver respondido positivamente e, mais, utilizado para o desenvolvimento dum elogio acalorado do ‘restabelecimento das letras e das artes’, ou melhor, da Renascença, que inaugurara uma nova era. Rousseau, contudo, vai responder pela negativa, o que chamará, para seu discurso, atenção maior do que tinham merecido seus antecessores na acusação dos vícios do tempo. É verdade que, embora escrevendo de maneira menos direta e ordenada, como ele próprio confessa, terá sido o primeiro a contribuir claramente importância à moral, deixando a razão em segundo plano. O mundo novo, que diz ter visto na caminhada a Vincennes, é o mundo de seu próprio pensamento, original e oposto às ideias dominantes em seu tempo e em seu meio” (MACHADO, 1978d, p. 329).

⁴ Salinas Fortes chama atenção para importância e grandiosidade era a *Enciclopédia* era organizada e publicada por Diderot e d’Alembert, ela era um “emblema das Luzes, movimento que a humanidade deve à cultura do século XVIII. Tendo começado a ser publicada em Paris em 1751, seu título completo era o seguinte: *Enciclopédia ou Dicionário Racionado das Ciências, das Artes e dos Ofícios, por uma Sociedade de Homens de Letras*” (SALINAS FORTES, 1981, p 47).

se do conhecimento era uma forma de poder; já para René Descartes (1596-1650), era pôr em dúvida todos os conhecimentos; enquanto que para Thomas Hobbes (1688-1679), nada mais era que entender as propriedades das coisas; e em John Locke (1632-1704), apropriar-se da verdade equivalia o despertar para a criticidade levando o homem a se libertar dos preconceitos e do dogmatismo racional. Assegura-se conforme Luiz Roberto Salinas Fortes que “longe de nós a pretensão de esgotar mediante estas fórmulas gerais e vagas o riquíssimo conteúdo destas doutrinas intrincadas. Queremos apenas insistir no fato que sem elas torna-se impensável o movimento de idéias que explodirá no século seguinte” (SALINAS FORTES, 1981, p. 24).

O movimento de ideias revolucionárias⁵ como Salinas Fortes já salientou acima, é o Iluminismo do século XVIII e, junto a tantas ideias e seus teóricos, eis que surge por caminhos solitários Jean-Jacques Rousseau com o *Discurso sobre as ciências artes*, onde o autor afirma que os costumes degeneram o homem à medida que este desenvolve o gosto pelos estudos e pelas letras, essa degeneração ou corrupção dos costumes, se caracteriza por seu distanciamento do estado de natureza, estado de sua origem, de seu modo simples de vida, a vida atual em sociedade modifica seus hábitos resultando num

⁵ “Segundo salinas fortes “desde o século XVII assistimos, assim, aos golpes fatais contra a velha e intócavel ideologia ‘científica’ que se procurava inculcar nos fieis a ferro e a fogo. Do ponto de vista do conteúdo das doutrinas ou das grandes descobertas, o século XVIII pouco acrescenta, na realidade, às conquistas anteriores. Não há dúvida de que no plano da atividade de pesquisa o clima do século é notável efervescência. Se não assistimos a grandes revelações sobre a estrutura física do universo, vemos em compensação o próprio poder público patrocinando dispendioso experimentos científicos. Por exemplo, o governo Luís XV envia equipes de sábios ao Peru e à Lapônia para medir os graus do meridiano em busca de confirmação para teoria newtoniana”. Continua Salinas Fortes explicando que, houve nesse período um progresso múltiplo e rápido pela instituição científica, ou seja, “multiplicam-se as ‘Academias’ científicas, ao mesmo tempo em que produzem avanços tecnológicos, como por exemplo, o aperfeiçoamento de telescópios e microscópios. Basta lembrar, além disso, dos nomes de Laplace, Lavoisier, Benjamin Franklin para nos darmos conta de que o fervor científico cresce intensamente e continua franqueando novas etapas”. O autor ainda reforça que não é só por estas razões que a originalidade do século XVIII é autêntica e nova em relação ao XVII, ou seja, “não é pelo alcance das novas descobertas e pelo avanço geral dos acontecimentos que se mostra melhor a originalidade do século face ao século anterior. Onde os novos sábios e pensadores revelar-se-ão inovadores será em ter conduzido até o fim, aplicando-a generalizadamente, a inspiração do grande racionalismo. A arma *analítica e crítica* que se forja desde o século XVII, os iluministas irão depurar ao mesmo tempo em que irão generalizar o seu emprego, tornando-o sistemático”. Mas “o que é próprio do século XVIII é sua postura, a atitude que se liga ao nome de ‘filósofo’. Ele não mais será visto como um especialista a debater ideias no círculo fechado dos seus pares. Sua ambição é sair pelas ruas, ou melhor, pelos famosos ‘salões’ privados mantidos por personalidades inclusive da aristocracia, onde os nossos heróis se esquecem em intermináveis noites de discussão que são uma instituição típica do século. O sonho destes intelectuais ‘engajados’ é intervir nos acontecimentos e desenvolver uma intensa atividade pedagógica e civilizatória. ‘Servi-vos de vosso espírito’ diz por exemplo Voltaire em uma carta a Helvetius - para esclarecer o gênero humano. Graças à atuação destes verdadeiros propagandistas e agitadores da nova fé amplia-se o círculo de pessoas que leem, constitui-se um público cultivado e se organiza o espaço de uma verdadeira ‘opinião pública’ (SALINAS FORTES, 1981, p. 26-27ss, grifos do autor).

ser fragmentado que chega ser aos olhos do genebrino um “ser tão indigno de meu elogio quanto a simplicidade artificiosa de tais sábios” (ROUSSEAU, 1978d, p. 336-337).

Nesta mesma obra, o autor mostrará as causas dessa degeneração. O Século de Rousseau vem embalado por diversas cabeças pensantes que se encontram dando corpo ao movimento chamado círculos dos homens de letras, do qual fará parte pensadores como Voltaire, Diderot, d’Alembert e Rousseau.

Contudo, diante a degeneração dos costumes e a depravação do homem, Rousseau propõe um novo modo de exercer a educação e que seja “ao contrário” da existente, esta se daria em contato com a natureza, desvelando a verdade e possibilitando uma educação que permita “ao homem se construir naturalmente a partir de si mesmo” (ROUSSEAU, 2017, p. 12), tendo essa formação iniciada ainda na infância, onde cabe, portanto, ao mestre, preceptor⁶ observar e a incentiva-lo, pois, “a educação que se deve dar à criança, desde sua primeira idade, é a educação da natureza, na qual o adulto deve intervir o mínimo possível” (ROUSSEAU, 2017, p. 12). A natureza tem caminhos próprios, basta observar e segui-los.

Nessa comunhão, seguir sem punições disciplinares, onde o desvelamento das coisas deve ser de modo espontâneo, permitindo que haja harmonia com os valores morais. Uma vez que, segundo Carlota Boto “a infância – natural por definição – principia desde cedo a ser degenerada pela nódoa de uma sociedade de máscaras e constrições. A espontaneidade seria vedada em um modelo de educação pautado pela vigilância do social sobre o natural” (BOTO, 1996, p. 28). Eis, portanto a necessidade de se fortalecer primeiro os sentidos antes do aguçamento da razão.

Refletir o conhecimento educacional não é uma tarefa fácil, mas é um desafio enriquecedor, em particular o rousseauniano e sua aplicação, esta que nos levará a compreender sob o olhar do filósofo que podemos nos apropriar do conhecimento por meio da natureza, pois o autor vê nas sensações as primeiras vias de ativação da razão e das nossas faculdades mentais, além de compreender o verdadeiro papel da linguagem nesse processo de aquisição do conhecimento, e no aprimoramento das relações sociais.

⁶ Segundo a teórica Carlota Boto o “*preceptor* é definido no texto enciclopédico como o indivíduo que se encarrega de instruir e formar uma criança com a qual ele se instala no domínio da casa paterna. (...) Montaigne, para quem o condutor de uma criança deveria possuir, antes, uma cabeça bem-feita a uma cabeça cheia. Escutando a fala do discípulo, não competiria ao preceptor falar todo o tempo. Se, por vezes, ele abre os caminhos, por outras, deve deixar o discípulo fazê-lo. Nos termos da *Enciclopédia*: “que ele não cobre da criança apenas os termos da lição, mas seu sentido e substância; que ele julgue o proveito que trará, não mediante o testemunho da memória, mas da vida” (BOTO, 1996, p. 53-54, grifos da autora).

Assim Rousseau enfatiza “observai a natureza e segui a estrada que ela indica” (ROUSSEAU, 2017, p. 53).

Além do exposto, ressalta-se que esta análise é interdisciplinar o que nos permite aproximar o discurso filosófico, antropológico e cultural do autor com outras áreas do conhecimento, nesse caso em particular, com sua obra pedagógica. Rousseau crítico dos livros, mas um amante da arte de escrever, apresenta seu projeto educacional de modo único, expondo suas ideias diante o cenário social e o modo pelo qual tratam as crianças. Para ele, tirar da criança a condição de ser criança é algo como tirar o direito de viver em liberdade, com amor, cuidado e respeito as fases de sua infância. Quanto a questão Carlota Boto diz que: “substituir o olhar infantil pela razão adulta seria perturbar a maturação natural exigida pela ordem do tempo” (BOTO, 1996, p. 28). Por essa razão, Rousseau enfatiza a necessidade de se respeitar cada etapa da infância como bem ele apresenta nos I e II livros do *Emílio ou da Educação*.

Ainda seguindo com as palavras de Carlota Boto, cita-se que a criança, neste caso, “*Emílio* é, antes de mais nada, uma obra que fala de afeto. A criança ali se pauta pela diretriz da emoção, componente da interioridade humana, que, ao fim e ao cabo, funde e confunde sentimento com pensamento” (BOTO, 1996, p. 29). Assim, a educação não dever ser resumida apenas na construção do homem para servir bem sua pátria ou aos interesses de outrem, mas que o forme para a vida.

Desse modo, “a obra pedagógica rousseauiana julga a educação da criança como uma ação continuada de estímulo ao amor pelo conhecimento” (BOTO, 1996, p. 29), daí a necessidade posta em sua didática de ensino, deve-se, portanto, em ensinar antes a ter amor pelo saber antes de conhecer as ciências. Rousseau critica a exploração ideológica contaminada por preconceitos, seja simbólica, ou pela concorrência desenfreada por uma série de outros fatores que afetam o crescimento cultural e moral do homem em sociedade.

A escolha pelo *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, para o início desta análise se dá em razão do autor demonstrar o estado que o homem chegou a partir do progresso do conhecimento humano, e para saída desse contexto, segundo o autor, é necessário cuidar do ser humano desde seu nascimento, pois, à medida que este se afasta de sua origem natural, fica mais depravado, perdido⁷ e doente. Sendo assim:

O que está perdido está perdido; é preciso salvar aquilo que é salvável. Ora, o que é salvável? Na grande sociedade corrompida, é o indivíduo. E Rousseau

⁷ Vê o texto de Luiz Roberto Salinas Fortes, na obra *O bom selvagem* de 1989. A máxima é de Bertrand de Juvenel refletindo as ideias rousseauiana acerca da formação moral, a partir da seguinte frase de Rousseau no *Emílio ou da Educação* que “é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão; não se pode fazer ambos ao mesmo tempo” (SALINAS FORTES, 1989, p. 93).

escreve o Emílio. Na pequena sociedade que não está ainda muito avançada em direção à perdição, é própria sociedade (SALINAS FORTES, 1989, p. 93, grifos do autor).

Após o autor alcançar fama e sucesso com a publicação do *Primeiro Discurso sobre as Ciências e as Artes*, volta a escrever para a Academia de Dijon, apresenta o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, ou *Segundo Discurso*⁸ como já exposto, obra que retrata o suposto estado de natureza, onde que o autor deixa claro se tratar de uma hipótese, pois, talvez, esse estado nunca tenha existindo, que não existe e que talvez nunca existirá. Assim como a suposta condição do homem no estado de natureza, onde este não era nem bom nem mal. Contudo, o autor não vence o concurso dessa vez, mas como ele ressalta nas *Confissões* que não é para obras dessa categoria que são instituídos os prêmios das Academias.

Desse modo, este trabalho consiste em uma pesquisa acerca da degeneração dos costumes que se fortaleceu com o aperfeiçoamento do conhecimento humano, tendo este despertado no homem o interesse pelo luxo e suas riquezas fortalecendo as desigualdades sociais. E para uma possível possibilidade de reparação desses desajustes da conduta humana, Rousseau propõe mudanças na educação e na maneira como instruem as crianças, devendo-se seguir, portanto, a educação da natureza, pois, esta nunca erra. Nesta certeza expõe ele:

Se porventura o duplo fim que nos propomos pudesse reunir-se em um só, suprimindo as contradições do homem, suprimiríamos um grande obstáculo à sua felicidade. Para julgar sobre isso, seria preciso vê-lo todo formado; seria preciso ter observado suas inclinações, ter visto seus progressos, seguido sua marcha; numa palavra, seria preciso conhecer o homem natural (ROUSSEAU, 2014, p. 14).

Portanto, para a elaboração desta análise acerca da crítica rousseauiana, atribuída às ciências e as artes, a degeneração dos costumes e a exaltação da razão e a educação como luz, tem-se como obras centrais o *Discurso sobre as Ciências e as Artes* de 1750, e o *Emílio ou Da Educação* de 1762, este último constituído de 5 livros, que embora à pesquisa cita a obra, destacamos os livros I, II e III. Mas não se limitará a eles, pois os livros IV e V aparecerão citados ao longo da construção do texto, onde faremos uso do pensamento do autor da obra como um todo.

⁸ O segundo discurso não levou o prêmio da Academia de Dijon em 1753, mas “*ao contrário do primeiro discurso, o segundo encontrou, não somente entre os literatos, mas no grande público, um êxito imediato e triunfal. Mornet, que passou em revistas quinhentas bibliotecas particulares do século XVIII, nelas encontrou somente quinze vezes o primeiro discurso, enquanto o segundo aparece setenta e seis vezes, e a Nova Heloísa, cento e sessenta e cinco vezes*” (BASTIDE, 1978c, p. 212, grifos do autor). Portanto, essa receptividade pelo *Segundo Discurso* coloca de vez Jean-Jacques no mundo da literatura, além de denunciar as desigualdades sociais e clamar por liberdade e igualdade entre os homens.

Adotou-se a leitura bibliográfica em Jean-Jacques Rousseau, para dissertação, cujo tema é: **Do declínio da cultura à educação negativa em Rousseau: do *Primeiro Discurso ao Emílio***. Com base neste propósito, além das pesquisas literárias nas obras dos estudiosos sobre o tema exposto. Assim o objetivo deste trabalho é propor uma leitura do *Discurso sobre as ciências e as artes e do Emílio ou da Educação* de Jean-Jacques Rousseau, cidadão de Genebra em solo francês, que vê nas letras e nas artes a depravação da moral e consequentemente a do homem.

Mas que tem a educação natural como uma possibilidade de saída dessa delicada situação, uma vez que, a moral e a educação estabelecidas como bem maior numa sociedade, firmam a virtude e operam um conjunto de ações para demonstrar como o ideal de progresso fundado em falsas ideias sobre o conhecimento humano constitui a decadência humana.

Desse modo, a educação proposta por Rousseau se fundamenta no desejo de combater os excessos desse progresso, é, pois, um novo e modelo revolucionário centrado na autonomia da criança. Rousseau deixa claro que não toma partido, não ser o de sua própria verdade, por isso, se percebe que suas ideias provocam um certo desconforto em seus contemporâneos que seguem a certos preceitos dogmáticos, suas ideias são centralizadas no cuidado, na sensibilidade, no respeito e na valorização da criança ainda na infância. E, dessa maneira formar um homem de modo integral, para que este possa viver e agir em sociedade sem se deixar envaidecer pelo fascínio dos vícios que o progresso das ciências e das artes exaltam. Dessa forma, a pesquisa está dividida em três capítulos:

No primeiro capítulo, aborda-se as críticas de Jean-Jacques Rousseau contra o progresso das ciências e das artes e os males derivados dela para o declínio da cultura e dos costumes apresentados no *Primeiro Discurso*. Apresenta-se Rousseau entre os enciclopedistas, os nobres homens de letras, e o seu desencaminhamento por elas. No segundo capítulo outra questão de destaque na filosofia rousseauiana é o século da Ilustração, que para Rousseau é causa de depravação, embora, tenha possibilitado o homem de usar o conhecimento levando-o a uma revolução cultural e intelectual na história do pensamento moderno, ainda assim, trouxe mais danos do que benéficos. Essa visão negativa em relação ao progresso da razão, fez com que ele fosse visto como o estraga prazeres dos enciclopedistas.

O movimento da Ilustração criticado por Rousseau, mas também admirado, uma vez que, esse movimento visava fundamentalmente estimular a luta da razão contra os

preconceitos com as imposições das autoridades religiosas que “desde o fim do Império Romano, a Igreja incorporou na evangelização a tarefa pedagógica de civilizar os povos que passavam a integrar a sociedade europeia” (SEVERINO, 2012, p. 67). Pois, ainda era marcante a presença da Idade Média, embora, os pensadores racionalistas afirmavam ter chegado ao Século das Luzes, assim a luz do conhecimento parecia atrair numerosos adeptos o que desencadeou o processo de ruptura com o passado. Ressaltando que a relação de Rousseau com o iluminismo no âmbito da elaboração de seu prisma acerca da história humana, aparece na história do pensamento moderno como uma figura extremamente complexa⁹, mas ele está para além dessa complexidade, exatamente por ser único e verdadeiro em seu modo de ser, como Ernest Cassirer e Starobinski disseram.

E concluindo, no terceiro capítulo, analisaremos a educação natural apresentado no *Emílio ou da Educação*, portanto, entendemos que, a oposição apresentada por Rousseau entre o estado natural e estado social, constitui-se como uma possibilidade de repensar o modelo de organização social, isto é, a formação moral do homem que foi construída historicamente numa sociedade infestada pelos vícios em razão da degeneração dos costumes. No foco com a educação, Carlota Boto afirma:

A confiança depositada por Rousseau na tarefa pedagógica situa-se na esteira do fascínio expresso pelos enciclopedistas quanto à primazia dos talentos. Porém, Rousseau deslocará o enfoque, ao salientar a necessidade de regular o pensamento com o fito de procurar ver a criança em sua especificidade. Teórico da política, o autor do *Emílio* paradoxalmente criticará aqueles que norteiam a pedagogia exclusivamente à procura do homem social, do cidadão (BOTO, 1996, p. 26).

⁹ Um crítico do Iluminismo, “porém, mesmo contrastando com os filósofos de sua época, não se pode negar que se considerava um apaixonado pelo movimento” (FAÇANHA, 2014, p. 72), e, por conseguinte, embora, Rousseau não se defina nem como empirista e nem como um racionalista, pode-se afirmar a presença desses dois movimentos em seu modo de pensar e agir. Desse modo, o contraste chega a ser tão forte que de Diderot chegou a dizer que Rousseau perturbava sua alma, ou seja, ele ‘me deixa intranquilo; em sua presença sinto-me como se uma alma amaldiçoada estivesse do meu lado [...]. Não quero voltar a vê-lo nunca mais; ele seria capaz de me fazer acreditar no inferno e no diabo’. Foi essa a impressão que causou nos líderes intelectuais do Iluminismo francês” (CASSIRER, 1999, p. 88). Noutra passagem nesta mesma obra, anterior a esta fala, Cassirer expõe “se mesmo assim Rousseau é abandonado para sempre pelos líderes do movimento intelectual da época, depois destes terem acreditado por pouco tempo ser possível trazê-lo para o seu círculo, por ele lhes parecer estranho e incompreensível, a razão disso é que ele não somente expõe a força fundamental do sentimento, mas também corporifica-a com uma perspicácia nunca vista. Ele não descreve esta força, mas é ela e vive-a – e essa vida é o que o espírito do século XVIII tentava combater e manter distante de si” (CASSIRER, 1999, p. 87). Entretanto, continua-se com Jean Starobinski que em sua obra *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo seguidos de sete ensaios sobre Rousseau* (1991), cita no início do primeiro ensaio: *Rousseau e a busca das origens* “com ele, não se terminada nunca: é preciso sempre recomençar de maneira nova, reorientar-se ou desorientar-se, esquecer as fórmulas e as imagens que no-lo tornavam familiar e nos davam a tranquilizadora convicção de tê-lo definido de uma por todas. Cada geração descobre um novo Rousseau, em quem encontra o exemplo do que ela quer ser, ou do que recusa apaixonadamente” (STAROBINSKI, 1991, p. 277).

Rousseau parte do pressuposto de que a educação natural seja a saída para os descaminhos até então traçados pelo homem, assim, para um retorno ao estado de igualdade, felicidade e liberdade, será preciso começar pela educação condição humana, como afirma no *Emílio*, que caso alguém queira entender o homem e a sociedade “é preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas” (ROUSSEAU, 2014, p. 325). A sociedade civil tem sua constituição em fundamentos políticos, como as leis civis que não constitui o estado natural.

Em consonância com a citação, Jose Assunção Fernandes Leite, expõe em seu artigo sobre a *Condição natural para Platão e Rousseau e suas implicações políticas*, que tanto Rousseau quanto Platão “encontram-se diante uma condição histórica e política que os levam a investigar sobre certas condições que o homem se encontra” (LEITE, 2019, p. 387), razão pela qual o genebrino, inicia o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdades entre os homens* expondo que, a questão a seguir, apresentada por ele será precisamente sobre o homem, assim: “É DO HOMEM que devo falar e a questão que examino me diz que vou falar a homens, pois não se propõe questões semelhantes quando se tem medo de honrar a verdade” (ROUSSEAU, 1999a, p. 51, grifo do autor). Rousseau reflete a história da humanidade e percebe que seus contemporâneos persistem nos erros de seus antepassados ignorando os fatos no contexto social.

Sobre a questão, continua Leite, “já que é que sobre o homem que investigamos a sua condição, o contexto social e político do século XVIII, esse período é rico em elementos para reflexão filosófica de Rousseau” (LEITE, 2019, p. 387), entre esses elementos o estado de natureza era objeto de análise entre os pensadores daquela sociedade, como destaca Marilena Chauí que “os contemporâneos¹⁰ enciclopedistas, tanto quanto ele também fizeram da Natureza o ponto central de suas teorias” (CHAUÍ, 1978a,

¹⁰Segundo Marilena Chauí “continuando o movimento do método indutivo Bacon (1661-1626), da matemática de Galileu (1564-1642), da física de Newton (1642-1727), e do empirismo de John Locke (1632-1704), os enciclopedistas do século XVIII tomavam a natureza como fonte de conhecimento e faziam dela critério de julgamento de idéias e instituições, além de arma de luta contra a tradição escolástica. A natureza, no entanto, é concebida por eles essencialmente como matéria e movimento mecânico, inteiramente exterior ao sujeito humano. Holbach (1723-1789) e Helvetius (1715-1771), por exemplo, objetivam o sujeito cognoscente e reduzem o espírito à natureza e a interioridade à exterioridade. Para Rousseau, ao contrário, a natureza palpita dentro de cada ser humano, como íntimo sentimento de vida. Tomou partido contra os ‘filósofos’ e jamais quis ser chamado assim: ‘Vi muitas pessoas que filosofavam muito mais doutamente do que eu; mas sua filosofia parecia, por assim dizer, estranha... estudavam o universo como teriam estudado qualquer máquina que tivessem visto por curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar sabiamente dela, não para conhecerem a si mesmos’ (CHAUÍ, 1978a, p. XVI-XVII).

p. XVI). A natureza para Rousseau está para além da simples matéria ou paisagem, ela é o próprio Ser criador de todas as coisas puras, inclusive do homem que tem como impulso moderador a partir dessa relação a piedade.

Entretanto, embora, sendo em comum o mesmo objeto natureza, o modo como eles fizeram é contrário e divergente ao pensamento e o comportamento de Rousseau diante a sociedade. A conotação que Rousseau dar para essa relação é de interioridade, é um sentimento inconsciente e que tem uma ação de “basta-se a si mesmo”, como se o homem fosse “Deus”, e nada interferisse nessa conexão (CHAUÍ, 1978a, p. XVII), e as ações da razão só operam como instrumento de conhecimento posterior as ações do sentimento. Ação posta em prática em seu projeto pedagógico.

Desse modo, o autor observa na educação negativa a saída para a deficiência ética e moral. Sendo assim, justifica-se a utilização da obra *Emílio ou Da Educação*, para construção e compressão da proposta apresentada a partir do projeto pedagógico apresentado em seu romance de formação, cujo é dividido em etapas, e sua aplicação vai de acordo com a idade da criança. Por conseguinte, Rousseau destaca no prefácio do *Emilio ou da Educação* que, “em todo tipo de projeto, há duas coisas a considerar: primeiramente, a bondade absoluta do projeto; em segundo lugar, a felicidade de execução” (ROUSSEAU, 2014, p. 5). Com isso, ele apresenta seu projeto educacional, cujo foco é a educação negativa iniciada ainda na infância.

Por esta questão Rousseau chama atenção para os maiores cuidados com a formação da criança que se inicia nos primeiros anos de vida, onde seus sentidos estão se desenvolvendo, sendo este processo concluso com o início da formação moral, incluído aí, a formação religiosa e política. Mas é preciso ter cuidado, como ele mesmo chama atenção no prefácio do *Emílio*, pois, as falsas ideias que fazem a respeito da infância, turvam seu desenvolvimento, principalmente porque a comparam e querem que ela tenha não só o comportamento, mas precisem o entendimento de um adulto. Quanto ao assunto, de acordo com Carlota Boto “planejar, a formação do homem requer, no entanto, aos olhos do autor, percepção da diversidade entre o tempo de ser criança e o tempo de ser adulto” (BOTO, 2006, p. 27).

Desse modo, o autor do *Primeiro Discurso*, chama atenção para a tarefa de educar, esclarecendo que não é fácil, requer tempo e dedicação como ele expõe que “não me desapontei nem me apressei: a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para poder ganhá-lo” (ROUSSEAU, 2014, p. 175). Entretanto, será necessário que o preceptor coloque as crianças em atividades práticas com as coisas

diariamente para ter familiares com estas, assim as crianças desde cedo já se habituarão com ações, sejam elas ganhando ou perdendo algo, isso fará parte de suas vidas e fortalecerá o amadurecimento destas.

Crescerão entendendo as diferenças em satisfazer seus desejos e em ter frustrações por não possuírem o que querem sempre que quiserem, pois nem sempre querem por necessidades, e o preceptor precisa estar atento a isso. O princípio da educação natural de Rousseau se fundamenta assim, em não aceitar uma educação intelectualizada pautada nos livros antes dos doze anos e observando os caprichos ou manhas que as crianças podem por ventura usar para satisfazer seus desejos desnecessários. Podando-os desde cedo serão livres desses infortúnios vícios.

Contudo, segue Rousseau “consideremos, pois, as ciências e as artes em si mesmas, vejamos que deve resultar de seu processo e não hesitemos em concordar sem restrições quando nossos raciocínios estiverem de acordo com as induções históricas” (ROUSSEAU, 1978, p. 342). Portanto, como se percebe a filosofia rousseauiana tanto provocou como inovou na moral, na educação e na política. Assim, segue-se nessa relação com a filosofia, a cultura e a educação para conclusão da proposta apresentada acima em uma expressiva análise das obras já citadas de Rousseau, assim como também de seus comentadores que contribuirão para nossa conclusão.

2 ILUMINISMO NO SÉCULO XVIII

Não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe gosto para amá-las e métodos para aprendê-las quando tal gosto estiver mais desenvolvido. Este é, muito certamente, um princípio fundamental de toda boa educação

J.-J. Rousseau

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, ano de 1712 e morreu em 1778. Rousseau dotado de excepcionais qualidades, inteligência e imaginação, foi um dos maiores escritores e filósofos do seu tempo ao lado de Diderot, D'Alembert e tantos outros nomes que elevaram o pensamento científico e literário na França do século XVIII. Rousseau foi um dos mais preciosos colaboradores do movimento enciclopedista, célebre homem de letras.

O genebrino Jean-Jacques Rousseau em 1749, apresenta um ensaio para concorrer ao prêmio da Academia de Dijon, abordando sobre o aprimoramento ou o declínio dos costumes sociais diante os avanços do conhecimento. Na introdução do *Primeiro Discurso* feita por Paul Arbousse-Bastide, o autor inicia citando o livro VIII das *Confissões* e a Segunda Carta ao Sr. de Malesherbes, onde Rousseau descreve as circunstâncias que cercaram a composição do *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. No prefácio da obra Rousseau afirma

Eis aqui uma das maiores e mais belas questões jamais agitadas. Não se trata, de modo algum neste discurso, dessas sutilezas metafísicas que dominaram todas as partes da literatura e das quais nem sempre são isentos os programas de academias, mas de uma daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano (ROUSSEAU, 1978d, p. 331).

Rousseau começa seu discurso repetindo a pergunta feita pela academia de Dijon se “o restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para aprimorar ou corromper os costumes? Diante a questão, o autor do *Primeiro Discurso* afirma “eis o que é preciso examinar” (ROUSSEAU, 1978d, p. 333). Segue o autor consciente que seu discurso pode não agradar e até mesmo não ser compreendido do tema lançado pela academia, já que seu posicionamento seguiu caminho contrário as louvações feitas às ciências e às artes.

Sei que será difícil acomodar o que tenho a dizer ao tribunal perante o qual compareço. Como ousar censurar as ciências perante uma das mais sábias companhias da Europa, louvar a ignorância e numa academia célebre e conciliar o desprezo pelo estudo com o respeito pelos verdadeiros sábios? (ROUSSEAU, 1978d, p. 333).

Não é de se admirar o respeito que ele tem pela ciência, assim como também não é de se esperar que ele feche olhos para o mal que esta representa aos costumes. Rousseau com isso adota uma postura crítica, sem escolher partidos, a não ser o da verdade,

apontando os dois lados da questão, os malefícios e os benéficos, resta, pois, a sociedade escolher qual caminho seguir. Diante o aprimoramento do conhecimento e o suposto melhoramento dos costumes, expõe ele a situação da sociedade europeia:

A Europa tinha tornado a cair na barbárie dos primeiros tempos. Os povos dessa parte do mundo, hoje tão esclarecida, viviam há alguns séculos em estado pior do que a ignorância. Não sei que algaravia científica ainda mais desprezível que a ignorância, usurparia o nome do saber e opunha um obstáculo quase invencível à sua volta (ROUSSEAU, 1978d, p. 334).

Rousseau recorda as guerras entre os impérios antigos e se refere sociedade europeia da atualidade (século XVIII), que passava por mudanças frenéticas, as técnicas e os saberes vindos desses países se ampliam e juntas crescem o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da economia, embora parte dessas riquezas do mundo moderno poucos tenham acesso, o que não se diferencia da atualidade. O apego ao luxo, distancia a bondade do coração dos homens presos as aparências (realidade século XXI). A corrupção se instala de modo que os valores são deixando em segundo plano. Quanto aos males desse período Zilmara de Carvalho, em seu artigo a *Abordagem sobre as possíveis relações entre o progresso e o mal natural em Rousseau* afirma que:

No séc. XVIII proliferavam toda sorte de males que poderiam, grosso modo, ser classificados de morais: situações de intolerância, fanatismo e perseguições religiosas; desigualdades e injustiças sociais, decorrentes da extrema pobreza de muitos e do enriquecimento de poucos; cerceamento da liberdade de expressão, resultante de uma política respaldada no absolutismo, que culminava em prisões, decapitações, exílios, enfim num jugo opressor sobre os que ousavam pensar. A sordidez das alianças espúrias, o jogo de poder, as relações baseadas na aparência, as traições, quebras de pactos e de amizades refletem, no referido século, as mazelas de uma sociedade pervertida e decadente (CARVALHO, 2017, p. 189).

Diante de tais acontecimentos Rousseau percebe que o mal em si não se encontra nas ciências e nas artes, mas no progresso do mal moral, o homem, portanto, diante de seu comportamento atinge de modo negativo até a ordem natural, “as ciências seguiram as artes, à arte de escrever juntou-se a arte de pensar-[...], por meio de obras dignas de sua aprovação recíproca” (ROUSSEAU, 1978d, p. 334). Evidencia-se, portanto, que no pensar de Rousseau, a decadência cultural das grandes nações foi favorecida pelo uso excessivo dos vícios e do luxo, as sociedades com menos desenvolvimento artísticos e científico são superiores às mais desenvolvidas, pois elas mantêm seus hábitos simples e humilde.

No foco da questão, Cláudio Dalbosco cita em seu livro *A educação natural em Rousseau* que “o progresso das ciências e das artes não significa o melhoramento moral, mas a depravação humana” (DALBOSCO, 2011a, p. 118), logo o que se percebe é que,

com a supervalorização da razão e os avanços da ciência o comportamento do homem moderno mudou despertando a ambição pelo acúmulo de riquezas que se torna latente, acarretando mudanças drásticas, os laços afetivos perdem espaços, as amizades são por interesses¹¹ e a inveja dá lugar para as necessidades fúteis, com isso, o homem natural cada vez mais distante de sua origem se afunda em um mar de lamas, de ignorância e quase sem liberdade. Diante as circunstâncias, o homem segue acorrentado, cedendo lugar a sua própria incapacidade de reagir aos encantos da vaidade e da depravação.

Enquanto o governo e as leis atendem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro que estão eles carregados, afagam-lhes o sentimento dessa liberdade original. Fazem com que ame sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados (ROUSSEAU, 1978d, p. 334-335).

Em nome do progresso o homem vive guiado por uma crença de que tudo sabe e tudo pode, assim se afasta de sua origem vinda de uma quase que total liberdade, onde tudo era de todos. Por esta razão, Rousseau conclui que, “antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a todos caracteres” (ROUSSEAU, 1978d, p. 336). Segue o autor argumentando que o modo de vida do homem moderno se deu pela necessidade que este teve de se comunicar, manter contado com outros povos em razão do comércio, como apresenta no *Ensaio sobre a origem das línguas* que:

Esse modo de escrever, que é o nosso, com certeza foi imaginado por povos comerciantes que, viajando em inúmeros países e tendo que falar diversas línguas, se viram forçados a inventar caracteres que pudessem ser conhecidos de todos. Não se trata, precisamente, de escrever a palavra, mas de analisá-la (ROUSSEAU, 1978b, p. 167).

Desse modo, Rousseau esclarece que “cabe as letras, às ciências e às artes reivindicarem o que lhes pertence numa obra tão salutar” (ROUSSEAU, 1978d, p. 337). Nota-se que o restabelecimento das ciências e das artes não preenche a lacuna que o homem procura satisfazer. Cabe a razão provar que o surgimento do conhecimento não é precisamente um mal em si. “Consideremos, pois, as ciências e as artes em si mesmas,

¹¹ Zilmara de Carvalho expõe que no “*Segundo Discurso*, afirma Rousseau que através do progresso o homem foi construindo um mundo artificial, fruto de paixões vãs, que foram sendo forjadas e sofisticadas pelo aumento do conhecimento. Afastando-se, assim, de sua natureza, de seu ser, enveredando por desejos supérfluos e relações pautadas na mera aparência e voltadas para a satisfação de interesses egoístas. Trata-se de uma espécie de corrupção moral aí desenhada. Temos paixões primitivas que em si mesmas não são más, porém com uma aquisição maior de conhecimentos, novas paixões vão sendo produzidas e com elas novos conhecimentos e o vício vai se engendrando nas paixões humanas – conforme detalhará mais tarde no livro IV do *Emílio*” (1761) (CARVALHO, 2017, p. 193).

vejamos o que deve resultar de seu processo e não hesitemos em concordar sem restrições quando nossos raciocínios estiverem de acordo com as induções históricas” (ROUSSEAU, 1978d, p. 342).

Na segunda parte do *Primeiro Discurso* Rousseau começa falando do surgimento do conhecimento humano, onde sua origem não tem uma definição única, ou seja, não se tem um manual específico do seu nascimento, mas as descobertas de novos povos e suas manifestações culturais em muito contribuíram para o aprimoramento dos saberes como as descobertas de novos mundos, as revoluções comerciais¹² marítimas em 1500 são exemplos desse aperfeiçoamento. Portanto, os conflitos de interesses pelos novos continentes e suas especiarias colocam o mundo em choque entre as nações, assim tantos jogos de poderes são fatos que levam Rousseau ao imaginar o passado da humanidade, reproduzindo a imagem do homem virtuoso, livre de ganância e da desigualdade.

Mas com o nascimento das ciências, a virtude se confunde, pois, o aprimoramento de muitas dessas ciências nasceu da vaidade, isto é, “[...] todas elas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem, portanto, seu nascimento a nossos vícios: teríamos menor dúvida quanto às suas vantagens, se o devessem as nossas virtudes¹³” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343). Nesta citação fica evidente que as críticas do autor atribuídas as ciências não vêm de um simples capricho ou por pensar diferente dos demais, mas das próprias evidências de sua origem como mostra a seguir as notas de rodapés de Lourival Gomes Machado e Paul Arbousse-Bastide.

E mais como as ciências não vivem fora do luxo, Rousseau assegura que “o pecado de sua origem marcou-se fartamente em seus objetos. Que faríamos das artes sem o luxo que a nutre? ” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343). Certamente não haveria o espetáculo das

¹² Na contextualização o autor expõe: “no plano socioeconômico, processava-se a passagem do feudalismo para o capitalismo, passagem essa relacionada com o florescimento do comércio, o estabelecimento das grandes rotas comerciais, o predomínio do capital comercial e a emergência da burguesia, no final do período anterior. Paralelamente, ocorria a centralização do poder político nas mãos dos reis e formavam-se os primeiros Estados nacionais modernos, como Portugal, Espanha, Inglaterra e França. As mudanças chegavam ao âmbito religioso, no qual a Reforma protestante, ultrapassando as fronteiras de uma mera reforma ou ajuste, provocava a quebra da unidade religiosa europeia. Paralelamente, com a criação de novos métodos de investigação científica, desenvolvia-se a ciência natural, impulsionada pela confiança nas possibilidades da razão, que questionava os princípios da ciência escolástica e os dogmas do cristianismo. Todos esses acontecimentos contribuíam para modificar, em várias regiões, o modo de ser, viver e perceber a realidade de grande número de europeus, o que se expressava em suas artes, ciências e filosofias” (CUTRIM; FERNANDES, 2013, p. 252-253).

¹³ Lourival Gomes Machado na nota 52 diz “como se vê, a condenação das ciências e das artes já está feita, ganhando, nessa segunda parte do discurso, novas confirmações. E, de vista moral” (MACHADO, 1978d, p. 343). Nesta mesma obra, Paul Arbousse-Bastide na nota 53 afirma que “*O Pecado de sua origem*: o que na sua origem é uma lacuna, uma grave imperfeição” (BASTIDE, 1978d, p. 343, grifos do autor).

ganâncias, das desigualdades, das guerras, assim ressalta-se que “o luxo raramente, apresenta-se sem as ciências e as artes, e estas jamais andam sem ele” (ROUSSEAU, 1978d, p. 344). Portanto, o genebrino acredita que se os benefícios da ciência não forem para bem social, sua finalidade pode ser comparada com a má política que por ausência da ética e da moral, age em benéficos próprios, embora use o nome da sociedade. A ciência não deve se converter apenas ao luxo, mas está como um princípio moral, a serviço do bem comum.

De que precisamente se trata, pois nessa questão de luxo? Trata-se de saber o que é mais importante para os impérios – serem brilhantes e momentâneos, ou virtuosos e duráveis. Digo brilhantes, mas qual o seu brilho? O gosto pelo fausto absolutamente não se associa, nas mesmas almas, com o da honestidade. Não, não é possível que espíritos degradados por um mundo de preocupações fúteis se elevem por uma vez a algo de grande e, se tivessem força, faltar-lhes-ia coragem (ROUSSEAU, 1978d, p. 345).

Rousseau questiona a incessante busca pelas coisas supérfluas, que dão uma felicidade passageira, ilusória, o gosto avassalador que caracterizada a ostentação no luxo não importa a origem, e nessa busca pelo ter e o parecer não é de se estranhar que os homens tenham comportamentos absolutamente estúpidos e prefiram atividades como as morais. A sociedade se entrega aos prazeres trazidos para seu meio pelas belas-artes e sem refletirem sobre a mensagem encantadora do fausto, afastando-se cada vez mais de seus costumes. “Se nossas ciências são inúteis no objeto que se propõe, são ainda mais perigosas pelos efeitos que produzem” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343).

Nenhuma sociedade está livre do mal, pois o próprio tempo se encarrega desse que pode ser aceito como causa natural, ainda assim, tanto “na política, como na moral, é um grande mal não se fazer de algum modo o bem e todo cidadão inútil pode ser considerado um homem pernicioso” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343), uma vez que as paixões que corrompem o homem por sua invenção são as que surgem em companhia das letras e das artes. Sendo assim, torna-se necessário questionar de que forma o homem adquiriu os conhecimentos e o que faz desse aprimoramento perante a sociedade que vive, senão a sua degeneração diante a aquisição dos saberes a um preço que vale a sua própria liberdade. Rousseau pede de modo irônico aos filósofos que respondam¹⁴ suas indagações.

¹⁴ Portanto, “respondei-me, pois, filósofos ilustres, vós por intermédio de quem sabemos por que razões os corpos se atraem no vácuo; quais são, nas revoluções dos planetas, as relações entre as áreas percorridas em tempos iguais; quais as curvas que têm pontos conjugados, pontos de inflexão e de retrocesso; como o homem vê tudo em Deus; como, sem comunicação, se correspondem a alma e o corpo, tal como o fariam dois relógios; quais os astros que podem ser habitados; quais insetos que se reproduzem de modo extraordinário – respondei-me, repito, vós de quem recebemos tantos conhecimentos sublimes, se não nos tivésseis nunca ensinado tais coisas, seríamos com isso menos numerosos, menos bem governados, menos

Diante das transformações no cenário do século das luzes os ideais iluministas eram disseminados por todo o país, a comunicação se multiplicava e a *Enciclopédia* publicava artigos em inúmeras áreas do saber, pois seu núcleo era posto por uma diversidade de mentes ilustres que serviu como vitrine para Revolução Francesa. O Iluminismo como define Nicola Abbagnano em seu *Dicionário de Filosofia*, é a “linha filosófica caracterizada pelo empenho de estender a crítica e o guia da razão em todos os campos da experiência humana” (ABBAGNANO, 2015, p. 616), seguindo ainda nesse contexto de mudanças históricas do século das luzes, como a capacidade de pensar e agir que o homem desenvolveu por si só, que o autor da obra *O iluminismo e os reis filósofos* de 1981, o definiu de ‘Filosofia da Ilustração’ (SALINAS FORTES, 1981, p. 08).

Continuando com Salinas Fortes, o século das luzes não é um movimento que se defina de modo uno, definitivo e prático, segundo o autor “compreender o Iluminismo é estudá-lo bem de perto e interrogá-lo, problematizá-lo”. (SALINAS FORTES, 1981, p. 9). Uma vez que, diante da complexidade de pensamentos em diversos aspectos que compunham a *Enciclopédia*, tal complexidade seja possível dizer que o Iluminismo é “um movimento de ideias que se manifesta através de uma grande variedade de obras distintas, mas que, no entanto, participam de um ‘espírito’ comum” (SALINAS FORTES, 1981, p. 14), os verbos aplicados por Salinas Fortes na citação descrevem bem a agitação do espírito inquieto dos iluministas e em especial o de Rousseau que duvidou e questionou os excessos e a cega confiança depositada na razão.

Os questionamentos feitos por Rousseau, tais como em que o progresso das ciências e das artes contribuíram para a verdadeira felicidade humana? O próprio autor responde afirmando que em “nada acrescentou” a não ser a corrupção do gosto e a depravação dos valores por intermédio de seus costumes. Portanto

[...], se o progresso das ciências e das artes nada acrescentou à nossa verdadeira felicidade, se corrompeu os costumes e se a corrupção dos costumes chegou a prejudicar a pureza do gosto, que pensaremos desta multidão de autores secundários que afastaram do templo das musas as dificuldades que lhes barravam o acesso e que a natureza tinha aí espalhado como uma prova para a força daqueles que seriam tentados a saber? Que pensaríamos desses compiladores de obras que indiscretamente forçaram a porta das ciências uma população indigna de aproximar-se delas, enquanto seria de desejar-se que todos aqueles que não pudessem ir longe na carreira das letras fossem obstados desde o começo e lançassem às artes úteis à sociedade? (ROUSSEAU, 1978d, p. 350-351).

temíveis, menos florescentes ou mais perversos? Reconheci, pois, a pouca importância de vossas produções e, se o trabalho dos mais esclarecidos de nossos sábios e de nossos melhores cidadãos nos proporciona tão parca utilidade,izei-nos o que devemos pensar dessa chusma de escritores obscuro e de letrados ociosos que, em pura perda, devoram a substância do Estado” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343-344).

Como já citado Rousseau é um leitor voraz e dentre suas leituras estão pensadores e filósofos modernos como, Descartes, Newton, Hobbes e Spinoza, porém, com ressalvas, pois os dois primeiros são vistos como grandes gênios do conhecimento. O pensamento de alguns desses filósofos¹⁵ tem para Rousseau efeitos catastróficos e o mais preocupante ainda é que seus feitos estarão perpetuados e passando de geração para geração, assim como muitos dos homens de seu século.

Quanto aos gênios da virtude acrescenta que “não carecem de professores aqueles a quem a natureza destinou a fazer discípulos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 350-351). Por seu posicionamento recebeu duras críticas, foi visto como um louco, inimigo das ciências, pois viver no cenário iluminista, ser um iluminista e pensar contrário o progresso das ciências e das artes, no entender de seus contemporâneos era ir contra a razão. Mas, conforme Marilena Chauí, Rousseau era de fato diferente dos demais filósofo.

a natureza como fonte da felicidade humana, relevando ao máximo a carga mística de sua vivência e formulando a concepção que ela só pode ser compreendida pelo sentimento e não pela razão, Rousseau desempenhou papel original dentro da filosofia do século XVIII (CHAUÍ, 1978a, p. XVI).

Continua Marilena Chauí, explanando que embora, fosse Rousseau visto como antissocial por seus contemporâneos¹⁶, ressalta-se eles também utilizaram a natureza,

¹⁵Embora, Rousseau se refira a alguns filósofos anteriores, sua crítica se aplica precisamente aos seus contemporâneos, como esclarece A. P. - Bastide na nota 75. “Essa diatribe contra a filosofia visa sobretudo aos ‘filósofos’, com quem Rousseau convivia no círculo em que se preparava a Enciclopédia, mas suas alusões ultrapassam-nos” (BASTIDE, 1978d, p. 349). A incoerência, superficialidade, a busca pela fama a qualquer custo por esses homens, leva Rousseau a indagar “o que é a filosofia? Qual conteúdo das obras dos filósofos mais conhecidos? Quais são as lições desses amigos da sabedoria? Ouvindo-os, não os tomaríamos por uma turba de charlatões gritando, cada um para seu lado, numa praça pública: ‘vinde a mim, só eu não engano!’ Um pretende não haver corpos e que tudo só existe como representação; o outro não haver substância senão a matéria, nem outro deus senão o mundo. Este avança não haver virtudes, nem vícios, e serem quimeras o bem e o mal morais; aquele, que os homens são lobos e podem, com consciência tranquila se devorarem uns aos outros. Oh! Grandes filósofos, por que não reservais para vossos amigos e filhos essas lições proveitosas? Teríeis logo a recompensa e não temeríamos encontrar entre os nossos alguns de vossos sectários” [...]. Continua Rousseau “os escritos ímpios, de Leucipo a Diágoras, pereceram com eles; não se tinha ainda inventado a arte de eternizar as extravagâncias do espírito humano, mas, graças aos caracteres tipográficos e a utilização que deles fazemos, ficarão para sempre os perigosos sonhos dos Hobbes e dos Spinozas” (ROUSSEAU, 1978d, p. 349-350).

¹⁶Marilena Chauí na vida e obra de Rousseau, da coleção *Os Pensadores*, explana sobre a diferença e aproximação do pensamento de Rousseau com Sócrates, assim “diante dos filósofos anteriores que se preocupavam em descobrir a constituição fundamental do mundo da matéria, Sócrates reivindicou como centro do pensar filosófico o próprio homem e os valores que orientam sua conduta. Mas a diferença maior entre Sócrates e Rousseau não reside nisso, mas no fato de que o ‘conhece-te a ti mesmo’ socrático é tarefa intelectual a cargo da razão e Rousseau, ao contrário, vê no intelecto uma faculdade que conduz o homem para fora de si mesmo. Rousseau aponta o sentimento, essa outra faculdade infinitamente mais ‘sublime’, como o verdadeiro caminho para a penetração na essência da interioridade. O sentimento com instrumento de penetração na essência da interioridade é outro dos elementos estruturais do pensamento de Rousseau. Núcleo central de todo pensar filosófico, constituiria a chave com que se pode compreender toda a natureza e alcançar misticamente o próprio infinito. Deixar de lado as convenções da razão civilizada e emergir no fundo da natureza através do sentimento significa elevar-se da superfície da terra até a totalidade dos ‘seres, ao sistema universal das coisas, ao ser incompreensível que tudo engloba’. Conforme Chauí, “a ideia de

tendo-a ponto central para suas teorias. A diferença é que Rousseau dava maior conotação aos sentimentos do homem em relação a natureza, tendo com ela uma relação mística, de dependência que não poder ser compreendido pela razão. Assim, conforme a autora, expõe-se que:

A natureza, no entanto, é concebida por eles essencialmente como matéria e movimento mecânico, inteiramente exterior ao sujeito humano. Holbach (1723-1780) e Helvetius (1715- 1771), por exemplo, objetivam o sujeito cognoscente e reduzem o espírito à natureza e a interioridade à exterioridade. Para Rousseau, ao contrário, a natureza palpita dentro de cada ser humano, como íntimo sentimento de vida. Tomou partido contra os ‘filósofos’ e jamais quis ser chamado assim: ‘Vi muitas pessoas que filosofavam muito mais doutamente do que eu; mas sua filosofia parecia, por assim dizer, estranha... Estudavam o universo como teriam estudado qualquer máquina que tivesse visto por curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar sabiamente dela, não para conhecerem-se a si mesmos’ (CHAUI, 1978a, p. XVI-XVII).

Rousseau, no *Primeiro Discurso*, ao lançar seu olhar crítico sobre os costumes e sua degeneração, resultado da impregnação do luxo, não está indo contra as ciências ou as artes, mas ao uso excessivo delas, tanto que ele chega a indagar o porquê de alguns países como Roma e Grécia, terem sucumbido seus grandes impérios diante de tentas conquistas. Suas ruínas ocorreram por falta de conhecimento? Qual conhecimento faltou a esses impérios? Em consonância com o pensamento do genebrino, na tentativa de compreender tamanha desordem, foi o apego ao luxo¹⁷ que sufocou a virtude com todas as formas de vícios, assim a pergunta, talvez mais apropriada certamente não é o porquê de suas ruínas, mas saber do que se trata e como se trata precisamente.

Sendo assim, “de que precisamente se trata, pois nessa questão de luxo? Trata-se de saber o que é mais importante para os impérios – serem brilhantes e momentâneos, ou virtuosos e duráveis. Digo-lhe brilhantes, mas qual o seu brilho?” (ROUSSEAU, 1978d, p. 345). É necessário, contudo, frisar que apesar de toda essa potencialidade muitos

que o sentimento místico da natureza não pode ser separado do sentimento de interioridade pessoal constitui aquilo que se costuma chamar o espírito ‘romântico’ de Rousseau” (CHAUI, 1978a, p. XIV-XV).

¹⁷ Na introdução às notas (i) sobre o *Segundo Discurso* “o luxo, impossível de ser prevenido entre homens ávidos de suas próprias comodidades e da consideração dos demais, rapidamente termina a obra do mal que as sociedades começaram e, a pretexto de permitir que vivam os pobres, coisa que não devera fazer, empobrece todo o resto e, cedo ou tarde, despoeva o Estado. O luxo é um remédio muito pior do que o mal que pretende sanar, ou melhor, ele mesmo, em qualquer Estado, grande ou pequeno, é o pior de todos os males que possam advir e, para sustentar uma multidão de criados e de miseráveis engendrados por ele, oprime e arruína o operário e o cidadão. É como aqueles ventos escaldantes do Sul que, cobrindo a erva e a verdura de insetos devoradores, subtraem a substância dos animais úteis e levam a todos os lugares em que se fazem sentir a morte. Da sociedade e do luxo engendrado por ela, nascem as artes liberais e mecânicas, o comércio, as letras e a todas essas inutilidades que fazem a indústria florescer, que enriquecem e perdem os Estados. É muito simples o motivo dessa ruína. [...] Tais são as causas visíveis de todas as misérias a que a opulência acaba por lançar as nações as nações mais admiradas” (ROUSSEAU, 1978c, p. 294-295).

homens se perdem meio aos conflitos, ora por serem livres, ou por quererem agradar ou ainda por se mostrarem sempre mais fortes, mais hábeis e mais poderosos diante as demais nações. O brilho pelo qual Rousseau se refere não está nessas aparências, mas está para além do brilho do ouro e dos aplausos, este não é um brilho de uma glória momentânea, mas de um reconhecimento brilhante por sua humildade, por isso, será virtuoso e durável.

No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau expõe que

Os homens são maus – uma experiência triste e contínua dispensa provas; no entanto, o homem é naturalmente bom – creio tê-lo demonstrado; o que, pois, poderá tê-lo deprimido a esse ponto senão as mudanças sobrevindas em sua constituição, os progressos que fez e os conhecimentos que adquiriu? (ROUSSEAU, 1978c, p. 291).

Contudo, toda essa perversidade do homem, esse comportamento louco em busca de reconhecimento e admiração dos outros, que ativa sua vaidade, é uma questão que requer atenção e cuidados no enunciado, pois, todas essas mudanças não é porque o homem tenha duas naturezas, ou seja, uma hora ele é bom e outra hora ele é mau. Não, não é isso. A questão está em todas essas mudanças que ocorreram na transição do estado primitivo para o estado civilizado, mudanças essas já citadas como as que levaram as ruínas de algumas sociedades e a depravação do homem.

É, portanto, em razão das mudanças adquiridas ao longo de sua evolução em sociedade com o aprimoramento das letras e o progresso do conhecimento como o próprio Rousseau esclarece acima, que o homem se tornou esse ser ambicioso, inseguro, vaidoso, mas a sua natureza é tendenciosamente boa e única. A natureza é parte constituinte do ser humano conforme Rousseau no livro I do *Emílio* que todas as coisas são puras até serem tocadas pelas mãos humanas.

É, pois, por estas razões que esse homem perverso nas palavras do autor, também é visto pelo mesmo autor como um ser de bondade, pois a sua natureza é boa, porém fora do estado natural sofre as influências do estado civil, ora, os meios contribuíram para essas mudanças em seu comportando a ponto de agir contra o que podemos dizer: a si mesmo. Pois agindo contra a natureza, age contra si mesmo. Logo, “aí está o efeito mais evidente de todos os nossos estudos, a mais perigosa de suas consequências” (ROUSSEAU, 1978d, p. 348), ou seja, sua depravação. Por conseguinte, num mundo onde o interesse e a disputa vêm de desejos particulares é quase impossível não haver conflitos, pois o homem passa a ser visto não pelo que é, mas pelo que representa ser, eis

aí, o verdadeiro retrato do ser civilizado¹⁸, dele nasce o sentimento de superioridade, nasce as desigualdades sociais.

Perante os fatos, o homem passa a questionar o mundo que vive e o modo como vive diante do desconhecido, pois, “por mais que se admire a sociedade humana, não será menos verdadeiro que ela necessariamente leva os homens a se odiarem entre si à medida que seus interesses se cruzam” (ROUSSEAU, 1978d, p. 347), tanto que, desse modo, continua o autor “se a cultura das ciências é prejudicial as qualidades guerreiras, ainda o é mais as qualidades morais. Já desde os primeiros anos, uma educação insenta orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento” (ROUSSEAU, 1978d, p. 347). Ressalta-se que o comportamento crítico e pessimista do autor, não se fundamenta num retrocesso ao estado de natureza, mas numa constante dúvida em razão do comportamento do homem diante os argumentos pautados no uso absoluto da razão.

Certamente, o espírito do iluminismo convoca condutas livres, sem normas dogmáticas controladoras, além desse árduo e tenso caminho, existe a necessidade de manter a aproximação do diálogo entre os saberes filosóficos e matemáticos. Portanto, compreender as luzes da razão não é tarefa fácil de se empreender, ainda mais quando os pensamentos surgem de diversas ciências, de diversas arestas, como define Cassirer

O século XVIII confere a razão um sentido deferente e mais modesto. Deixou de ser a soma de ‘idéias’, anteriores a toda a experiência, que nos revela a essência absoluta das coisas. A razão define-se muito menos como uma *possessão* do que como uma *aquisição*. Ela não é o erário, a tesouraria do espírito, onde a verdade é depositada como moeda sonante, mas o poder original e primitivo que nos leva a descobrir a estabelecer e a consolidar a verdade. Essa operação de assegurar-se da verdade constitui o germe e a condição necessária de toda a certeza verificável. É nesse sentido que todo século XVIII concebe a razão. Não a tem em conta de um *conteúdo* determinado de conhecimentos, de princípios, de verdade, preferindo considerá-la uma *energia*, uma força que só ser plenamente percebida em sua ação e em seus efeitos. [...]. A razão desliga o espírito de todos fatos simples, de todos os dados simples, de todas as crenças baseadas no testemunho da

¹⁸O prazer do homem pelo poder é causa para sua perdição? Segundo Rousseau “o homem selvagem, depois de ter comido, fica em paz com toda a natureza e é amigo de todos os seus semelhantes. Caso, por vezes, tenha de disputar a alimentação, jamais avança desferindo golpes, sem antes ter comparado a dificuldade de vencer com a de encontrar em outro lugar sua subsistência, e, como o orgulho não indefere no embate, este acaba com alguns murros; o vencedor come, o vencido vai tentar a sorte e tudo fica em paz. Mas com o homem em sociedade, as coisas se passam muito diferentemente: trata-se, em primeiro lugar, de atender ao necessário e, depois, ao supérfluo; depois, vêm as delícias e, depois, as imensas riquezas; depois os súditos e os escravos. Não há um momento de descanso. O que há de mais singular é que, quanto mais naturais e prementes são as paixões e, o que é pior, o poder de satisfazê-las, de forma que, depois de longas prosperidades, depois de terem se devorado muitos tesouros e arruinado muitos homens, meu herói acabará por tudo sufocar até que seja ele o único senhor do universo. Esse, abreviadamente, o quadro moral, senão da vida humana, pelo menos das pretensões secretas do coração de todo homem civilizado. Comparei, sem prevenção, o estado do homem civil com o homem selvagem e indagai, se puderes, como, além de sua maldade, suas necessidades e misérias, o primeiro abriu novas portas à dor e à morte”. Portanto, diante análise do autor, podemos ter a resposta da questão acima. Só comparar como ele mesmo indica. (ROUSSEAU, 1978c, p. 292).

revelação, da tradição, da autoridade; [...]. Mas após esse trabalho dissolvente, impõe-se de novo uma tarefa construtiva. É mediante esse duplo *movimento* intelectual que a idéia de razão se concretiza plenamente: não como a idéia de um ser mas como a de um fazer (CASSIRER, 1992, p. 32-33, grifos do autor).

O Iluminismo não é uma ideia pronta, não segue paramentos ortodoxos, não segue só o que já está ditado, mas possibilita o pensar e o modo de fazer as coisas, assim ‘cada século’, dirá Diderot, ‘tem um espírito que o caracteriza: o espírito do nosso parece ser o da liberdade’ (SALINAS FORTES, 1981, p. 16). Em termos de autonomia a constituição do século XVIII, é ser “livre no exercício de sua razão”. Constituído de autonomia, traz consigo a necessidade de refletir¹⁹ e atuar de modo consciente sobre os ditames sociais que evidenciavam subordinação, obediência, assim as facetas do Iluminismo seguem um percurso de revelações, dúvidas e esclarecimento como princípio emancipador e de liberdade.

Nessa composição de exercer sua função com liberdade, Benedito Nunes no livro *No tempo do niilismo* assevera que “todas as ciências e todas as artes, cujo progresso quase completamente cessara há dois séculos, retomaram nestas forças novas, começaram, por assim dizer, uma nova carreira...’, declara Fontenelle, em 1702, aos seus colegas da Academia Real de Ciências” (NUNES (1993, p. 148). Retomando aos discursos dos feitos científicos de pensadores como Galileu Galilei e Isaac Newton, a ciência no século XVIII, reformula seu caminho na luz da razão, conduzindo uma nova geração de intelectuais, filósofos que lutavam contra preconceitos e todos os tipos de heresias na época. Uma luta entre o bem e o mal.

¹⁹ Segundo Rouanet “a definição de Kant fornece os elementos de que precisávamos. A Ilustração se propunha criticar todas as tutelas que inibem o uso da razão e julgava possível fazê-lo a partir da própria razão. Ela tinha dois vetores: a crítica e a razão. O novo Iluminismo assume como próprios esses dois vetores. Ele é ao mesmo tempo crítico e racional. São duas condições necessárias e suficientes. Uma crítica que não seja racional ou uma razão que não seja crítica não podem ser consideradas iluministas[...]”. Contudo “vimos que a aceitação do pensamento ilustrado não é incondicional. Ele precisa ser depurado e atualizado. O Iluminismo recolhe da Ilustração seus dois elementos constitutivos, mas sabe que não está lidando nem com a mesma razão nem com a mesma crítica. As duas seções anteriores — a crise da razão e a crise da modernidade — sugerem algumas pistas que mostram em que direção poderiam ser repensadas essas duas dimensões constitutivas”. Continua Rouanet, afirmando que “a razão do novo Iluminismo não pode mais ser a do século XVIII, que desconhecia os limites internos e externos da racionalidade e não sabia distinguir entre razão e ideologia. A nova razão deveria ter as características que atribuí à razão sábia: capaz de crítica e autocrítica, apta a devassar em suas verdadeiras estruturas as leis e instituições, armada para desmascarar os discursos pretensamente racionais e consciente de sua vulnerabilidade ao irracional”. Desse modo, segundo o autor “a nova crítica não pode mais ser a da Ilustração, porque seu objeto não é mais o mesmo. Ela continua sendo a crítica da atualidade, mas é evidentemente outra atualidade. A crítica da Ilustração se defrontava com uma atualidade pré-moderna, em que não haviam surgido ainda as condições estruturais para assegurar a autonomia humana” (ROUANET, 1987, p. 31).

2.1 A Enciclopédia e os nobres homens de letras

O século XVIII foi marcado por uma enorme proliferação do saber por meios de jornais, revistas e diálogos que divulgaram o conhecimento mais abrangente que nos períodos anteriores, e um dos canais de acesso as informações foi *Enciclopédia* que do ideal de um dicionário passou a ser um dos maiores projetos de apoio do movimento iluminista na Europa e com esse objetivo, passou a informar os cidadãos sobre a realidade no mundo. Assim esse projeto filosófico iniciado pelos filósofos Diderot e d'Alembert, durou por mais de 20 anos, sendo iniciada suas publicações em Paris 1751, e teve duas fases. “Sua publicação estende-se de 1751 a 1780, dividindo-se de 1751 a 1757, a primeira, e a segunda de 1762 a 1772” (SALINAS FORTES, 1981, p. 48), foi a primeira editora francesa com toda essa dimensão.

Salinas Fortes em seu livro *Bom Selvagem*, afirma que “a grande Enciclopédia, editada por Diderot e D'Alembert em Paris e cuja publicação se estende por mais de vinte anos, é a imagem mais completa do espírito filosófico da época” (SALINAS FORTES, 1989, p. 10), ela era formada por um universo complexo de comportamentos e ideais, mas, embora essa composição tivesse espíritos diversos e tão evoluídos, não deixou de gerar grandes divergências entre eles. Quanto à questão, continua Salinas Fortes em *Iluminismo e os reis filósofos* que “se há entre eles muita convergência de ideias é em virtude da participação em uma empreitada comum - como, por exemplo, na elaboração da grande *Enciclopédia* francesa - ou em uma mesma atmosfera cultural” (SALINAS FORTES, 1981, p. 14).

Ressalva-se que, embora, houvesse embates de opinião entre os filósofos também havia harmonia e consenso como no caso da Igreja do século XVIII, a fé continuou existindo, pois, o problema não era a existência de Deus, mas o posicionamento imposto pelas autoridades políticas e eclesiásticas. Enquanto os intelectuais discorriam sobre a razão, exaltando a capacidade racional do homem, o clero juntamente com a monarquia justificava seu poder absoluto pela vontade divina. A *Enciclopédia* passou a ser um grande manifesto da Ilustração, um manifesto de esclarecimento racional político, cultural, sociológico e filosófico que tinha a visão guiada pela liberdade individual.

Destaca-se também que todos os iluministas pensavam em comum acordo contra esses dois sistemas questionando o direito à livre expressão, combatiam a intolerância religiosa, rejeitavam a monarquia e o comportamento do clero que além das injustiças praticadas por eles censuravam o modo do saber filosófico, a escrita e as publicações, portanto os ilustrados além de se oporem às ideias religiosas e ao absolutismo político

vigente na França que era formada pelos três Estados, onde a coroa e a realeza iam contra aos princípios citados acima, segundo Franklin de Mattos.

O objetivo geral do grande inventário do conhecimento é, que como se sabe, liberar os homens dos preconceitos que os impedem de usar livremente sua razão: triunfando sobre a ‘barbárie’, nas luzes da razão exorcizam a superstição e o fanatismo, e incitam os homens à benevolência (MATTOS, 2001, p. 29).

Homens como Diderot, Voltaire, Rousseau, e Montesquieu formaram a liga dos principais intelectuais filósofos do Iluminismo no século das luzes, discutindo filosofia, política, economia, artes, ciências, educação e etc., dentre os pensadores não menos importantes como Condorcet, Buffon entre outros que integravam o grupo. Sobre a importância, o movimento e a função destes, Cassirer diz:

Contudo, não é menos evidente para todos esses pensadores que compete à razão assumir a direção do movimento de renovação política e social, a ela cumpre empenhar o facho. Só se encontrará a força bastante para vencer o mal se este for totalmente esclarecido, levando as ‘luzes’ até as suas causas e suas fontes (CASSIRER, 1992, p. 354).

Portanto, o esclarecimento tem a função social no combate as superstições com o intuito de conduzir a moral restabelecendo os valores éticos, essa luz surge com força em forma de texto atingiu um número cada vez maior de leitores. A *Enciclopédia* contribuiu para a difusão do saber²⁰ intelectual que, embora tenha sofrido alguns ataques e censuras por seus opositores por vezes também chegou a ser fechada, mas o entusiasmo que conduzia seus membros continuou, pois nem mesmo a prisão de Diderot os fez calar, atiçou ainda mais as mentes da ilustração. Como assevera Cassirer:

‘As idéias que se adquire pela leitura e pela sociedade são o germe de quase todas as descobertas. É um ar que se respira sem pensar nele e ao qual se deve a vida’. O espírito da *Enciclopédia*, seu sentimento da vida e do pensamento talvez nunca tivessem sido expressos numa fórmula mais justa e mais concisa (CASSIRER, 1992, p. 356).

Caso o palco para apresentar seus objetivos não fosse uma sociedade, pois “a sociedade é o ar vital, a verdadeira ciência, a verdadeira filosofia, a verdadeira arte não podem florescer em nenhum outro lugar” (CASSIRER, 1992, p. 356). Assim, algumas

²⁰ Mas, Cassirer ressalta que “nos líderes do iluminismo, essa fé no poder da razão não assenta em bases puramente intelectuais. Sem dúvida, ainda se pode apontar o puro intelectualismo de D’Alembert e a fria serenidade do seu espírito matemático, mas Diderot já nos aparece como um personagem muito diferente, muito mais imaginativo do que pensador intelectualista. Mesmo em seus projetos propriamente intelectuais, ele deixa-se arrastar por sua imaginação e muito além dos limites do demonstrável. Ao referir-se à vaga ambígua oposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’, bom que se diga que Rousseau, comparado a Diderot, surge-nos então, em certa medida, como um racionalista. Diderot jamais atingiu, nem se esforçou nunca por atingir, nos seus artigos da *Enciclopédia* referentes a questões fundamentais de ordem política e social, o rigor dedutivo que caracteriza o *Contrato Social*. E, no entanto, ainda não é aí que reside a diferença decisiva que opõe um ao outro” (CASSIRER, 1992, p. 354).

intuições como a imprensa passou a ter mais espaço e destaque diante o grande palco, a sociedade, para a propagação dos inúmeros temas tratados nesse período, combatendo as injustiças, as desinformações e as falsas crenças contra a ciência, como aponta Peter Burkner que a imprensa²¹ periódica teve papel fundamental na divulgação do conhecimento. Tanto que:

A imprensa, especialmente a periódica, também pode ser considerada uma instituição que incentivou de maneira crescente a vida intelectual no século XVIII, contribuindo para a difusão, coesão e poder da comunidade imaginada da República das Letras. Não menos que 1.267 periódicos em francês foram criados entre 1600 e 1789, 176 deles entre 1600 e 1699 e o restante a partir de então (BURKE, 2003, p. 54).

Dentre os difusores do saber, destaca-se também a cena teatral, que embora tenha interpretação por parte dos filósofos de modo diferente. Assim, o teatro para Diderot está além das encenações, aparece como luz que ilumina o homem na escuridão conduzindo-o para sua liberdade, a cena dramática sensibiliza e aguça as paixões despertando os sentimentos, os valores e a harmonia social. Portanto, segundo Franklin de Mattos

Se o objetivo da *Encyclopédie* é ‘mudar a maneira geral de pensar, pode-se dizer que o objetivo da reforma da cena será mudar a maneira de compor peças de teatro, a maneira de desempenhá-las e, ainda, a maneira de vê-las, o que exige novos autores, novos atores e um novo público’ (MATTOS, 2001, p. 30).

A hegemonia assumida pela *Enciclopédia* apresentava com esses novos autores e atores as mais diversas expressões e alcançou uma vasta distribuição com suas publicações, assim a *Enciclopédia*, reduto dos homens de letras, foi um empreendimento editorial de grande expressão no século XVIII, onde ela não era apenas um objeto ou um lugar de trabalho, ou de encontro de alguns intelectuais insatisfeito com o sistema político imposto na época, ela era mais, isto é, era vista como veículo do conhecimento e desse modo se apresentava na sociedade com o objetivo de despertar um olhar crítico, com uma nova mentalidade tendo capacidade de combater os preconceitos e a ignorância. Portanto:

²¹ O século XVIII, além da imprensa se serviu com alguns lugares como salões e café para reuniões dos intelectuais a favor da expansão do conhecimento como afirma Peter Burkner que “foi uma época importante para associações voluntárias de muitas espécies, muitas delas devotadas à troca de informações e ideias, muitas vezes a serviço da reforma [...]. Organizações ainda menos formais, como o salão e o café, desempenharam um papel na comunicação de ideias durante o Iluminismo. Em Paris, os salões foram descritos como os “espaços de operação do projeto iluminista”. Sob a direção de Madame de Tencin, por exemplo, Fontenelle, Montesquieu, Mably e Helvétius se encontravam para discussões regulares, enquanto Mme. De L’Espinasse era anfitriã de d’Alembert, Turgot e outros membros do grupo que produziu a *Enciclopédia*. Em Paris, o Procope, fundado em 1689, servia como ponto de encontro para Diderot e seus amigos. Os donos dos cafés frequentemente exibiam jornais e revistas como modo de atrair clientes, encorajando assim a discussão das notícias e o surgimento do que muitas vezes é chamado de ‘opinião pública’ ou ‘esfera pública’. Essas instituições facilitavam encontros entre ideias e indivíduos” (BURKE, 2003, p. 53-54).

É em um mesmo gesto que a razão se propõe como instrumento soberano de conhecimento e, ao mesmo tempo, com instância suprema incumbida de reger os destinos históricos do homem e conduzir à emancipação diante dos preconceitos do passado, assim como dirigir e organizar a vida em sociedade. Não há dúvida de que a filosofia política da época encontrará, como veremos, as respostas mais variadas para a questão de se saber como realizar concretamente, em termos de organização político práticos, este sonho especulativo. Mas trata-se de um ideal unanimemente partilhado (SALINAS FORTES, 1981, p. 19-20).

Desse modo, a *Enciclopédia* com seus ilustres pensadores propaga com fé as luzes da verdade para os novos leitores e ao público²². Quanto ao valor da proposta dos diretores do dicionário, com uma nova roupagem, não é exagero dizer que ela foi essencial na propagação social e política do século XVIII, embora com altos e baixos prosperou por anos com inúmeras publicações no ciclo chamado homens de letras na sociedade da ilustração.

2.2 Rousseau desencaminhado pelas letras

Jean-Jacques Rousseau, um genebrino dotado de excepcionais qualidades intelectuais e de imaginação fértil, foi um dos maiores escritores e filósofos do seu tempo, ao lado de Diderot, Voltaire, D'Alembert, pensadores já citados, e tantos outros nomes que elevaram naquela época o pensamento científico e literário da França. Rousseau foi sem receio de dizer, uma das mentes mais brilhantes na colaboração do movimento enciclopedista.

Rousseau, filósofo autodidata, nunca frequentou uma academia para aprimorar seus conhecimentos, sua educação na primeira infância, ficou aos cuidados de sua tia paterna, Suzanne Rousseau. A educação das letras chegou cedo a criança Rousseau por obra de seu pai, cidadão de Genebra, Isac Rousseau, e porque não atribuir também este fato a sua mãe, Suzanne Bernard, embora, Rousseau tenha ficado órfão de mãe muito cedo, assim aos cuidados de seu pai inicia a viagem literária que mudaria todo percurso

²² Certo que o novo faz revolução, nesse caso, a exemplo do bem-estar que Salinas Fortes salienta “Novos domínios, novos territórios vão sendo descobertos no mapa do saber. A atenção do sábio se volta para este mundo, a transcendência cede lugar à imanência. Um novo objeto de estudos começa a se desenhar no horizonte: o próprio homem. Uma nova ‘ciência’ começa a se impor: a História. Os homens percebem, através do estudo do seu passado, que a massa de conhecimentos adquiridos pode ser utilizada e posta a serviço do seu próprio bem-estar. Surge, por conseguinte, como um corolário necessário de todas estas descobertas, um novo mito, um novo ideal, uma nova ideia reguladora, ou seja, a ideia de *Progresso*. Se o universo é inteiramente racional não é absolutamente legítimo esperar que o acúmulo e a multiplicação dos conhecimentos permitirão ao homem cada vez mais dominar ou domesticar a Natureza, racionalizando e melhorando indefinidamente suas condições de vida?” (SALINAS FORTES, 1981, p. 20-21, grifos do autor).

de sua história. Viagem esta que o autor chega a afirmar no Livro VIII das *Confissões* que foi a sua perdição. Marilena Chauí, na descrição da vida e obra de Rousseau, diz que “durante muito tempo, pai e filho viveram do culto a Suzanne e os dois ‘devoraram’ uma grande coleção de romances que ela deixara” (CHAUÍ, 1978a, p. VII). Suzanne Bernard e Isac Rousseau tiveram um outro filho antes de Rousseau, este ganhou o mundo e não se teve mais notícias de seu paradeiro.

A leitura acrescentara muitos progressos na vida de Rousseau, assim também o descaminha de sua inocência, sentiu através das letras o peso das palavras, dos sentimentos doces e amargos, da ternura e do medo o que aguçou sua percepção, tendo assim fácil compreensão das coisas como se pode observar nas palavras de Salinas Fortes que “aos oito anos, servindo-se da biblioteca paterna, Rousseau lê historiadores e moralistas, particularmente o escritor grego como Plutarco (50-125 d.C.), autor de *Homens ilustres*” (SALINAS FORTES, 1989, p. 16, grifos do autor). Nota-se que a história, a educação, a filosofia e a política eram inseridas no cotidiano de Rousseau como se fosse o mundo de um adulto, questão que mais tarde ele abordará em seu projeto de educação, o *Emílio*, demonstrando os perigos das letras impostas na vida das crianças sem respeitar cada fase de desenvolvimento.

O menino órfão, superdotado que mal lembrava de outro ofício na infância a não ser o da leitura, a ausência do pai e o luto da mãe, trilha um caminho jamais imaginado, com sentimentos confusos e descobertas que mudaram seu comportamento, contudo, relata que “tais foram os autores dos meus dias. De todos os dons com que o céu os dotou, um coração sensível foi o único que me deixaram: mas se isso fez sua felicidade, contribuiu para todas as desgraças da minha vida” (ROUSSEAU, 2018, p. 15). O garoto prodígio, sem educação regular, marcado por acontecimentos que definiram sua infância, deixando dores profundas em sua alma, confessa no livro VIII das *Confissões* que:

Não sei como aprendi a ler; só me recordo das minhas primeiras leituras e do efeito que elas tiveram em mim: é desse tempo que eu dato, sem interrupção, a consciência de mim mesmo. Minha mãe tinha deixado alguns romances; pusemo-nos a lê-los, meu pai e eu, após a ceia. De princípio, tratava-se apenas de me treinar na leitura, com livros engraçados; mas dentro em breve o nosso interesse tornou-se tão vivo, que começámos a ler sem descanso alternadamente um e outro, passando as noites nesta ocupação. Nunca podíamos abandonar o volume senão no fim. Algumas vezes meu pai, ouvindo de manhã as andorinhas, dizia, cheio de vergonha: Vamos deitar-nos; ainda sou mais criança do que tu (ROUSSEAU, 2018, p. 16).

Salinas Fortes, assevera que as noites literárias de pai e filho, são interrompidas por ocasião de um desentendimento de Sr. Isac Rousseau com um homem da lei, obrigando-o assim a fugir de Genebra para Nyon, deixando a pobre crianças aos cuidados

dos parentes paternos. Rousseau recebeu atenção, foi encaminhado aos cuidados do pastor Lambercier, nos arredores de Genebra, mas não se adaptou as lições tão pouco aos lugares em que as recebia sua formação.

A leitura lhe dava mais prazer, tanto que, num um certo dia em horário de trabalho foi flagrado com um livro desviando seus afazeres, visto, portanto, como um ato indisciplinar, seu comportamento gerava desentendimento e castigo levando o jovem genebrino a fugir aos “dezesesseis anos de idade” da cidade para escapar dos maus tratos do patrão, assim se inicia uma nova fase na vida de Jean-Jacques Rousseau, que o levará até Madame de Warens²³. “Este foi o início de sua vida nômade” (SALINAS FORTES, 1989, p. 17). Desse período errante que vai de 1728 a 1742, vagueia e trabalha pelo sul da França, pelo norte da Itália, pela Suíça, lendo muito, ensinando música, vivendo de vários empregos, vivendo da sorte, dos sabores das circunstâncias e de seus amores.

Em 1749, depois da prisão de Denis Diderot, em uma de suas idas a Vincennes para visitá-lo na prisão, no caminho Rousseau tomou notícia de um concurso lançado pela academia de Dijon, que tratava sobre a questão dos costumes, isto é, “se o progresso das ciências e das artes contribuiu para aprimorar ou corromper os costumes”? (ROUSSEAU, 1978d, p. 332). Ao se deparar com tal questão no *Jornal Mercure de France*, Rousseau ficou transtornado a ponto de descrever toda aquela agitação como delírio das ideias em sua mente

Assim que fiz a leitura, divisei um outro universo e tornei-me outro homem. Embora eu tenha uma lembrança viva da impressão que recebi, os detalhes me fugiram depois que depusitei numa de minhas cartas a M. de Malesherbes. É uma das esquisitices de minha memória, esquisitice que bem merece ser citada (ROUSSEAU, 2018, p. 331-332).

Todo esse agitado universo de Rousseau, vem dos mundos percorridos em suas leituras, ainda muito cedo habituou-se com a arte das letras, seguindo o pensamento de Starobinski (1991), que o ser humano primeiro domina a fala para depois conhecer as

²³ “Louise Éléonore de la Tour du Pil, baronesa de Warens em Annency, jovem de 29 anos, protestante de origens, porém, convertida ao catolicismo é um dos personagens mais importante na vida Rousseau, desde sua chegada em Annecy, aos cuidados dela, a vida agitada em Paris iniciando sua vivência com o ciclo dos grandes pensadores, os ilustres homens de letras como Condillac, Diderot e Voltaire. “Enfim chego: vejo madame de Warens. Esta época de minha vida determinou meu caráter; não posso resolver-me passar por ela ligeiramente” (ROUSSEAU, 2018, p. 52). Continua o genebrino “se são capazes, que expliquem, aqueles que negam a simpatia das almas, como desde a primeira entrevista, desde a primeira palavra, do primeiro olhar, madame de Warens me inspirou, não somente o mais vivo apego como uma confiança perfeita, que jamais se desmentiram” (ROUSSEAU, 2018, p. 56). Dessa confiança, segurança e afeto fica evidente o que segundo Salinas Fortes afirma: Rousseau “passou a ser o ‘predileto’ da Maman”, nesse período aos cuidados dela nasce outra “grande paixão e primeira vocação: a música” (SALINAS FORTES, 1989, p. 17-18).

letras, Jean-Jacques iniciou quase que ao mesmo tempo. Contudo, sua trajetória de vida se faz tão importante quanto sua percepção filosófica refletindo sobre o conflito vivido pelo homem civilizado, suas inclinações corruptivas, as circunstâncias diante uma liberdade que mais parece aprisioná-lo. Diante tanta agitação conta-nos que:

Naquela ocasião lembro-me perfeitamente de que, ao chegar a Vincennes, estava numa agitação que raiava o delírio. Diderot percebeu-a; expliquei-lhe a causa e li para ele a prosopopeia de Fabricius, escrita a lápis debaixo de um pé de carvalho. Aconselhou-me a dar largas às minhas idéias e a concorrer ao prêmio. Assim o fiz e desde então fiquei perdido. O resto todo de minha vida e minhas infelicidades foram o inevitável efeito daquele momento de desvario (ROUSSEAU, 2018, p. 332).

De acordo com sua narrativa nas *Confissões*, foi a partir desse momento que toda sua paz, sua liberdade se perdeu, pois, a angústia que sentia vendo o avanço do ser humano para o precipício, caindo em degeneração, afastando-se cada vez de sua origem primitiva despertou com intensidade suas reflexões sobre a proposta da Academia de Dijon, com relação aos avanços científicos e seus benéficos para o progresso social. Vale ressaltar que embora, Rousseau acreditasse nesse progresso, viu mais males do que benefícios, por isso, não deixou de advertir que a vaidade e o gosto pelos vícios os direcionavam para tirania. Diante os fatos, pode-se dizer que foi por essas questões que foi difícil para ele controlar e transcrever suas ideias. Como ele mesmo expõe:

Elevaram-se meus sentimentos, com a mais inconcebível rapidez, colocando-se ao lado de minhas idéias. Todas as minhas pequenas paixões foram abaladas pelo entusiasmo da verdade, da liberdade e da virtude; e o que há de mais surpreendente é que aquela efervescência se manteve em meu coração, durando mais de quatro ou cinco anos, a um grau tão alto como talvez nunca tenha se feito sentir no coração de qualquer homem (ROUSSEAU, 2018, p. 332).

No livro II das *Confissões* ele já apresenta a fonte de onde gerou todas suas paixões, sentimentos confusos e ideias tão difíceis de organizar, mas que o conduziu por toda sua vida, desse período doce, mas também amargo, brotou em seu coração a paixão pelos romances, pela humanidade e pelas letras, esse sentimento e essa postura são vistos em todas suas obras. As ciências das letras despertaram em Rousseau sentimentos e linguagens variáveis onde ele confessa que, embora, ali na sua infância, não houvesse a intenção de educá-lo, mas de passar o tempo entretidos nas leituras, foi, pois, um método perigoso. Mas, contudo, me atrevo aqui dizer, que foi daí que nasceu sua preocupação com a educação e a maneira de ser iniciada na infância, tanto que, anos depois foi apresentado no *Emílio ou da Educação*, um menino fictício que em seus primeiros anos

de vida, seria educado sem o conhecimento dos livros científicos. Com suas palavras expõe-se que:

Em tão pouco tempo adquiri, com esse método perigoso, não só uma enorme felicidade de ler e de me dar entender, como, para a minha idade, uma compreensão extraordinária das paixões. Não formava nenhuma ideia sobre as coisas, e já todos os sentimentos me eram conhecidos. Nada havia concebido. Tudo havia sentido. Essas emoções confusas que experimentei seguidamente não alteram o raciocínio que eu ainda não tinha; porem formaram-me de uma outra têtora e me deram noções bizarras e romanescas sobre a vida humana, noções das quais nem a experiência nem a reflexão conseguiram curar-me perfeitamente (ROUSSEAU, 2018, p. 16).

Por transitar ainda muito jovem por caminhos diversos, ao chegar no mundo que desejou alcançar não se sentiu compreendido, ressaltando que Rousseau é um crítico de si mesmo, fato percebido no *Primeiro Discurso*, que ele o define como uma obra sem harmonia, sem organização lógica. No livro VIII das *Confissões* reforça sua insatisfação justificando que é uma obra “completamente falha de lógica e de ordem; de todas as que já saíram de minha pena é a de raciocínio mais fraco”. Contudo, ainda no mesmo parágrafo não deixa de reconhecer a importância de seu trabalho e tenta se retratar consigo mesmo, embora com pouca modéstia, reconhece que “a arte de escrever não se aprende repentinamente”, de sorte, nem entre aqueles que tenham nascido com algum talento (ROUSSEAU, 2018, p. 333).

Nota-se um Rousseau desapontado com o próprio trabalho, primeiro pelo sucesso que lhe tornou público, tirando seu sossego, não é ingratidão, é apenas tristeza pelas más interpretações contra sua pessoa, seu conjunto de ideias e seu comportamento. Depois pelo fato do autor ter certeza de ter publicado obras bem mais estruturadas como o projeto de educação apresentado no *Emilio*, mas que foram censuradas e queimadas como ele fala na *Carta a Christophe de Beaumont* (1762), “uma miserável questão de academia, agitando involuntariamente meu espírito, lançou-me em uma correria para qual eu não tinha sido feito; um sucesso inesperado mostrou-me ali atrativos que me seduziram” (ROUSSEAU, 2005, p. 40).

Embora desencaminhado pela mesma escrita que o levou ao reconhecimento como escritor, homem público, também lhe tirou a paz, seu sucesso com as letras despertou inveja, perseguições e calúnia não só por parte do Parlamento, mas também segundo ele, por aqueles que outrora fora seus amigos, Rousseau nunca perdeu o encanto pelas letras, tão pouco seu entusiasmo pela verdade de que tanto acreditava, mesmo diante as inúmeras acusações que recebeu como inimigo da nação, um ser subversivo, entre outros dizeres difamadores.

O incansável Rousseau em defesa de sua reputação moral, sempre usando a pena, instrumento em que mais se sentia seguro para expor sua opinião, afirma na *Carta* que “se tivesse atacado apenas meu livro, eu lhe deixaria a última palavra, como o senhor ataca a minha pessoa; e quanto maior sua autoridade entre os homens, menos me é permitido calar quando o senhor pretende desonrar-me” (ROUSSEAU, 2005, p. 39). “Multidões de adversários atacaram-me sem me entender, com uma estupidez que me irritou, e com um orgulho que talvez tenha inspirado algum em mim” (ROUSSEAU, 2005, p. 40). Os insultos a sua pessoa o irritavam mais do que as críticas atribuídas aos seus livros.

Rousseau, ao responder seus adversários, que insistiam tecer contra ele insultos, nunca perdia de vista suas convicções, assim como seu tom irônico, com questionamentos que nem sempre seus adversários compreendiam ou sabiam responder, causando-lhes humilhações públicas, fato esse que só fortaleciam as querelas. O autor reconhecia a grandeza de um discurso, tanto quanto a ausência de talentos neles. Ora, relata

Defendi-me, e, de disputa, vi-me envolvido na carreira quase sem ter consciência no que fazia. Descobrir-me, por assim dizer, convertido em autor à idade em que se deixa de sê-lo, e em homem de letras por meu desdém por essa condição. Desde de então gozo de algum renome público, mas a tranquilidade e os amigos desapareceram [...]. Escrevi sobre diversos assuntos, mas sempre segundo os mesmos princípios: sempre a mesma moral, a mesma crença, as mesmas máximas e se quiser, as mesmas opiniões. Juízos contraditórios, no entanto, foram feitos sobre meus livros, ou, antes, sobre o autor dos meus livros, porque fui julgado pelos assuntos de que tratei muito mais do que meus sentimentos (ROUSSEAU, 2005, p. 40).

De colaborador da *Enciclopédia* para fama, de homem público ao isolamento²⁴ social, fatos estes narrados nas quatro *Cartas* encaminhadas ao Senhor Presidente de

²⁴ Nas 4 *Cartas* de Rousseau a Malesherbes, contém a descrição de seu caráter, seu estado de espírito, sua saúde e o porquê de seu isolamento social. *Carta 1* “nasci com amor natural pela solidão que só fez aumentar conforme conhecia mais os homens [...]. Oh! Senhor, quanto vos enganais! Era em Paris que me sentia; era em Paris que uma bília negra devorava-me o coração, e a amargura dessa bília se faz demasiado sentir em todos os escritos que publiquei enquanto lá estive (ROUSSEAU, 2005, p. 20). *Carta 2* “fui mais ativo na infância, mas nunca como outras crianças. Esse tédio de tudo levou-me cedo à leitura. Com seis anos, Plutarco caiu-me nas mãos, com oito anos sabia-o de cor; tinha lido todos os romances, eles tinham-me feito derramar baldes de lágrimas, antes da idade em que o coração se interessa pelos romances [...] e acabou por me desgostar de tudo que não se assemelhasse às minhas loucuras” (ROUSSEAU, 2005, p. 23). *Carta 3* “depois de vos ter exposto, Senhor, os verdadeiros motivos de minha conduta, gostaria de falar-vos de meu estado moral em meu refúgio; [...]. É de minha felicidade que desejo falar-vos, e é difícil falar de felicidade quando se sofre. Meus males são obra da natureza, mas a minha felicidade vem de mim” (ROUSSEAU, 2005, p. 27). Na *Carta 4* inicia “mostrei-vos Senhor, no fundo de meu coração, os verdadeiros motivos de meu isolamento e de toda minha conduta, motivos bem menos nobres, sem dúvida, do que imaginastes, mas ainda assim motivos que me deixam contente comigo mesmo e inspiram-me o orgulho de alma de um homem que se sente bem ordenado e que, tendo tido a coragem de fazer o que precisava fazer para sê-lo, acredita poder atribuir a si mesmo o mérito”. Continua “é alguma coisa, quando não se tem mais nem força nem saúde para trabalhar com os braços, ter a ousadia de, em sua solidão, fazer ouvir a voz da verdade”. Rousseau recorda do projeto de instalação de uma companhia de teatro em Genebra por d'Alembert. Portanto afirma “é alguma coisa ter podido contribuir para impedir, ou ao menos adiar, em

Malesherbes, Rousseau garante que embora doente é um homem mais feliz que outrora vivendo na agitada Paris, pois muitos fôramos os incidentes que ocorreram e que contribuíram para seu distanciamento na vida urbana, dos poucos amigos que cultivou ao longo dos anos e do grupo dos filósofos. Confessa a Malesherbes que na *Carta 1* que:

Os motivos a que atribuí o partido que me viu tomar desde que tenho certo nome na sociedade engrandecem-me talvez mais do que mereço, ainda que estejam certamente mais perto da verdade do que aqueles que presumem os letrados, os quais, sacrificando tudo à reputação, julgam meus sentimentos pelos seus. Tenho um coração muito sensível a outros laços para importar-me com a opinião pública; amo demasiadamente meu prazer e minha independência para ser tão escravo da vaidade quanto eles supõem (ROUSSEAU, 2005, p. 19).

Retomando as críticas ao Arcebispo de Paris, Jean-Jacques Rousseau não hesita em deixar claro que as perseguições sofridas não eram somente contra suas obras, mas principalmente contra sua pessoa, ferindo sua moral. Por essas questões, confronta o Arcebispo relatando algumas situações, nelas deixa claro que tudo aquilo não passava de uma certa inveja, por parte do Sr. Arcebispo, Christophe de Beaumont, que se quer demonstrava ter inteligência sobre suas funções clericais, quis discutir assuntos educacionais.

Portanto, logo se observa que o comportamento do Sr. Arcebispo de Beaumont, homem que veste a santidade, que deveria acolher o pobre estrangeiro está mais para o tribunal das inquisições, usando o presbitério de onde é bem visto para inflamar falsas acusações, justificando-as como questão de injúrias contra os ensinamentos divinos e o Estado Francês. O mais estranho é que os livros anteriores a este, o *Emilio ou da educação* circularam sem represálias por parte do Arcebispo, mas o mesmo agora, em atitude maldosa faz circular em Paris uma *Carta Pastoral* contendo a condenação do livro de um autor genebrino²⁵ e protestante, desse modo, as injúrias e difamações contra esse pobre

minha pátria, a criação perniciosa que, para cortejar Voltaire às nossas custas, d'Alembert desejaria ver instalada entre nós" (ROUSSEAU, 2005, p. 32).

²⁵ Rousseau, cidadão de Genebra, como assinava seus trabalhos, já que não era habitual os pensadores assinarem suas obras. O genebrino entre os iluministas desse período foi o único que nasceu em uma República. Na *Carta a Christophe de Beaumont* ele diz que "um genebrino faz imprimir um livro na Holanda, e, por um decreto de Paris, esse livro é queimado sem respeito pelo soberano cuja autorização ele ostenta. Um protestante, propõe, em um país protestante, objecções contra a Igreja Romana, e o Parlamento de Paris decreta sua prisão. Um republicano faz, em uma república, objecções contra o Estado monárquico, e o Parlamento de Paris decreta sua prisão. O Parlamento de Paris deve ter estranhas ideias sobre sua jurisdição, e se acreditar o legítimo juiz de todo gênero humano. Esse mesmo Parlamento, sempre tão cuidadoso quanto à questão da ordem de seus procedimentos ao lidar com um francês, negligencia todos eles tão logo se trate de um pobre estrangeiro. Sem saber se o estrangeiro é realmente o autor do livro que leva seu nome, se ele o reconhece como seu, se foi ele que mandou imprimi-lo; sem consideração por sua triste situação, sem piedade pelos males de que sofre, começam decretando sua prisão. Eles o teriam arrancado de seu leito para arrastá-lo as mesmas prisões onde apodrecem os celerados; teriam-no feito queimar, talvez mesmo sem uma audiência, pois quem pode afirmar que teriam seguido procedimentos

inocente vem de seu único erro, que foi falar a sua verdade, princípio presente em todas suas obras como pode ser visto na “primeira edição da *Nova Heloísa*; encontrará, na nota da página²⁶ 138 a verdadeira origem de todos os meus males” (ROUSSEAU, 2005, p. 45), como cita no livro VIII das *Confissões* que depois da publicação do *Primeiro Discurso* nunca mais foi o mesmo, ganhou fama, mas perdeu sua paz. Com essa observação, Rousseau desafia Christophe de Beaumont a ler com dignidade e atenção a referida obra, ou seja, a *Nova Heloísa*.

No *Ensaio sobre a origem das línguas* Rousseau, faz uma analogia comparando o comportamento dos índios na América com a ação prodigiosa dos sábios, oradores e músicos gregos. Os índios “[...], recolheram do chão as balas de mosquetão e depois, lançando com as mãos ao mesmo tempo que produziam forte ruído com a boca, se surpreendiam por não terem matado ninguém [...]” quanto a não causarem os mesmos efeitos a partir de suas habilidades, consiste em “o prodígio não está em que não consigamos o que faziam os gregos com sua música, mas estaria, sim em produzir, com instrumentos tão diversos, os mesmos efeitos” (ROUSSEAU, 1978b, p. 187-188). Assim o problema não está nas ideias de um homem que segue seus instintos, tão pouco nas ciências das letras, mas na aplicação delas como ressalta no prefácio do *Segundo Discurso* confirmando que:

O que há de mais cruel ainda é que, todos os progressos da espécie humana distanciando-a incessantemente de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais afastamos os meios de adquirir o mais importante de todos: é que, num certo sentido, à força de estudar o homem, tornamo-nos incapazes de conhecê-lo (ROUSSEAU, 1978c, p. 227).

Rousseau consciente do que pensavam sobre seu comportamento, fosse na escrita, fosse falando, bem que quando se via na necessidade de fazer uso da comunicação oral,

mais regulares após um início tão violento, do qual dificilmente se encontraria outro exemplo, mesmo em país da Inquisição? Assim, é apenas no meu caso que um tribunal tão sábio esquece sal sabedoria. [...]. Não sei como isso se concilia com o direito internacional, mas sei bem que, com tais procedimentos, liberdade de cada homem, e talvez sua vida está à mercê do primeiro tipógrafo [...], o cidadão de Genebra nada deve a magistrados injustos e incompetentes que com base em uma acusação caluniosa, não o convocam, mas decretam sua prisão. Se não foi intimado a comparecer, não está obrigado fazê-lo. Contra ele emprega-se apenas a força, e ele se evade. Sacode a poeira de suas sandálias e parte dessa terra hospitaleira, onde se oprime o fraco e se põe a ferros o estrangeiro antes de ouvi-lo, antes de saber se o ato de que o acusam é punível, antes de saber se ele o cometeu” (ROUSSEAU, 2005, p. 42).

²⁶ A nova Heloísa foi publicada em 1761. [Parte VI, Carta VII, OC II 685.]. Aqui o genebrino adianta a questão dizendo “eu havia predito nessa nota (pois às vezes também me ponho a predizer) que, assim que os jansenistas se tornassem os senhores, seriam mais intolerantes e mais duros que seus inimigos. Não sabia, na ocasião, que minha própria história confirmaria tão bem tal predição. O fio dessa trama não seria difícil de seguir para quem soubesse como meu livro foi denunciado. Mais não posso falar, sob pena de falar em demasia, mas posso ao menos informá-lo por quais pessoas o senhor foi conduzido em suspeitar” (ROUSSEAU, 2005, p. 45).

ficava apavorado, por isso, sempre preferiu responder com sua pena, sabia que para muitos era visto como o inimigo do saber científico, tanto que inicia suas *Confissões* dizendo que quer mostrar para seus “semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza”, e esse homem serei eu” continua Rousseau enfatizando “somente eu. Conheço meu coração e conheço os homens” (ROUSSEAU, 2018, p. 13), por se considerar diferente dos demais, o autor declarar que nem em copias terá outro, pois se quer a forma de sua moldura existe mais, mas caso alguém duvide e julgue antecipadamente, só saberão quem ele é com certeza depois tê-lo lido.

Jean Starobinski, pontua que antes de Rousseau “tornar-se um escritor”, ele “descobriu a força e a importância da palavra” (STAROBINSKI, 1991, p. 131), segundo Jean Starobinski, o genebrino não era bom com as palavras, portanto, “a linguagem não era evidente, e Jean-Jacques não fica à vontade quando é preciso falar”, fato esse que o incomodava a ponto de se sentir “incapaz” de se defender ou começar um debate. Contudo, diante a sua fragilidade expôs apenas seu “sentimento” de inferioridade, conforme (STAROBINSKI, 1991, p. 132), que para Rousseau, valia mais que qualquer outro ato de atitude diante os homens que já fizeram seu julgamento. Desse modo, Jean-Jacques, confessa que “preferia ser esquecido por todo o gênero humano que ser considerado como um homem ordinário”. Assim, fica evidente algumas queixas descritas nas confissões feitas nas *Cartas ao Sr. de Malesherbes*, o efeito geral do julgamento que fazem dele diante a sociedade, e que o afastou do convívio social. Contudo:

Não, ele não quer que o reduzam a ser apenas um *homem de letras*, segundo a aceção corrente do termo; o sentimento que Jean-Jacques tem de si mesmo é absolutamente *único*. Enquanto espera que os outros o reconheçam, recusa ser reconhecido como um deles. Quer ser distinguido (STAROBINSKI, 1991, p. 133, grifos do autor).

Embora tímido, como ele mesmo se define no livro II das *Confissões* a caminho de Annecy, a ousadia lhe acompanha e em alguns instantes, se acha cantando, pois segundo ele tem uma voz suave, essa mesma insistência em não se calar, fosse cantando fosse falando através de sua pena, que seu isolamento não foi definitivo. Como descreve no prefácio de *Narciso ou o Amante de si mesmo*²⁷ “seguirei, segundo meu habito, o

²⁷ Esta obra escrita em sua juventude em 1733, mas só em 1752 que foi apresentada ao público. “Escrevi esta aos 18 anos e absteve-me de mostra-la enquanto senti alguma consideração pela reputação do autor. Por fim ganhei a coragem de publicá-la, porem nunca teria algo a dizer a seu respeito. Não é, pois, de minha peça, mas de mim mesmo que aqui se trata. Impõe-se, apesar de meu desagrado, que eu fale de mim; impõe-se que confesse os erros que me atribuem ou que os justifique. Sei que as armas não serão iguais, pois atacar-me-ão com gracejos e eu defender-me-ei com razões, mas contanto que convença meus adversários, bem pouco me preocupo com persuadi-los. Esforçando-me por merecer minha própria estima, aprendi a viver sem a dos outros que, em geral vivem muito bem sem a minha. Se tanto me faz que pensem bem ou

método simples e fácil que me convém à verdade” (ROUSSEAU, 1978d, p. 419). Continua com uma mensagem provocante “meus adversários, por seu lado não precisarão ficar sem responder, eles que possuem a maravilhosa arte de disputar pró e contra todos os assuntos. Começarão como é de seu hábito [...]. Mas eu terei feito o que devo fazer e, portanto, começo (ROUSSEAU, 1978d, p. 419-420). Ao logo do prefácio ele fala sobre inúmeros males advindo do gosto das ciências, das artes, das letras e da filosofia, onde sua maior preocupação está na desvalorização dos costumes pela ausência da moral e da virtude.

No livro III das *Confissões*, Rousseau narra essas angústias, dos maus equívocos vindo até mesmo de pessoas do seu convívio diário, contudo ele não desanimou, nem diante a obstáculos como a falta de estudos, fala, portanto, de seus medos na certeza que “o partido que tomei de escrever e esconder-me é precisamente o que me convém” (ROUSSEAU, 2018, p. 116). Nas finalizações do *Primeiro Discurso* reforça a sua opinião sobre seu modo de ver e pensar o mundo com as instituições, colégios e academias que além deterem o saber, o modo de pensar os saberes, servem também para manipular a sociedade, confundindo suas vaidades com virtude.

O autor, portanto, questiona, onde está o erro por ele ver e acreditar no progresso que ele mesmo propõe, e se muitos não se sentiram agraciados com suas ideias não tem importância, desde que por alguns instantes tenha-os desviados suas mentes ociosas de praticarem “má ações” contra os bons costumes. Contudo, “caso exista alguma dúvida sobre minha justificação – arrisco-me a dizê-lo tão ousadamente [...], que a resposta “não será” contra seu público tão pouco contra a si próprio, mas cabe ao próprio Rousseau de modo ousado se avaliar e a se julgar, pois só assim segundo suas objeções saberá se é possível incluir-se “naquele pequeno grupo”²⁸ e se minha alma está em situação de sustentar o fardo das atividades literárias” (ROUSSEAU, 1978d, p. 427). Como já

mal de mim, interessa-me, no entanto, que ninguém tenha o direito de formar de mim um mau juízo e importa à verdade, sustentada por mim, que jamais se acuse injustamente seu defensor de a ter socorrido por capricho ou vaidade, sem amá-la e conhece-la” (ROUSSEAU, 1978d, p. 417).

²⁸ Portanto, “se meus escritos edificaram o pequeno grupo dos bons, eu lhes fiz todo o bem que dependia de mim e será talvez servi-los ainda mais utilmente oferecer aos outros objetos de distração que os impeçam de pensar em si” [...]. E mais, “aconselho, pois, àqueles que com tanto ardor procuram reprimendas por fazer-me estudarem meus princípios e observarem melhor minha conduta antes de me acusarem de contradição e inconseqüência”. Continua Rousseau, enquanto isso ficarei “esperando, escreverei livros, comporei versos e música, caso tenha para isso talento, tempo, força e vontade, e continuarei a dizer, com toda franqueza, todo o mal que penso das letras e daqueles que cultivam, tendo certeza de não valer menos por isso. É verdade que um dia poderão dizer: ‘Esse inimigo tão declarado das ciências e das artes, todavia, fez e publicou peças de teatro’ e, tal discurso constituirá, confesso, uma sátira muito amarga, não a mim, mas ao meu século” (ROUSSEAU, 1978d, p. 427- 428).

exposto, aplaudido ou vaiada por seus escritos, suas peças, o autor acredita que valeria correr o risco, pois enquanto estavam ocupados com as suas obras, de algum modo estavam livres da hipocrisia.

Segue Rousseau confessando que “mais de uma vez tive consciência do perigo delas, mais de uma vez abandonei-as no firme propósito de nunca mais votar atrás; renunciando seu encanto sedutor, sacrifiquei à paz de meu coração os únicos prazeres que ainda poderiam satisfazer-me” (ROUSSEAU, 1978d, p. 427). Justifica-se, portanto, porque a arte de escrever era a sua linguagem, era através da pena que ele melhor se comunicava, embora tivesse que refazer várias vezes o mesmo texto, a sedução das letras nunca o deixou e nem era possível, como veremos em suas próprias palavras.

Se, nas aflições que me oprimem, se, no fim de uma carreira penosa dolorosa, ousei retorná-las ainda por alguns momentos, a fim de encantar meus males, creio não ter posto nisso demasiado interesse e pretensão para, a tal respeito, merecer as justas reprimendas que faço aos literatos (ROUSSEAU, 1978d, p. 427).

Neste sentido, Luciano Façanha em seu texto *A poética de Rousseau como possibilidade de chave de leitura de seus escritos* publicado no livro *Rousseau, Kant & Diálogos* (2019), comenta sobre a constatação que o próprio Rousseau teve das acusações e rejeições feitas a ele em razão de sua postura diante dos fatos, aqui, nesse caso a literatura que, embora, tenha lhe proporcionado momentos infelizes também lhe proporcionou muitas felicidades. E, entre seus leitores destaca-se o filósofo alemão Immanuel Kant que vê na escrita de Rousseau a verdadeira filosofia, simples, porém sem invenção, exercida com o coração. Portanto:

Constatando, na mesma medida, ‘suas infelicidades’, decide, pelo menos, nesse momento crucial de sua vida, não mais acatar esse encanto, clamando pela verdade e reclamando da Beleza de sua escrita, pois reflete sobre a possibilidade de que sua linguagem apaixonada possa ter ocasionado tantos problemas com seus pares, com seu tempo (FAÇANHA, 2019, p. 27).

Contudo, Rousseau deixa a autocritica de si, porém, sem deixar o brilho e a paixão por seu ofício, nos últimos anos de sua vida toma consciência do que seus escritos causaram, despertou desafetos, mas, mais que isso possibilitou a sociedade a (re) pensar os valores éticos e políticos que estavam seguindo. Não custa ressaltar, que Rousseau critica o desenvolvimento pautado unicamente na razão, dando lugar de destaque para as ciências e nas artes que surgiram inebriadas pelo luxo que é visto como fator negativo dos bons costumes e da virtude. Destaca-se, outro fator nos escritos de Rousseau, no

Primeiro Discurso e nas *Confissões* que a constituição dos seus textos tem uma carga subjetiva.

Dentre muitas notas de destaque sobre seus escritos, segue a declaração de Immanuel Kant sobre seu encantamento, respeito e reconhecimento pelos feitos do genebrino. Como podemos observar nos textos expostos de muitos comentadores, como Ernst Cassirer, Márcio Suzuki e Luciano Façanha²⁹ que discursam sobre essa admiração e a importância dos escritos de Rousseau para Kant. Daí

Kant, ao prestar atenção detidamente ao estilo literário e peculiar de Rousseau, teve um certo cuidado em render-se ao encantamento que o ‘escritor Rousseau’ havia exercido sobre ele, tanto que tentava controlar esse fascínio, colocando em seu lugar um juízo sereno e calmo, com muita tranquilidade. Citando Kant: ‘ter gosto é um incômodo para o entendimento. Tenho de ler Rousseau tantas vezes até que a beleza da expressão já não me atrapalhe, e somente então posso esquadrihá-lo com a razão’ (FAÇANHA, 2019, p. 29).

Esse fascínio, essa mesma compreensão kantiana pelas ideias rousseauiana, causou embriaguez contrárias em seus pares mais próximo, a prova consiste nas inúmeras perseguições citadas por Rousseau, em razão da não compreensão daquilo que ele dizia tão óbvio, talvez a capacidade de expor na escrita tão bem o que queria, embora ele confesse nas *Confissões* que sempre teve dificuldades para concluir suas ideias, tanto que escrevia várias vezes o mesmo texto.

Portanto, por exigência própria de um olhar atento, regido pela mesma lógica, seja tão bem desenhado seu discurso que causa incômodo para alguns aceitarem sem antes terem rejeitado seu talento. Como confirma Diderot com a publicação do *Primeiro Discurso* que o efeito causado no público (ROUSSEAU, 2018, p. 343, grifos do autor), “*Empolga a todos*, afirmava ele, *não há exemplo de um sucesso igual*”. A carreira literária que se iniciava na vida do pensador de Genebra, tem inícios bem antes desse período como veremos nas palavras de Façanha em sua tese de doutorado *Poética e Estética em Rousseau: corrupção do gosto, degeneração e mimesis das paixões*. Portanto:

De acordo com o relato do filósofo, o início de seu percurso literário, intelectual e moral já havia começado bem antes de quando acontece a derradeira elevação da ponte, pois, ao detalhar os vários vícios adquiridos,

²⁹ Portanto, “[...], enaltecendo ‘a desejável originalidade’ do genebrino, que, além de creditar a referência de alguns conceitos de sua doutrina, confirma a influência decisiva na sua trajetória intelectual, por ter indicado ‘um outro caminho a seguir’, segundo observações de Cassirer (CASSIRER, 2007, p. 157). Além disso, Kant revela a importância do papel que Rousseau representou, em palavras de Márcio Suzuki, para que ‘*tomassem consciência do problema do estatuto do filósofo ou do homem de ciência*’ (SUZUKI, 1999, p. 49). [...] “É o que confessa Kant em suas anotações que escreve nas margens das *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*. O filósofo nos informa sobre a mudança do seu modo de pensar ocorrida a partir das leituras que fizera de algumas obras de Jean-Jacques Rousseau, principalmente, o fato dessa leitura ter atenuado o valor que o conhecimento científico significava para ele, na própria condição do ‘cientista’ (FAÇANHA, 2019, p. 28-29).

dentre eles, '*o gosto pela leitura*', a sua 'imaginação inquieta' faz sentir-se atraído a uma 'estranha situação' (FAÇANHA, 2010, p. 21).

Essa ponte, essa sensação estranha faz menção a sua agonia depois de um passeio fora dos muros da cidade. Depois de se deixar levar pela beleza da natureza, perdendo de vista o fim do dia, horário de sua voltar para casa, lembrando-se, corre em velocidade, desesperado, mas sem sucesso, pois de longe ver os portões da cidade fecharem. Em seu íntimo o medo aflorou-se, mas a sensação de liberdade formou um universo de possibilidades, mas também de sofrimentos, pois, era só um garoto de dezesseis anos jogado a própria sorte. Contudo, vislumbra um voo alto e sua fuga de Genebra era o primeiro passo para se livrar dos castigos, e naquele dia não ficaria inseto deles por seu atraso, foi ganhar o mundo e viver sua liberdade e, assim, inicia sua vida errante.

3 ROUSSEAU NA CONTRAMÃO DA ILUSTRAÇÃO

Non in depravatis, sed in his quae bene secundum naturam se habent, considerandum est quid sit naturale. Aristóteles, Política³⁰, Livro I, cap. II.

A Europa do século XVIII segue acelerada, vindo dos movimentos humanista, renascentista cultural, artístico e científico ocorridos nos séculos XVI e XVII, tendo como destaque os pensadores renascentistas que valorizaram principalmente os intelectuais da literatura clássica, Grécia e Roma, discurso que Rousseau aborda em seu *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. O homem através da investigação do conhecimento humano, aguçou com as ciências a artes e a inquietação filosófica a valorização pelo saber, que outrora vivia mantido pelo Estado e a Igreja, esta que lutava para manter seu poder temporal. Segundo Hilton Japiassu “uma das grandes contribuições do Renascimento foi a de promover a doutrina situando o homem como valor supremo” desse modo, vem seguindo sem “subordinação a nenhuma lei exterior” (JAPIASSU, 2012, p. 9). Todos esses acontecimentos tiveram pesos importantes para desenvolvimento social no século XVIII. O advento das luzes.

Contudo, segue-se sem a pretensão de responder à questão lançada pela Academia de Dijon em (1749), mas seguindo o pensamento do autor do *Segundo Discurso*, desse

³⁰ “Não é entre povos depravados, mas entre os que bem se conformam à natureza, que se deve examinar o que é natural”. Aristóteles, Política, Livro I, cap. II (N. de P. A) (ROUSSEAU, 1999a, p. 19). No *Primeiro Discurso*, Rousseau fala da degeneração, depravação dos costumes sempre exaltando a natureza e o estado de natureza primitivo, sem deixar de mencionar que seu discurso sobre a questão no *Segundo Discurso* é uma hipótese, mas que tem uma construção racional. Assim na primeira parte ele pede para que todos os homens de onde quer que seja, que eles prestem atenção nessa história, pois, ele acredita ter lido diretamente da fonte verdadeira, criadora de todas as coisas que é a própria Natureza, embora, sejam tempos distantes e de muitas mudanças. Sendo assim: “é, por assim dizer, a vida de tua espécie que vou descrever de acordo com as qualidades que recebeste, e que tua educação e teus hábitos não puderam destruir. Há, eu sei, uma idade em que o homem individual gostaria de parar; de tua parte, procurarás a época na qual desejarias que tua espécie tivesse parado. Descontente com teu estado presente, por motivos que anunciam à tua infeliz posterioridade maiores descontentamentos ainda, quem sabe gostaria de retrogradar. Tal desejo deve constituir o elogio de teus primeiros antepassados, a crítica de teus contemporâneos o temor daqueles que tiverem a infelicidade de viver depois de ti” (ROUSSEAU, 1978d, p. 237). Desse modo, o homem que vive de acordo com a ordem natural é um ser, ainda que fragmentado é o mais próximo dessa harmonia primeira e quase sem os desvios que só o homem social sofre em razão de seu afastamento do estado natural. Tanto que “se ela nos destinou a sermos sãos, ousou quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contrário à natureza e que o homem que medita é um animal depravado” (ROUSSEAU, 1978d, p. 241). Sendo assim, parece mesmo que só entre os homens em consonância com natureza para se encontrar o que é natural, uma vez que, até a alimentação sofreu mudanças. Na *Carta ao Sr. de Voltaire* Rousseau afirma que “não vejo como se possa buscar a fonte do mal moral em outro lugar que não seja no homem livre, aperfeiçoado, portanto corrompido; (ROUSSEAU, 2005, p. 123). No livro II do *Emílio ou da Educação* expõe a seguinte máxima “ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano. Não há nele um vício sequer acerca do qual não se possa dizer como e por onde entrou. A única paixão natural do homem é o amor de si mesmo ou o amor-próprio compreendido num sentido extenso” (ROUSSEAU, 2017, p. 106).

modo, ressalta-se que o velho mundo europeu voltava aos tempos sombrios de guerras, onde “a queda do trono de Constantino trouxe à Itália os destroços da Grécia antiga. A França, por sua vez, enriqueceu-se com esses destroços preciosos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 334). A cultura bizantina teve influência de vários povos dentre eles os gregos, motivo pelo qual Rousseau fala em “destroços gregos”, a ruína desse Império assim como de muitos outros ocorreu quase que sempre pelas mesmas questões, de um lado uma nação em ascensão, de outro um império já consolidado, mas que não cessava a insaciável busca pelo poder. Daí fica a questão: culpa-se as ciências e suas artes ou o homem, com a ganância e o desejo de transformar tudo ao seu belo prazer, e desse modo, elevar a degeneração dos costumes?

Rousseau em sua *Carta* ao Sr. Grimm, respondendo a refutação do Sr. Gautier sobre o *Primeiro Discurso*, afirma que se tivesse interesse em dar atenção a tais questões levaria muito tempo para tentar explicar só a primeira parte, e que com certeza seria até mais difícil para o entendimento do mesmo. Assim inicia a 4.º objeção dizendo que:

Em cada página da refutação, vê-se que o autor não entende absolutamente, ou não quer entender, a obra que refuta, o que certamente lhe é mais cômodo, porque, respondendo sempre ao seu pensamento e nunca ao meu, tem a melhor das ocasiões para dizer quando lhe apraz. Por outro lado, se minha réplica se torna mais difícil, torna-se também menos necessária, pois jamais se ouviu dizer que um pintor que expõe um quadro ao público seja obrigado a examinar os olhos dos espectadores e fornecer óculos a quantos deles necessitem (ROUSSEAU, 1978d, p. 365-366).

Entretanto, segundo Rousseau, isso tem uma razão, diz para o Sr. Grimm “um dos grandes inconvenientes da cultura das letras consiste em que, iluminando apenas alguns homens, corrompem, em pura perda, toda uma nação. Ora bem como pode ver, senhor, isso seria somente outro paradoxo inexplicável para o Sr. Gautier” (ROUSSEAU, 1978d, p. 336). Continua, Rousseau se defendendo com tons irônicos sobre aqueles que por alguma razão tentam desqualificar seu *Discurso*, mas em seu entendimento, algumas críticas sobre seus escritos não vale a pena dar atenção, como neste caso com Sr. Gautier que responde para si mesmo ou por não querer entender ou por não ter a capacidade intelectual para tal compreensão.

Desse modo, “creio que concordará não valer a pena explicar-me uma segunda vez para não ser melhor entendido do que na primeira” (ROUSSEAU, 1978d, p. 366). Embora a ironia seja uma característica marcante nos questionamentos de Rousseau, suas ideias e sua filosofia não se restringem às questões das ciências, estão muito além, se fundamentam no âmbito da filosofia e da moral.

Alguns escritores como o filósofo e poeta alemão, Johann Christoph Friedrich von Schiller se assemelha em parte ao pensamento de Rousseau, Schiller na *Carta VIII* do livro *A Educação Estética do Homem*, nos pergunta se deveria “a filosofia então retirar-se desencorajada e sem esperanças, deste campo?” Schiller continua com suas indagações se “deve o conflito de forças cegas durar eternamente no mundo político sem que a lei da sociabilidade jamais vença o egoísmo hostil?” Sem delongas o próprio autor responde “de maneira alguma!” (SCHILLER, 2002, p. 45). Porém, é preciso ter coragem para agir numa sociedade de homens com o coração dominado pela cólera, vaidade e a ignorância, é preciso antes mesmo de agir, de homens verdadeiros e que domine primeiramente a si mesmo. Essa sentença leva ao sentimento que Rousseau tem ao afirmar o quão grandioso é para ele ver que o homem por esforço próprio saiu de sua mediocridade usando a luz da razão. Mas, como citado na *Carta* ao sr. Grimm, que tal proeza não é para todos.

Em conformidade com o pensamento de Rousseau, Friedrich Schiller conclui seus argumentos questionando por qual motivo o homem ainda não se permitiu ouvir a voz natureza, já que “a razão purificou-se das ilusões dos sentidos e dos sofismas enganos, e a própria filosofia, que a princípio fizera-nos rebelar contra a natureza, chama-nos de volta para seu seio com voz forte e urgente - onde reside, pois, a causa de ainda sermos bárbaros?” (2002, p. 45-46). Essa insistente barbaridade ainda existe porque, segundo o autor, alguns homens são incapacitados por sua própria constituição de desfrutar de algum saber, ou como visto na *Carta* de Rousseau a Sr. Grimm, em resposta a refutação do Sr. Gautier ao *Primeiro Discurso* que tem homens que não entendem por que não querem, o que lhes parece ser mais cômodo do que o esforço de raciocinar, assim, a verdade nunca chagará aos seus olhos, e em resposta a esse tipo é melhor deixar a parte, caso contrário, seria tempo perdido tentar explicar a mesma coisa para quem não se esforça nada compreender e ainda se apropria do uso da censura.

Portanto, observai, “uma vez que não está nas coisas, tem de haver nas mentes dos homens algo que a impeça a compreensão da verdade, por luminosas que seja, e sua aceitação, por mais vivamente que apresente a convicção” (SCHILLER, 2002, p. 46). Daí, cita em tom de admiração o criticista e também alemão Immanuel Kant da seguinte forma “um sábio antigo percebeu isso, deixando-o cifrado na expressão significativa: *Separe aude*.³¹ Portanto:

³¹Grifo do autor, nota de número 29. “*Separe aude*: ousa ser sábio! Dito de Horácio (Epístola 1, 2, 40), que Kant utiliza e traduz em *Respondendo à Pergunta: Que é Ilustração?*: “*Separe aude*! Tem coragem de servir-te de teu próprio entendimento é, pois, o lema da Ilustração” (SCHILLER, 2002, p. 148).

A luta contra a privação desgasta e esgota a maior parte dos homens a ponto de não lhes restar força para uma nova luta mais árdua contra os erros. Satisfeitos de escaparem, eles mesmos, ao penoso esforço do pensar, concedem de bom grado aos outros a tutela sobre os seus conceitos, e se carências mais altas manifestam-se neles, agarram-se com fé ávida às fórmulas que o Estado e o clero têm reservadas em tais casos. Se estes homens infelizes merecem nossa compaixão, nosso justo desprezo atinge aqueles outros que, libertos do julgo das necessidades por um destino melhor, a ele se curvam por sua própria escolha. Estes preferem, aos raios da verdade que escorraçam a ilusão agradável de seus olhos, o crepúsculo de conceitos obscuros, em que o sentimento é mais vivo e a fantasia arbitrária cria formas confortáveis. Visto que fundaram todo o edifício de sua felicidade sobre estas ilusões que a luz hostil do conhecimento deve dissipar, como poderiam comprar tão caro uma verdade, que começa tomando-lhes tudo o que para eles possui valor? Seria preciso que já fossem sábios para que amassem a sabedoria: uma verdade já sentida por aquele que deu nome à filosofia (SCHILLER, 2002, p. 46-47).

Diante dos fatos e, com base na história tem-se a Revolução Francesa que como exemplo de algum modo se beneficiou do movimento iluminista na sua composição, assim, como as estruturas econômicas também receberam sua parcela das ideias das luzes, com isso, fica a difícil questão: será que as luzes têm capacidade de sanar todas as necessidades humanas? As respostas assim como as perguntas são diversas diante a problematização da razão, tanto que, tempos após, século XX, no livro *Dialética do esclarecimento* (1985), os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer tecem essa dialética sobre qual é o lugar que a razão ocupa de fato. Segundo os autores:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir pelo saber (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19).

Contudo, a trajetória do conhecimento entre os povos do ocidente e do oriente, seja no passado, seja na contemporaneidade é marcada pela forte presença das guerras, onde é impossível não citar na linha do tempo as batalhas tão violentas, nações dizimadas favorecendo para o esgotamento de suas forças, de seus sentimentos, assim a expansão do poder acaba por ferir a própria moral. E, no que diz respeito à história do pensamento ocidental, em tempos de áurea, destaca-se que Constantinopla, império da arte bizantina era desejada por várias civilizações, mas, com suas ruínas muitos comerciantes, artistas fugiram para outros países da Europa, como Itália e França.

Portanto, com base nessa confluência cita-se Rousseau. Logo foi graças “aos destroços preciosos” que os franceses abrilhantaram seus cofres, assim “rapidamente, as ciências seguiram as artes, à arte de escrever juntou-se a arte de pensar-[...], por meio de obras dignas de sua aprovação recíproca” (ROUSSEAU, 1978d, p. 334). Com isso, a

união desses saberes, o aprimoramento dessas técnicas, embora não estivesse mais em suas origens, contribuíram para difusão da arte, da ciência e da cultura. Vale lembrar que antes estiveram envolvidos nessa difusão, mas com outros interesses, governantes ambiciosos em nome da política e da religião, a Igreja e Estado que armavam seus exércitos e saíam conquistando, escravizando nações, destruindo suas culturas, e seus costumes.

Assim, Rousseau confronta a sociedade chamando atenção para que não caíssem nos mesmos erros de seus antepassados alertando que foi preciso “uma revolução para devolver os homens ao senso comum e ela veio donde menos se esperava. Foi o estúpido mulçumano, foi o eterno flagelo das letras que a fez renascer entre nós” (ROUSSEAU, 1978d, p. 334). De certo modo, Constantino era um imperador tolerante e nesse sentido favoreceu o cristianismo e a religião pagã o que poderia ter mantido a paz por toda Europa, já que o Estado e a Igreja estavam à frente das manobras políticas.

A decadência do império bizantino representa, portanto, o fim da idade média dando início ao Renascimento Cultural que chegava carregado tanto de dores quanto de cores, reluzente. “Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse virtude, se nossas máximas nos servissem de regras, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo! ” (ROUSSEAU, 1978d, p. 335). Em uma sociedade que os homens lutam pelo prestígio nem mesmo as amizades prevalecem, coisa triste que Rousseau se queixa constantemente nas *Confissões*. As amizades se desfazem tão logo as ideias se distanciam ou tenham suas necessidades saciadas.

Desse modo, Rousseau ao citar as antigas nações deixa entender que a ideia que se tem do conhecimento é distorcida do saber, e pensa o passado reproduzindo a imagem do homem virtuoso. Nesse contexto sobre o nascimento das ciências o autor exclama: “quantos perigos e caminhos ilusórios na investigação das ciências! Por quantos erros, mil vezes mais perigosos do que é inútil a verdade, não se tem de passar para chegar a ela! ” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343). Esse caminho segundo o autor deveria ter parado quando o homem ainda vivia sem o conhecimento das técnicas, essas mudanças se aperfeiçoaram, passaram a fixar moradia ficando mais tempo juntos aflorando as paixões e o sentimento pelos direitos de posse como se observa no *Segundo Discurso*.

Assim que os homens começaram a apreciar-se mutuamente e se lhes formou no espírito a ideia de consideração, cada um pretendeu ter direito a ela e a ninguém foi mais possível deixar de tê-la impunemente. Saíram daí os primeiros deveres de civilidade, mesmo entre os selvagens, e por isso toda

afronta voluntária tornou-se um ultraje porque, junto com o mal que resultava da injúria ao ofendido, este nela desprezo pela sua pessoa, frequentemente mais insuportável do que o próprio mal (ROUSSEAU, 1999a, p. 92).

Contudo, segundo o autor “é preciso observar, porém, que a sociedade iniciada e as relações já estabelecidas entre os homens exigiam deles qualidades diversas daquelas que deveria à sua constituição primitiva” (ROUSSEAU, 1999a, p. 93), o surgimento da moralidade é um dos fatores marcantes contribuindo para rompimento da aliança homem e natureza. O genebrino acredita ser esse estado o melhor para o homem, o menos violento prologando a felicidade, era onde o homem deveria ter permanecido, a exemplo de como viviam os selvagens.

Segundo Rousseau, se na evolução do conhecimento, o homem estivesse observado o percurso da natureza, teria notado como deveria viver, ou seja, viveria de acordo com a imagem e semelhança do homem selvagem e a felicidade teria reinado, pois, era aquele estado que estava “a verdadeira juventude do mundo, e que todos os progressos ulteriores foram, aparentemente, outros tantos passos para a perfeição do indivíduo e, efetivamente, para a decrepitude da espécie” (ROUSSEAU, 1999a, p. 93). Dessa maneira, afirma que “a desvantagem é visível, pois o falso é suscetível de uma infinidade de combinações e a verdade tem uma única maneira de ser. Aliás, quem a procura sinceramente? ” (ROUSSEAU, 1978d, p. 343). A presunção pode levar ao chão muitos homens e seus domínios.

Rousseau cita Sócrates³² recordando seu diálogo com o oráculo de Delfos sobre a sabedoria no intuito de saber quem era o homem mais sábio de Atenas, como se sabe fora dito por alguns ser ele, isso não o envaideceu, mas o levou adiante com a proporção mostrando que o homem mais sábio não se resume ao mero entendimento das coisas ou sobre as o que ele acredita saber, mas consiste na capacidade de se permitir ir além das meras aparências, e admitir que sua sabedoria por mais longa que seja, se resume entre o que se sabe e o saber que nada sabe, contudo, continua na busca pelos saberes, conversa sobre várias questões, sempre no intuito de iluminar as mentes daqueles que se dispõe a ouvi-lo. Tanto que:

‘Não sabemos, nem os sofistas, nem os poetas, nem os oradores ou os artistas, nem eu mesmo, o que é o verdadeiro, o bom e o belo. Há, porém, entre nós uma diferença, qual seja, a de que, ainda que essas pessoas nada saibam, creem todas saber alguma coisa, enquanto que eu, se nada sei, pelo menos não duvido disso, de modo que toda essa superioridade de sabedoria, que me foi concedida

³²Bem, como explica Bastide (1978d, p. 340), nas anotações de rodapés “o pensamento de Sócrates, na medida com que podemos conhecê-lo, é interpretado estranhamente por Rousseau. Parece que jamais Sócrates fez o elogio da ignorância; pretendeu somente confundir a presunção dos sofistas, salientando que o verdadeiro ponto de partida de nossos conhecimentos era a confissão de suas limitações (N. de P. A. B.).

pelo oraculo, reduz-se unicamente a estar bem convencido de que ignoro aquilo que não sei' (ROUSSEAU, 1978d, p. 340).

Como se pode observar, Rousseau tem admiração e semelhanças com o pensamento socrático, tanto no modo de pensar como de agir, os dois pensadores, embora sejam de períodos bem distante não se limitaram em denunciar os falsos moralistas, com isso receberam aplausos, mas também condenações dolorosas diante seus concidadãos. Ressalta-se o amor que tinham pelo saber, a preocupação com a formação da juventude e os caminhos que a sociedade seguia. Deixam, portanto, a mensagem que é preciso ser humilde e buscar o conhecimento verdadeiro, pois não é possível tecer verdades sobre o que não se conhece.

Rousseau assegura que “não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da simplicidade dos primeiros tempos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 346). A virtude é um bem que pode ser adormecida pelas falsas modéstia. Desse modo, cultivar sem as aparências na formação inicial prepara a criança para uma vida livre, sem máscaras, porém com regras e justiça, assim crescerá numa sociedade onde as aparências valem menos e a vaidade não perturba.

Numa analogia das aparências, Rousseau fala que a partir do momento em que o exército romano passou a ter conhecimento de suas habilidades estampadas em obras de artes tiveram uma grande baixa em sua estrutura, pois a virtude caíra, desse modo, de nada vale saber ou ouvir sobre tudo e nada aprender, nesse caso, observa-se que o autor se refere a Roma antiga, virtuosa, composta por seus sábios e filósofos. No entanto, o que predomina é a decadência entre romanos, seus intelectuais embriagados pelos encantos das luzes, cegos e pervertidos se afastam de suas origens, eles tanto falaram que esqueceram de viver moralmente.

Contudo, ter uma vida virtuosa implica necessariamente em ter a capacidade de elaborar conceitos, analisar e refletir. Assim “se a cultura das ciências é prejudicial às qualidades guerreiras, ainda o é mais às qualidades morais. Já desde os primeiros anos, uma educação insensata orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento” (ROUSSEAU, 1978d, p. 347). Ressalta-se a nossa fala no parágrafo acima, sobre a formação educacional nos ideais rousseuniano que, embora Rousseau tenha sido preceptor tempos atrás, ele ainda não destacará a educação³³ neste texto, mas já deixa a entender o que ele pensa

³³ Rousseau é um homem que valoriza muito suas origens e sua pátria como demonstra em sua dedicatória no *Segundo Discurso* a Genebra exaltando sua polidez e seus valores. Desse modo, acredita que para um homem honrar, respeitar, defender e ter amor por suas origens é preciso conhecer primeiro sua história e seus fundamentos, conhecer a cultura, aprender primeiro o idioma local, assim, por mais encantadora que

sobre a questão que muito lhe inquieta aplicação dessa arte para os jovens que se quer conhece os fatos históricos e sua realidade, e já são submetidos ao conhecimento de outros povos, ensinados a desbravar, a venerar e desejar os feitos que vem de fora, quando na verdade ainda não conhecem sua pátria.

Mas, antes de chegar ao detalhamento de suas ideias, já deixa o problema em evidência quando “sei que é preciso ocupar as crianças e que a ociosidade constitui para elas o maior dos perigos a evitar. Que deverão, pois, aprender? Eis uma questão interessante.” (ROUSSEAU, 1978d, 347), questão que Arbousse-Bastide chama atenção para o tema na nota 68³⁴, pois para o genebrino esta é uma questão que implica interesses, cuidados e amor. Tema que se abordará ainda nesta pesquisa. Contudo, os fatos negativos do iluminismo em Rousseau expostos ao longo do *Primeiro Discurso*, como já citado acima, que o autor inicia o *Discurso* com elogios ao estabelecimento das ciências e das artes, não foi para agradar os senhores juízes, os senhores acadêmicos ou ao público, mas por acreditar que o mal em si não vem delas, o problema vem da conduta de quem possui a arte de torná-las desprovidas de virtude e moral.

E, em se tratando de elogios, pode-se afirmar que o genebrino também sabe elogiar, é um homem de cultura e conhecedor de diversas culturas como ele mesmo conta nas *Confissões* as aventuras de sua vida literária na infância, o que marcou profundamente sua vida em relação aos homens (mundo), por toda sua vida, fato já exposto. Mas é pertinente ressaltar que segundo o autor:

Para completar o conhecimento de mim mesmo, faltava-me ainda uma prova e a fiz sem titubear. Depois de ter reconhecido a situação de minha alma nos sucessos literários, faltava-me encaixá-la na infelicidade. Sei, agora, o que pensar disso e posso deixar o pior para o público. Minha peça teve a sorte que merecia e que eu previra, mas no quase desgosto que me causou, saí da representação muito mais contente comigo mesmo e com muito mais motivo do que se ela obtivera êxito (ROUSSEAU, 1978d, p. 427).

seja a história de outros heróis, de outras pátrias, outros jardins, a sua sempre será bela e amada. Mas a educação que ele percebia ser recebido pelos jovens estava longe dessa realidade. Por esse motivo expõe: “vejo em todos os lugares estabelecimentos imensos onde a alto preço se educa a juventude para aprender todas as coisas, exceto seus deveres. Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam; saberão compor versos que dificilmente compreenderão; sem saber distinguir o erro da verdade, possuirão a arte de torná-los ambos irreconhecíveis aos outros, graças a argumentos especiosos; mas não saberão o que são as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade e coragem; nunca lhes atingirá o ouvido a doce palavra pátria e, se ouvem falar de Deus, será menos para reverenciá-lo do que para temê-lo. Preferiria, dizia um sábio, que meu aluno tivesse passado o tempo jogando péla, pois pelo menos o corpo estaria mais bem-disposto” (ROUSSEAU, 1978d, p. 347).

³⁴ Como Bastide destaca embora, Rousseau já tivesse a experiência de ter sido preceptor, a educação ainda não era o tema de destaque em seu discurso. “Este é um dos primeiros textos em que Rousseau aborda o problema da educação. Já tivera ocasião de refletir sobre este problema quando preceptor em casa do Sr. Mably, Lião, onde compôs seu *Projeto para Educação do Sr. de Saint-Marie* (1740), retocado quando foi preceptor do filho mais novo da Sr^a Dupin” (BASTIDE, 1978d, p. 347).

Desse modo, tece aplausos para sim mesmo, um estrangeiro sem grandes tradições coloca-se no pedestal dos intelectuais sem perder o brio. Um genebrino questionando e colocando em cheque mate os poderes em terras alheias, causando desavenças, pois como é sabido, travou discussões ferrenhas entre os franceses e para além desses acontecimentos que já nos anos finais de sua vida, em recolhimento social, reconheceu que com suas letras ofendeu e foi ofendido.

No contexto de isolamento, e agir com cautela, ressalta-se que como de consume dentre os povos antigos, os capturados de guerras como os estrangeiros ou os bárbaros, pois assim eram chamados os povos de cultura e hábitos diferentes, que se viram obrigados a viverem na escravidão sob o comado de seus conquistadores, no pensar de Rousseau os capturados agindo assim, agiam com cautela até o momento em que puderam revidar e reverter sua escravidão em liberdade.

Portanto, “se o progresso das ciências e das artes nada acrescentou à nossa verdadeira felicidade, se corrompeu os costumes e se a corrupção dos costumes chegou a prejudicar a pureza do gosto [...] que seriam tentados a saber?” (ROUSSEAU, 1978d, p. 350). Que “não carecem de professores aqueles a quem a natureza o destinou a fazer discípulos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 351). Contudo, tudo que está construído nesses fundamentos é possível sofrer mudanças, portanto, não há dúvida que o pensamento de Rousseau vem em desencontro com os valores seguidos naquela sociedade. O sentimento de liberdade do homem se fortalece à medida que este se ver livre, seja das forças de outro homem, seja dos grilhões ideológicos institucionais. Daí, Rousseau questiona e diz:

Oh! Virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará. Para aprender tuas leis, voltar-se, para aprender e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões? Aí está a verdadeira filosofia: saibamos contentarmo-nos com ela e, sem invejar a glória desses homens célebres que se imortalizam na república das letras, esforcemo-nos para estabelecer, entre eles e nós, essa gloriosa distinção que outrora se conhecia entre dois grandes povos: um sabia dizer bem e o outro obrar bem (ROUSSEAU, 1978d, p. 352).

Ora, se todos os saberes em nome da ciência são úteis porque então a humanidade cultivou o fortalecimento do que não é sublime? Começamos pelos povos reunidos em menor número, homens simples, mas de almas puras que tinham como princípios a natureza e a virtude. Contrário a eles, vejamos os exemplos dos povos que se apegaram aos impulsos das paixões, entre eles o luxo que ganhou espaço seduzindo rapidamente. Contudo, “de que serve procurar nossa felicidade na opinião de outrem, se podemos encontra-la em nós mesmos?” (ROUSSEAU, 1978c, p. 352). A sabedoria está no mundo,

mas quem compõe o mundo nem sempre está vestido dela, desse modo, o problema não vem dos saberes que ao longo dos séculos se desenvolveram e conquistaram autonomia, mas do homem e, em destaque o do XVIII, com seu racionalismo iluminista. Porém, ressalta-se que o conhecimento é uma dádiva.

A narrativa histórica rousseauniana tem aspectos antropológico, a história dos povos antigos, a hipótese descrita sobre o estado de natureza ter ou não existido, o surgimento da linguagem discursiva³⁵, salienta as mudanças como aponta Starobinski em sua análise sobre o *Segundo Discurso* que “Rousseau dedica-se a formular uma antropologia negativa: o homem natural define-se pela ausência de tudo que pertence especificamente a condição do homem civilizado” (STAROBINSKI, 1991, p. 314). Essa visão negativa de Rousseau não tem um fator, mas vários fatores já mencionados, ele percebe que a conexão homem e natureza se torna cada vez mais distante devido novos hábitos, contudo, ele fala da harmonia e dos bons costumes³⁶ de um povoado que sem o deslumbramento da razão seguia o percurso da natureza. Porém, a ciência não é uma arte sem virtude, o mau se encontra em seus excessos.

No tocante da questão, segundo José Assunção, “Rousseau retoma o conceito mais antigo de Natureza já exposto por Aristóteles, enquanto instinto de vida inato do homem” (LEITE, 2019, p. 388), ainda neste contexto, Lourival Gomes Machado chama atenção para o método imposto pelo genebrino. Primeiro ele rejeita todas aquelas conjecturas adotadas de modo aleatório sobre o homem, adotou, portanto, a via da genética e passou a descrevê-lo conforme a natureza, ou seja, um ser bom em seu estado

³⁵ Segundo Rousseau o surgimento da linguagem não vem por necessidades, mas das paixões. Desse modo, afirma que “por evidências, não se deve a origem das línguas às primeiras necessidades dos homens; seria absurdo que a causa que os separa resultasse o meio que os une. Onde, pois, estará essa origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens” sendo assim, “não é a força a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes” (ROUSSEAU, 1978b, p. 163-164).

³⁶ No *Primeiro Discurso* há relatos sobre diversos povos (nações e povoados) e seus costumes. Segundo o autor os pequenos e simples povoados sem muitos conhecimentos e sem luxos, são mais os ricos de virtudes e que podem ser vistos como exemplo para o resto mundo. “Oponhamos a esse quadro o dos costumes de pequeno número de povos que, preservados desse contágio de conhecimentos maus, por suas virtudes construíram a própria felicidade e constituem exemplo para as demais nações. Tais foram os antigos persas, nação singular no seio da qual se aprendia a virtude como entre nós se aprende a ciência, que com tanta facilidade subjugou a Ásia sendo a única possuir tal glória, e cuja história das instituições pode ser considerada um romance de filosofia. Tai os citas, dos quais nos restam elogios tão magníficos. Tais os germanos, a cujo, respeito uma pena, cansada de descrever os crimes e as maldades de um povo instruído, opulento e voluptuoso, aliviou-se com descrever-lhes a simplicidade, a inocência e as virtudes. Tal foi a própria Roma, nos tempos de pobreza e de ignorância; tal se mostrou até nossos dias essa nação rústica, tão enaltecida pela sua coragem, que a adversidade não pôde abater, e por sua fidelidade, que o exemplo não pôde corromper” (ROUSSEAU, 1978d, p. 338-339).

primitivo, sem atribuí-lo característica do homem social. Assim “a inovação metodológica de Rousseau atendeu, em seu tempo, a uma instantânea necessidade do conhecimento do homem, paralisado pelas contradições das análises fragmentadoras ou do ‘atomismo’ mecanicista” (MACHADO, 1968, p. 114).

3.1 O fatídico 24 de julho para Diderot

Há muitas formas de excessos, um deles é o das autoridades que nas primeiras horas da manhã, 24 de julho de 1749, Diderot recebe em seu nobre alojamento à visita de dois oficiais com a ordem de busca e prisão em nome do rei. Diante de tal situação uma coisa chamou atenção do ilustre homem das letras, é que a ordem do conde d’Argenson, homem forte da coroa, ocupante de três cargos oficiais de ministro em Paris, entre esses o cargo o de “polícia e ‘diretor de biblioteca’, ou seja, da censura” que segundo Diderot pode ser definido como de inquisidor, ditador da censura (GROSRICHARD, 1996, p. 255). Logo, a definição do filósofo se dá porque tudo que estivesse em desacordo com os ditames do rei era considerado contrário ao rei, ou seja, “contrária ao Estado, à religião e aos bons costumes”, tais costumes quase nada vivenciados ou respeitados verdadeiramente pelo Estado e a Igreja. Mas o problema não vem por parte do rei somente, mais precisamente da parte do comando de manter a ordem.

A luta é constante contra a censura, onde o clero ousa de suas artimanhas para induzir o rei com falsas acusações contra os homens esclarecidos pela luz das letras, e o Estado por sua vez, faz intervenções a favor do clero ajudando a limitar a liberdade de pensamento. Embora, essas instituições estivessem travando guerra ideológica entre elas, vale lembrar que havia homens esclarecidos dentro do clero e do Estado, desse modo, o que se observa é que há conflitos de interesses ideológicos movido pela vaidade e vontade de poder entre esses grupos do século XVIII. Contudo:

Há de convir que, quando é preciso um ministro da guerra para servir de polícia na República das Letras, é porque existe crise aberta entre a razão de Estado e a razão de sentido escrito, ou seja, a razão esclarecida apenas pela luz natural reclama pelos ‘filósofos’ para denunciar o obscurantismo de um clero que, pretensamente iluminado pelas luzes sobrenaturais da Revelação, empenha-se em cegar o rei sobre o verdadeiro bem de seu Estado (GROSRICHARD, 1996, p. 255).

Alain Grosrichard, aponta que o grande obstáculo não era bem o rei, mas o medo do clero em perder seu poderio sobre a sociedade (as pessoas) pois manter o rei pensando de acordo com a Igreja, era manter todos sobre as rédeas da mesma. Embora na época o

rei³⁷ fosse amado pelo povo, esse seguia a voz do clero. O rei Luís XV, vivia o dilema de seguir o saber filosófico ou o da religião católica “se o rei não quiser que chegue a um estado desesperador, cumpre-lhe escolher. A alternativa é simples: a liberdade ou a morte. A liberdade de pensar com os filósofos, ou a morte do corpo político, com os padres”. Pela fala do autor, observa-se que ali, a idade média ainda mantinha forte presença.

‘Majestade’, escreverá Diderot, ‘se vós quereis padre, não quereis filósofos, e, se quereis filósofos não quereis padres. Pois sendo uns por condição os amigos da razão e os promotores da ciência, e os outros inimigos da razão e os fomentadores da ignorância, se os primeiros fazem o bem, os segundos fazem o mal; e vós não quereis ao mesmo tempo o bem e o mal’. Portanto, não há conciliação possível entre os padres e nós [...]. Não sejais o príncipe das trevas deles. Escolhei nossas luzes. Tornai-vos, graças a nós, um Príncipe esclarecido (GROSRICHARD, 1996, p. 255-256).

Diante do conflito em que um só lado sai vitorioso, os homens de letras ficam na escuridão por parte da realeza, onde suas mentes não puderam brilhar. Talvez não seja ingenuidade ou pretensão demais afirmar que esse acontecimento tenha impulsionado ainda mais os ilustres pensadores a se posicionarem com suas certezas e aos poucos iam publicando suas ideias pela *Encyclopédie* conduzida por Diderot.

Denis Diderot é preso e levado a Vincennes, mas isso não o faz cessar suas ideias, pois, “em Diderot, a razão não encerra o debate, é o próprio debate, o pró e o contra. Ela está incessantemente em crise, e não vive senão de provocá-la” (GROSRICHARD, 1996, p. 257). Eis aí, portanto, para os opositores do esclarecimento o ‘filósofo por excelência’. Como se pode notar, mesmo em confinamento Diderot continuava inquietando as autoridades, sua prisão leva indignação e medo para os seus companheiros, homens de letras na luta contra as trevas.

3.2 Na estrada de Vincennes aflorou-se a fagulha, o sentimento e a razão rousseauiana para o ensaio do *Primeiro Discurso*

³⁷ O Rei Luís XV como ressalta o autor, ainda era chamado “de ‘Bem-amado’ entre o povo, até mesmo entre “os filósofos” (GROSRICHARD, 1996, p. 255), pois, seus inimigos estavam no clero. Outra coisa certa é que “naquela manhã de 24 de julho, o rei da França não escolheu o partido das Luzes, já que foi em seu nome que o conde d’Argenson assinou a ‘ordem de prisão com o selo real’ apresentada pelos policiais. Ela é assim: ‘levar a Vincennes o sr. Didrot [sic], autor do *Livre de l’aveugle* [Livro do cego]. Apreende seus papéis. Interroga-lo no local sobre esse livro. *Les pensées philosophiques* [Os pensamentos filosóficos], *Les bijoux indiscrets* [As jóias indiscretas]. *L’allée des idées* [A alameda das ideias]. *L’oiseau blanc, conte bleu* [O pássaro branco, conto de fadas]’. Desse modo, “convencido que seu homem os tem escondido em casa, os dois policiais entregam-se a uma busca minuciosa. O resultado é bastante magro: encontram 21 caixas forradas de manuscritos aparentemente sem interesse, mas nada de pensamentos filosóficos dissimulados num armário ou debaixo do travesseiro. A busca da alameda das ideias também não os leva a nada. Quanto ao pássaro branco, conto de fadas, são forçados a constatar que deve ter voado” (GROSRICHARD, 1996, p. 256).

Rousseau se sentiu preso junto ao amigo, que se solidarizou visitando-o sempre que podia, dialogavam sobre o mundo lá fora e seus acontecimentos após sua prisão, como diz Grosrichard “para Diderot o golpe é duro”, uma vez que “quando uma ordem de prisão lança alguém, sem outra forma de processo, num desses buracos negros que são se bastilhas reais, não se sabe quando ele verá luz de novo, nem mesmo se voltará a vê-la” (GROSRICHARD, 1996, p. 268). Em sintonia com as palavras do autor citado, o terror da prisão de Diderot era visível entre os pensadores e constante no pensar de Rousseau, era um momento de incertezas, pois também envolvia os investimentos depositados na *Encyclopédie*, mas o que entrava em voga com a prisão de Diderot, além dos fatos citados era a razão colocada por todos esses homens como instrumento de empreendimento filosófico comum.

Ressalta-se que diante do sentimento de incertezas e inseguranças, estará Rousseau se manifestando anos depois em uma *Carta* para o Arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont (1762), que publica uma *Carta Pastoral* contendo a condenação do livro *Emilio ou da Educação*. O autor do livro acusa-o de ser um homem preservo e, que por inveja e influência de outros espalhou falsas acusações e perseguições ideológicas contra o trabalho de um pobre genebrino.

Rousseau, em uma dessas visitas a Diderot, era outono como descreve a quente estação do ano, indo a pé, a passos largos para ganhar tempo na companhia do amigo, o calor no caminho de Vincennes era intenso, e o autor como de costume, andava com um livro ou um jornal, um caderno para suas anotações, decidiu folhear o *Mercure de France* quando se deparou com a chamada do folhetim. Expõe ele:

Um dia levei o *Mercure de France*; e enquanto caminhava e o folheava, deparei com a questão proposta pela Academia de Dijon para o prêmio do ano seguinte - *Se o progresso das ciências e das artes tinha contribuído para corromper ou apurar os costumes* (ROUSSEAU, 2018, p. 331, grifos do autor).

Ao se deparar com a questão, Rousseau teve uma eloquente visão acerca das ações humanas, constando que aquelas modificações repletas de infortúnios provocaram todos os tipos de desordem em sua própria vida. E, e em consequência disso, a simplicidade anuladora de todo o germe do desenvolvimento da depravação oriundas das ciências e das artes ganha cada vez mais espaço, a razão para esse desenvolvido, o autor atribui o apego aos vícios. Isso o fez sentir-se, portanto, noutro universo, tanto que chegou a afirmar ser outro homem. Desse eloquente lampejo eis o que Ernst Cassirer afirma

Trata-se daquele dia de verão de 1749 no qual Rousseau saiu de Paris para visitar seu amigo Diderot, que, em virtude de uma arbitrária *ordem de prisão*,

tinha sido encarcerado na torre de Vincennes. Levou consigo um número do *Mercure de France* e, enquanto lia no caminho, deparou de repente com um tema de concurso lançado pela Academia de Dijon para o próximo ano. ‘O progresso das ciências e das artes’ - este era o tema -, ‘contribuiu para o apareçamento dos costumes?’ (CASSIRER, 1999, p. 47, grifos do autor).

Desse súbito acontecimento nasce a *Prosopopeia de Fabricius*, um ensaio que Rousseau mostra a Diderot, que incentiva o amigo a continuar, concluir suas ideias para apresentar seu trabalho perante a Academia de Dijon. Assim, segundo o autor do ensaio narra que Diderot, “aconselhou-me a dar largas às minhas ideias e a concorrer ao prêmio. Assim o fiz e desde então fiquei perdido. O resto todo de minha vida e minhas infelicidades foram o inevitável efeito daquele momento de desvario” (ROUSSEAU, 2018, p. 332). Jean-Jacques relata que todos esses acontecimentos estiveram presentes em seu coração por muito tempo e, por mais que seu pensamento incomodasse aos contrários de suas ideias, ele se manteve fiel a si mesmo, pois nunca mudou de opinião para agradar as opiniões contrárias, fossem de ordem política, fosse filosófica. Eis o que diz o genebrino sobre agradar quem quer que fosse.

Por isso já tomei o meu partido; não me preocupo com agradar nem aos letrados pretensiosos, nem às pessoas em moda. Em todos os tempos, haverá homens destinados a serem subjugados pelas opiniões de seu século, de seu país, de sua sociedade. Faz-se passar hoje por espírito forte, filósofo, quem, pelo mesmo, ao tempo da Liga não teria passado de um fanático (ROUSSEAU, 1978d, p. 331).

Seguindo seu partido ele escreve livre, pois, não precisa se limitar ou posicionar-se em defesa do clero, realiza ou até mesmo filósofos, mas a favor sempre da verdade descortinada das amarras preconceituosas que dividiam opiniões entre eles mesmo. Rousseau, não se calou e dentro do próprio grupo de pensadores criticou o comportamento de muitos dos seus companheiros, intelectuais da *Enciclopédia*. Guiado pelas verdades de seu coração, como consta nas *Confissões*, livro VIII que:

Elevaram-me meus sentimentos, com a mais inconcebível rapidez, colocando-se ao lado de minhas ideias. Toas as minhas pequenas paixões foram abafadas pelo entusiasmo da verdade, da liberdade e da virtude; e o que há de mais surpreendente é que aquela efervescência se manteve em meu coração, durando mais de quatro ou cinco anos, a um grau tão alto como talvez nunca tenha se feito sentir no coração de qualquer outro homem (ROUSSEAU, 2018, p. 332).

E, foi assim, com essas certezas sentidas em seu íntimo que teve início o *Discurso sobre as ciências e artes*. Esta mesma efervescência de sentimentos se fez presente em todas as outras obras do autor. No *Discurso sobre a desigualdade*, onde fala sobre a desnaturalização do homem devido seu afastamento do estado de natural, Rousseau tem as mesmas convicções, acredita que a vida em sociedade só trouxe prejuízos ao homem,

temática que também lhe redeu muitas críticas. Mas que não fizeram mudar seu modo de ver e pensar as transformações do homem.

Por conseguinte, a discussão do *Primeiro Discurso*, premiado pela Academia de Dijon em 1750, e que levou seu autor a fama, ao sucesso e o reconhecimento pelo seu trabalho, foi também pelo sucesso do mesmo que começou a ser causa de inveja, de calúnias e interpretações distorcidas sobre o discurso, que segundo o próprio Rousseau lhe custou a liberdade e a paz como confessa nas *Confissões*. Desse modo, afirma que:

Enquanto vivi ignorado pelo público, fui amado por todos aqueles que me conheciam, e não tive um só inimigo; porém assim que criei nome, não tive mais amigos. Foi uma grande infelicidade; um pouco maior ainda foi a de me ver cercado por pessoas que tomavam tal nome e que só usam os direitos que este lhes dava para arrastar-me para a perda. A continuação dessas memórias desvendará tão odiosa trama; aqui só aponto sua origem: em breve verão formar-se o primeiro nó (ROUSSEAU, 2018, p. 342).

O sucesso veio e com ele a certeza que estava no caminho certo, embora percebesse que não seria fácil, pois o autor faz críticas severas as Ciências e as Artes. Contudo, diz que “não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens virtuosos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 333), pois não basta falar da verdade, é preciso vive-la, os homens tecem belos discursos, mas estão longe de praticá-los, logo, o que o filósofo questiona é a incoerência e o bom senso por parte desses senhores, tanto que segundo suas observações “onde não existe nenhum efeito não há nenhuma causa a procurar: nesse ponto, porém, o efeito é certo, a depravação é real, e nossas almas se corromperam, à medida que nossas ciências e artes avançaram no sentido de perfeição” (ROUSSEAU, 1978d, p. 337). A razão guia o homem moderno, e este se apega a tudo que reluz aos seus olhos.

Luciano Façanha, ressalta que as críticas de Rousseau a sociedade do XVIII não se dá por ódio ou por querer excluir dela as ciências e as artes, “mas, sobretudo, em recuperar a totalidade social tomando como base a virtude por ser a única necessária entre os homens” (FAÇANHA, 2015, p. 182). Ressaltando que, a Europa como em tempos passados, vinha passando por constantes guerras, desordem social e política. Assim, como é possível uma sociedade nas circunstâncias citadas reergue-se diante de tais fatos?

Em Rousseau, para toda e qualquer sociedade sucumbida na injustiça, na depravação dos valores pela falta de homens instruídos de virtudes, a educação é uma possibilidade de reparo para esta infeliz situação. Talvez seja ela a única a possibilitar um reajuste de condutas. Contudo, a educação aplicada nos moldes da época como ele critica afirmando que a juventude não aprenderá a amar a própria pátria porque os valores

repassados não vêm da sua cultura, da sua realidade. Logo, não firmarão laços, nunca saberão o que significa virtude, “temperança, humanidade e coragem”, assim a doce pátria não será reconhecida nem em vocabulários, desse modo, também pode acontecer com os ensinamentos divino, de “Deus” (ROUSSEAU, 1978d, p. 347), pois, na interpretação do autor, os cuidados educacionais deverão ir além da reprodução dos conteúdos, seguir, pois, os estímulos da natureza, é fortalecer a educação e a liberdade para autonomia.

Do ponto de vista Rousseauiano, citar os fatos ocorridos ao longo da história da humanidade onde ele sempre faz referência aos povos antigos, destacando suas origens que nem sempre foram das técnicas, das ciências, das estratégias de guerra, mais de esforços próprios, não se resume a uma questão de nostalgia, mas em reforçar que muitos desses homens agiram com sabedoria e passaram ser exemplo de virtude.

Vejamos o exemplo asiático que segundo a autor “se as ciências purificassem os costumes, se ensinassem os homens a derramar seu sangue pela pátria, se incitassem a coragem, os povos da china deveriam ser sábios, livres e invencíveis” (ROUSSEAU, 1978d, p. 338). Continua afirmando que, à medida que uma sociedade vai adquirindo novos gostos, vai também acrescentando novas características em sua formação, uma sociedade ambiciosa por poder, por mais sábios que tenha não está livre do julgo da queda, ou seja, quanto maior seu poder, mais trágico seu fim. Sendo assim, nas palavras do autor:

Oponhamos a esse quadro o dos costumes de pequeno número de povos que, preservados desse contágio de conhecimentos maus, por suas virtudes construíram a própria felicidade e constituem exemplo para as demais nações. Tais foram os antigos persas, nação singular no seio da qual se aprendia a virtude como entre nós se aprende a ciência, que com tanta facilidade subjugou a Ásia, sendo a única a possuir tal glória, e cuja história das instituições pode ser considerada um romance de filosofia. (ROUSSEAU, 1978d, p. 338).

O filósofo em tom de desdém das sociedades atuais conclui exemplificando que na sabedoria dos Persas entre eles a virtude não era um negócio, mas uma questão singular um princípio moral, já a virtude aprendida entre nós, a modernidade é tão nociva quanto a ciência que se intitula senhora salvadora do mundo, subjugando a própria razão de ser. É notório que os vícios levaram povos tão sábios, guerreiros dotados de virtudes a decadência de sentimentos e moral, fraquejaram pela avareza, pela bajulação que nem a própria casa do saber filosófico escapou.

É, pois, diante dessa fatídica realidade que Rousseau questiona o sistema pedagógico vigente, pois as próprias crianças eram inseridas nesse contexto sem os devidos cuidados e questiona “como é possível que uma criança seja bem-educada por

quem não tenha sido bem-educado”? (ROUSSEAU, 2014, p. 28). Ou seja, como os homens perceberão seu declínio a ponto de evitar que a sociedade atual pereça? No primeiro livro do *Emílio*, Rousseau fala do cuidado do adulto para com as crianças, mas que cuidados são esses?

Jean-Jacques Rousseau tem a convicção de que o homem é bom por natureza, e em seu *Primeiro Discurso*, afirma que os costumes degeneram o homem à medida que este desenvolve o gosto pelas letras. Segundo o autor, o homem natural é bom, e no isolamento é igual a todo homem, pois, é a partir do momento que passam a viver em sociedade que as desigualdades aparecem. Sendo assim (ROUSSEAU, 2014, p. 325), afirma que “é preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas”. Logo, fica evidente que não se pode pensar no homem como uma coisa separada ou fora da esfera política, uma vez que a ética e a política constituem a formação moral e social da organização civil. Daí, destaca-se a semelhança entre o *Primeiro* e o *Segundo Discurso*.

Os homens são maus - uma experiência triste e contínua dispensa provas; no entanto, o homem é naturalmente bom-creio tê-lo demonstrado; que, pois, poderá tê-lo depravado a esse ponto senão as mudanças sobrevindas em sua constituição, os progressos que fez e os conhecimentos que adquiriu [...] Vi homens indignos chorarem de dor sabendo que podariam ter um ano fértil, e o grande e funesto incêndio de Londres, que custou a vida e os bens de mais de dez mil pessoas. Sei que Montaigne censura o ateniense Demades por ter mandado punir um artesão que, vendendo esquifes caríssimos, ganhava muito com a morte dos cidadãos. Mas, alegando Montaigne razão para tal punir-se todo mundo, é evidente que tal razão confirma as minhas. Penetramos, pois, através de nossas frívolas demonstrações de benevolência, no que se passa no fundo dos corações e refletimos sobre como deve ser um estado de coisas no qual todos os homens são forçados a agradar-se e a destruir-se mutuamente, no qual nascem inimigos por dever e traidores por interesse (ROUSSEAU, 1978c, p. 291-292).

A sociedade desse período era feudal e composta por três estados onde a Igreja e o Estado viviam nos privilégios bancados pelos pobres conhecidos como o terceiro Estado. A educação era privilégios dos ricos o que configurava ainda mais a desigualdade entre as classes. Uma sociedade dividida vivendo sob a influência de suas instituições que mais serviam para degenerar os costumes e a moral. A partir desses princípios, Rousseau assevera que

Por mais que se admire a sociedade humana, não será menos verdadeiro que ela necessariamente leva os homens a se odiarem entre si à medida que seus interesses se cruzam, a aparentemente se prestarem serviços e a realmente se causarem todos os males imagináveis. Que se poderá pensar de um comércio no qual a razão de cada particular lhe dita máximas diferente contrárias às que

a razão pública prega ao corpo da sociedade e onde cada um encontra seu lucro na infelicidade de outrem? (ROUSSEAU, 1978c, p. 291).

O interesse e as disputas pelos mesmos objetos nascem o sentimento de superioridade, uma das definições que se pode atribuir para as desigualdades sociais é a condição presente de onde o homem passa a dominar e a questionar o mundo que vive e o modo como vivem diante das novas aquisições. Assim, nesse interesse particular o resultado não poderia se dá de outro modo, anão ser pelo conflito, uma vez que a própria sociedade não segue em harmonia com o corpo político.

Mas, conforme o autor da obra *A filosofia do Iluminismo*, isso ocorre em razão das comparações e das necessidades da aplicabilidade do saber, isto é, “a sociedade é o ar vital; a verdadeira ciência, a verdadeira filosofia, a verdadeira arte não pode florescer em nenhum outro lugar” (CASSIRER, 1992, p. 356). Portanto, o comportamento crítico pessimista e radical de Rousseau como diz Ernst Cassirer não é em razão de um possível retrocesso, mas por uma constante dúvida sobre os rumos morais e, as políticas que essa sociedade pautada no uso absoluto da razão seguirá, pois, “é neste ponto que intervém a crítica, a contestação radical de Rousseau”. Continua Cassirer

Ele ousa quebrar o vínculo considerado indissolúvel. Ele descobre que é problemática e inteiramente contestável a unidade que se admitia até então, ingenuamente e de boa-fé, existir entre consciência moral e consciência cultural em geral. E, uma vez a questão assim encarada e formulada com todo o rigor, a resposta não podia continuar duvidosa por muito mais tempo. A harmonia desmorona entre o ideal ético e o ideal teórico do século. O próprio Rousseau descreveu com grande penetração o instante em que esse desmoronamento produziu-se nele (CASSIRER, 1992, p. 356-357).

Essa penetração das coisas e dos acontecimentos como as mudanças dos valores morais se tornam latentes em Rousseau com a indagação da academia de Dijon, como o próprio Cassirer salienta. Essas mudanças também podem ser observadas no grupo dos ilustres homens de letras, onde se respira a ideia comum por melhorias políticas e sociais, mas Jean-Jacques hábil em observar, percebe que os desejos não eram vividos com a mesma intensidade, pois havia obscuridade por trás de muitas falas.

Desse modo, ele é visto como um ser antipático, pessimista e desajustado das ideias. Rousseau não aceita acordos individuais, e tão pouco melhorias por pedaços ou troca de favores, ele pensa no todo, daí ser considerado como o pensador radical, inimigo do conhecimento. Para o genebrino, aceitar tais sujeições é como perder sua liberdade, pois, o homem é livre para agir e decidir que caminho seguir, embora este não saiba ou não perceba como diz Starobinski “o homem não tem a necessidade de transformar o mundo para satisfazer suas necessidades” (STAROBINSKI, 1991, p. 37), porém, tudo ele

modifica. Por essa via dar não necessidade de modificar as coisas ao seu redor, que Rousseau também não via as necessidades das ciências e das artes serem colocadas em pedestais, já que dentre suas funções está a ilusão de resolver, salvar o homem de suas misérias.

3.3 Aspecto negativo do Iluminismo segundo Rousseau

Partido do entendimento que o homem nasce bom, pergunta-se, “por que só o homem é suscetível a tornar-se imbecil”? (ROUSSEAU,1999a, p. 65). Esta é uma pergunta com inúmeras definições, embora, haja no comportamento do homem muita assemelha a outros seres vivos. Mas ousa-se dizer que seja pelo fato de ser o homem o único ser a desenvolver o uso da razão, da linguagem articulada, além de viver uma constante busca pelo reconhecimento dos outros. Todavia, Rousseau discorda do discurso dos filósofos do progresso, e dos moralistas da época, para ele, essas transformações ocorrem em razão do surgimento de novas aquisições feitas pelo homem, bem como, o aperfeiçoamento do conhecimento, o poder de escolher em querer e não querer, assim como, o apego as novas condições de vida, passa a ter rumos deferentes, novos sabores e novos modos de habitação.

A capacidade de pensar e sentir aperfeiçoou os desejos de descobrir e usufruir cada vez o que está ao seu redor, portanto, “é pela sua atividade que nossa razão se aperfeiçoa; só procuramos conhecer porque desejamos usufruir e é impossível conceber porque aquele, que não tem desejos ou temores, dar-se-ia a pena de raciocinar” (ROUSSEAU,1999a, p. 65-66). No *Emílio*, Rousseau observa que o homem não se satisfaz sem antes modificar tudo que a natureza lhe oferece. Assim, a quem culpar ou atribuir tais comportamentos senão as suas próprias deformações, o homem mudando, muda tudo, embora, tenha a bondade como uma característica inata, não está imune aos males oriundos dessas mudanças, contudo, sem refletir volta no final a ser a besta que era, a diferença está no antes, pois antes era inocente, natural e sem o raciocínio moral.

Embora, seja a perfectibilidade uma ação movedora dos impulsos humanos, não é ela quem a induz para degeneração, mas “suas luzes e erros, seus vícios e virtudes” adquiridos devido sua ruptura com estado primitivo, tornando-se com o passar do tempo “tirano de si mesmo e da natureza” (ROUSSEAU,1999a, p. 65). Portanto, nota-se, por essas ações, no decorrer da história da humanidade um homem doente, perecendo, embora

tenha feito sempre uso da natureza, pois, é parte dela e é através dela que mantém sua sobrevivência.

Portanto, não se pode negar que o homem é um ser influenciado tanto por sua natureza interna quanto pela a externa, tanto que, na aquisição das coisas ele começou por “perceber e sentir [...] querer e não querer, desejar e temer” (ROUSSEAU, 1999a, p. 65), e assim nesse processo de novas circunstâncias e atividades é que segundo Rousseau, a razão vai se aprimorando diante os desejos pelas coisas ou por temores delas. E, com os avanços das técnicas, das ciências e das artes o homem embriagado pelas luzes funestas do luxo e da riqueza, começou a fazer uso dos mesmos, ora preservando, ora destruindo e a todo instante fortalecendo o comércio das desigualdades. Mas segundo o autor:

Apesar do que dizem os moralistas, o entendimento humano muito deve às paixões, que, segundo uma opinião geral, lhe devem também muito. É pela sua atividade que nossa razão se aperfeiçoa; só procuramos conhecer porque desejamos usufruir e é impossível conceber por que aquele, que não tem desejos ou temores, dar-se-ia a pena de raciocinar. As paixões, por sua vez, encontram sua origem em nossas necessidades e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas segundo as ideias que delas se possa fazer ou pelo simples impulso da natureza; o homem selvagem, privado de toda espécie de luzes, só experimenta as paixões desta última espécie, não ultrapassando, pois, seus desejos a suas necessidades físicas. Os únicos bens que conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso; os únicos males que teme, a dor e a fome. Digo a dor e não a morte, pois jamais o animal saberá o que é morrer, sendo o conhecimento da morte e de seus terrores uma das primeiras aquisições feitas pelo homem ao distanciar-se da condição animal (ROUSSEAU, 1978c, p. 244).

Com os desejos mais latentes, as coisas mais escasas e as mudanças naturais o homem vai buscando sobreviver e nessas condições aos poucos vai ocorrendo sua transição de seu estado natural para o social, que segundo o Rousseau, fortaleceu-se e passou a existir “entre nossos costumes uma uniformidade desprezível e enganosa, e parece que todos os espíritos se fundiram num mesmo molde: incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio” (ROUSSEAU, 1978d, p. 336), desse modo, mostra exatamente o que não se é, assim, percebe-se que nesse período a aparência está em voga, valia mais parecer do que ser. Para Rousseau essa falsa felicidade se dá por conta das novas aquisições, novo modo de viver³⁸ do homem e que só aprimoram a com perspicácia polidez da corrupção dos costumes.

³⁸ De acordo com Rousseau, com os novos costumes tudo, inclusive o espírito começa a mudar assim “nesse novo estado, numa vida simples e solitária, com necessidades muito limitadas e os instrumentos que tinham inventado para satisfazê-las, os homens, gozando de um lazer bem maior, empregaram-no na obtenção de inúmeras espécies de comodidades desconhecidas por seus antepassados; foi o primeiro jugo que, impiedosamente, impuseram a si mesmos e a primeira fonte de males que prepararam para seus

Com essa transição do estado primitivo para a ordem civil houve a transformação de sua liberdade, ocorrendo durante um período de violentas guerras em razão da desordem civil, como define Hobbes, que o homem vive num constante estado de guerra, ao contrário do que pensa Rousseau que não via nem guerra nem paz, apenas um ser solitário, tanto que conclui dizendo que as conclusões do autor do *Leviatã* são falsas, uma vez que, este atribui características civil para um ser primitivo. Sendo assim:

Não iremos, sobretudo, concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, seja o homem naturalmente mau; que seja corrupto por não conhecer a virtude; [...]. Hobbes viu muito bem o defeito de todas as definições modernas de direito natural, mas as consequências, que tira das suas, mostram que o toma num sentido que não é menos falso. (ROUSSEAU, 1978c, p. 252).

Não havia cidadania neste período pré-social, período existente antes do contrato social, que se caracterizava por uma vida comum de disputas pela propriedade³⁹ e pela riqueza, o que dá incio para as desigualdades sociais. Quanto a propriedade privada Rousseau a classifica como o principal progresso do desenvolvimento humano que ocasionou em lutas e violência pelo direito de posse. Locke a define como um dado natural anterior a lei civil e que diante dos fatos:

A mesma lei da natureza que por este meio nos concede a propriedade, também limita essa propriedade. Deus deu-nos de tudo em abundância (1Tm 6,17) é a voz da razão confirmada pela revelação. Mas até que ponto ele no-lo deu? Para usufruirmos. Tanto quanto qualquer pessoa possa fazer uso de qualquer vantagem da vida antes que se estrague, disso pode, por seu trabalho, fixar a propriedade. O que quer que esteja além disso excede sua parte e pertence aos outros. [...], a extensão de terra que um homem pode arar, plantar, melhorar e cultivar e os produtos dela que é capaz de usar constituem sua propriedade. Mediante seu trabalho, ele, por assim dizer, delimita parte do bem comum (LOCKE, 2005, p. 412).

A divergência entre o pensamento de Rousseau e Thomas Hobbes, é que segundo Hobbes o único direito dos homens é o de conservar sua própria vida, ou seja: “o *direito*

desentendes, pois, além de assim continuarem a enfraquecer o corpo e o espírito, essas coisas comodidades, perdendo pelo hábito quase todo seu deleite e degenerando ao mesmo tempo em verdadeiras necessidades, a privação se tornou muito mais cruel do que doce fora sua posse, e os homens sentiam-se infelizes por perde-la, sem terem sido felizes por possuí-las” (ROUSSEAU, 1999a, p. 91).

³⁹ Em Rousseau a propriedade é entendida e definida como o 3º estágio e o 1º progresso da evolução humana ao longo da história até chegar ao que somos hoje, (ao todo são 5 estágios e 3 progressos). Ela foi “o estágio decisivo” para as desigualdades entre os homens (ROUSSEAU, 1999a, p. 15). Em John Locke se compreende como a ausência de instituições políticas e de regras que impedissem a exploração entre os homens, uma vez que ela é um direito natural. Sendo assim, ela já existia “entre aqueles que se consideram a parte civilizada da humanidade, que fizeram e multiplicaram leis positivas para determinar a propriedade, essa lei original da natureza que determina o início da propriedade sobre aquilo que era antes comum continua em vigor” (LOCKE, 2005, p. 411). E mais “o peso dos argumentos racionais deve ser acompanhado de humanidade e benevolência” (LOCKE, 1978, p. 10).

de Natureza, a que os autores geralmente chamam de *jus naturale*, é a liberdade⁴⁰ que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida” (HOBBS, 1979, p. 78, grifos do autor), assim, para Thomas Hobbes o direito de natureza equivale a condição natural do homem. Nesse caso, entende-se que nessas condições tudo que eles fizerem entre si são ações validas. Contudo, há um problema, segundo o autor, o homem não sabe usar de sua liberdade, coloca-se em perigo a todo instante.

Desse modo, embora, o homem seja livre, ele não sabe suar de sua autonomia para consigo mesmo, daí, a necessidade do legislador diante todas as decisões onde “o medo e a liberdade” assim como “a liberdade e a necessidade são compatíveis” (HOBBS, 1979, p. 129-130), assim, mediante a situação do homem nesse estado, sendo a liberdade o e medo as paixões humanas que impulsionam para necessidade da instituição das leis⁴¹, assim, equivale dizer que essa liberdade se caracteriza como sinônimo dessa necessidade,

⁴⁰ “Quentin Skinner em sua obra *Hobbes e a liberdade republicana* fala dessa liberdade entendida e defendida por Hobbes, cuja ideia vai contra o pensamento de muitos teóricos de seu tempo e posteriormente também, assim o alemão Quentin Skinner esclarece que “antes dele, ninguém havia oferecido uma definição explícita sobre o que significa ser um homem livre em competição direta com a definição avançada pelos pensadores da liberdade republicana e suas referências clássicas. Mas Hobbes estabelece tão claramente quanto possível que um homem livre nada tem a ver com o ter que viver *sui iuris*, ou ter que viver independentemente da vontade de outrem; isso significa simplesmente não estar incapacitado por impedimentos externos a agir segundo vontade e poderes próprios. Ele é, portanto, o primeiro a responder aos teóricos republicanos oferecendo uma definição alternativa na qual a presença da liberdade é inteiramente construída como ausência de impedimento e não como ausência de dependência” (SKINNER, 2010, p. 149).

⁴¹ Citamos Thomas Hobbes expondo “no estado de natureza, onde cada homem é o seu próprio juiz, e difere dos demais acerca dos nomes e apelações das coisas, e a partir daquelas diferenças surgem querelas e a quebra da paz, era necessário que houvesse uma medida comum para todas as coisas, que pudessem cair em controvérsia. Por exemplo, daquilo que deve ser denominado o direito, o que é a virtude, o que é o muito, o que é o pouco, o que é o *meum* e o *tuum*, o que é uma libra, o que é um quarto, etc. Pois nestas coisas particulares os homens diferem e geram controvérsia. Esta medida comum, alguns dizem, é a reta razão. Com os quais eu devo concordar, se houver alguma coisa a ser encontrada ou conhecida *in rerum natura*. Mas comumente aqueles que chamam pela reta razão afim de decidir alguma controvérsia, fazem o seu próprio método. Porém, visto que a reta razão não existe, é certo que a razão de algum homem ou alguns homens deve suplantar o lugar daquela; e que este homem ou estes homens são aquele ou aqueles que detêm o poder soberano, conforme já ficou provado; e conseqüentemente as leis civis são para todos os súditos na medida de suas ações, por onde determinam, seja o que é certo ou errado, seja o que é proveitoso ou inútil, virtuoso ou vicioso; e não estando entre eles acordado o uso e a definição de todos os nomes, e tendendo eles à controvérsia, deverão ser estabelecidos. Por exemplo, quando por ocasião de algum nascimento estranho ou deformado, não será decidido por Aristóteles ou outros filósofos se o mesmo é um humano ou não, mas pelas leis” (HOBBS, 2002, p. 214 -215). Na primeira parte *Do Cidadão*, capítulo II da Lei da Natureza, ressalta que “todos os autores discordam da definição da lei natural, não obstante, frequentemente, usam este termo em seus escritos”. Contudo, continua, “mas a primeira e fundamental lei de natureza diz que a paz deve ser buscada onde pode ser encontrada; e se não for possível obtê-la, que nos preparemos para guerra” (HOBBS, 2016, p. 43-44).

haja vista, que a realização da vontade humana vem dessa liberdade. Ressaltando, que esta vontade⁴² pode ser ou não realizada.

Enquanto para Rousseau, o estado de natureza era o lugar de onde o homem não deveria ter saído, Hobbes vê como um lugar sem lei e que essa liberdade ilimitada impulsiona o homem a viver sem limites, assim, também como não acredita que esta liberdade seja algo dada por um poder superior, Divino. Desse modo, segundo os diretores da *Enciclopédia* as diferenças ideológicas e filosóficas entre os dois pensadores se fundamentam da seguinte maneira:

A filosofia do Senhor Rousseau de Genebra é quase inversa à de Hobbes. Um crê que o homem é por natureza bom, o outro, que o homem é naturalmente mau. Segundo o filósofo de Genebra, o estado de natureza é um estado de paz. Segundo o filósofo de Malmesbury, é um estado de guerra (DIDEROT; D'ALEMBERT, 2006, p. 189).

As diferenças não param por aí, os autores da *Enciclopédia* continuam relatando os principais embates ideológicos entre o inglês e o genebrino, primeiro, se seguirmos os passos de Hobbes, veremos que foram “as leis e a formação da sociedade que tornaram o homem melhor”. Já o caminho percorrido por Rousseau é inverso, desse modo, o autor afirma que “são as leis e a sociedade que o depravam” (DIDEROT; D'ALEMBERT, 2006, 189), essas diferenças também são notáveis, conforme os autores em razão de suas origens, ou seja, “um tinha nascido no meio do tumulto⁴³ e das facções; o outro vivia na sociedade mundana entre os sábios. Outra época, outras circunstâncias, outra filosofia”, que em muito retrata as ideias e o comportamento de ambos perante a realidade social de sua época.

Assim, um nasce dentro da violência de uma monarquia, e outro numa harmoniosa república, segue as diferenças também no modo de pensar a vida em sociedade, pois para

⁴² Mas, conforme Natalia Maruyama, “de qualquer modo, para ele, todas as nossas escolhas e deliberações são necessitadas. Há uma concatenação de causas determinando nossas paixões, desejos e apetites. ‘Posso fazer se quiser’, isso é liberdade. Atribuir liberdade à vontade é um absurdo. No Capítulo 21 do *Leviatã*, encontramos o mesmo tipo de consideração: do uso da expressão ‘livre arbítrio’ (*free will*) não podemos inferir nenhuma liberdade da vontade, do desejo ou da inclinação. Só podemos referir-nos àquela liberdade do homem que é atribuída a suas ações, e não a sua vontade” (MARUYAMA, 2009, p. 49).

⁴³ Hobbes considera o medo como seu irmão gêmeo “Thomas Hobbes nasceu na Inglaterra, em Malmesbury, em 1588. Seu pai era um obscuro eclesiástico da região. A frota de Felipe II, rei da Espanha, havia enviado contra os ingleses tinha lançado a nação numa consternação geral. Por esta razão, a mãe de Hobbes pôs no mundo esta criança antes do termo da gravidez” (DIDEROT; D'ALEMBERT, 2006, p. 153). Lourival Gomes Machado, em sua obra *Homem e sociedade na teoria política de Jean-Jacques Rousseau*, comenta essas diferenças afirmando que “a oposição apenas se mostra válida para alguns limitados pontos de contatos entre essas duas concepções[...]. Contudo, “Constituindo o segundo *Discurso* verdadeira introdução ao *Contrato* e, em geral, ao pensamento político de Rousseau, autor e obra são frequentemente colocados em oposição antagônica à de Hobbes, principalmente quando se deseja estabelecer contraste entre as intenções absolutistas de um e a tendência democrática de outro” (MACHADO, 1968, p. 90).

o genebrino as desigualdades fonte geradora da infelicidade do homem, advém da propriedade privada e do poder que devido a ela, os mais fortes passaram a exercer suas forças sobre os mais fracos e desafortunados, dessas desventuras é firmado a necessidade do contrato social, como assevera Rousseau que “a passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança notável, substituindo na sua conduta o instituto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhes faltava” (ROUSSEAU 1978a, p. 36).

Na transição para a vida social, Rousseau é claro em dizer que “o que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui” (ROUSSEAU, 1978a, p. 36), pode-se assegurar que esta perda representa não só o desenvolvimento das faculdades racionais e emocionais do indivíduo, mas também abre os precedentes para toda a violação da liberdade, da segurança e da igualdade entre os homens em coletividade.

As principais decorrências do acentamento da vida em comunidade segundo Rousseau, está entrelaçados num conjunto racional, da afetividade e dos desejos que se impõem aos sujeitos com advento da vida em sociedade. O autor afirma que “como o corpo, o espírito tem suas necessidades. Estas são o fundamento da sociedade, aquelas constituem seu deleite” (ROUSSEAU, 1999b, p.190), portanto, continua, “como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regras, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo! (ROUSSEAU, 1999b, p. 191).

Para Rousseau, isso ocorre tanto como causa quanto por efeito do contrato social, os indivíduos carecem de ter uma consciência e um amor não apenas de si, como outrora, mas, também devem pensar nas consequências de seus atos em relação aos outros e reconhecer a necessidade da convivência com estes outros homens e das necessidades que ele próprio criou. De acordo com Delmo Mattos

[...], não se pode conceber, portanto, a configuração de um determinado argumento baseado, sobretudo, numa concepção de contrato, que não esteja presente no seu núcleo, a ideia de livre acordo, a existência de partes que manifestam vontades concordantes acerca de um determinado objeto e, conseqüentemente, comprometem-se racionalmente com sua execução (SILVA, 2019, p. 141).

Embora, o conceito de vontade geral em Rousseau seja complexo e não apresenta consenso, ainda mais tendo que conciliar a liberdade política quando há um contrato de submissão e ainda ser livre, pois bem, diante da complexidade, vale ressaltar, que o

homem em Rousseau é um ser livre, mesmo estando submetido a uma autoridade política, uma vez que a lei que ele obedece é de seu próprio consentimento, daí ser uma vontade livre seguida de autonomia. Dessa forma, segundo o conceito Rousseauiano como afirma Delmo Mattos “o pacto social que origina a comunidade política, não só concilia a vontade particular e o dever social, mas também, faz emergir uma força impessoal e coletiva, ou seja, a vontade geral, que deve partir de todos para aplicar-se a todos” (SILVA, 2019, p. 141-142).

Rousseau, no *Primeiro Discurso*, expõe que “a necessidade levantou os tronos; as ciências e as artes os fortaleceram. (ROUSSEAU, 1978d, p. 335). Se a sociedade não é natural, devemos remontar a uma época anterior à sociedade civil para encontrar o homem tal como é por natureza, esta investigação é necessária para determinar as origens do Estado. Considerando que a sociedade civil é convencional, suas leis somente terão alguma legitimidade se puderem fundar-se na natureza originária do homem. Contudo, conhecer o homem natural exige um esforço quase sobre-humano, pois existimos na sociedade civil e, por isso, não podemos mais ter contato com ele.

Como, então, ter acesso a ele? O caminho indicado, se quisermos conhecer o homem tal como ele era por natureza, devemos despojá-lo de todas as qualidades relacionadas com a vida em sociedade, pois, segundo Rousseau “é sob um traje rústico de um trabalhador e não sob os dourados de um cortesão, que se encontrarão a força e o vigor do corpo. A aparência não é menos estranha à virtude, que constitui a força e o vigor da alma” (ROUSSEAU, 1999b, p. 191). Continua a descrição fazendo entender que os hábitos alimentares e as labutas do homem selvagem diferenciam muito na estrutura física e atlética da vida em sociedade, isto é, “o homem de bem é um atleta que se compraz em combater nu; despreza todos esses ornamentos vãos, que dificultam o emprego de suas forças e cuja maior parte só foi inventada para esconder uma deformidade qualquer” (ROUSSEAU, 1999b, p. 191).

Portanto, em tudo é preciso cuidado com as definições, as qualidades e as características atribuídas na diferenciação entre o homem primitivo e homem civil, desse modo, “evitemos, pois, confundir o homem selvagem com os homens que temos diante dos olhos”. Pois, “tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco e medroso [...]”. De acordo com a descrição anterior, Rousseau continua afirmando que:

Acrescentemos que, entre a condição selvagem e a doméstica, a diferença de homem para homem deverá ser ainda maior do que a existente de animal para animal, pois sendo o animal e o homem tratados igualmente pela natureza, todas as comodidades que o homem a si mesmo oferece, mas não aos animais,

são outras tantas causas particulares que fazem com que mais perceptivelmente degenerem (ROUSSEAU, 1978c, p. 241-242).

A passagem do estado natural para o civil, produziu transformações no homem, substituindo o instinto pela justiça e conferindo moralidade às suas ações. O homem se vê obrigado a agir conforme princípios distintos dos naturais. Ao entrar no estado civil, o homem passa de animal estúpido a um ser inteligente. A vida em sociedade ocorre contrariamente à vida em estado de natureza, o que sucinta uma mudança de hábitos, opiniões e concepções, considerando uma necessidade de superar agora as dificuldades, condição de guerras, caos e conseguir a promoção de uma vida melhor⁴⁴.

Na resposta dada por Rousseau ao rei da Polônia, nas objeções dirigidas ao Primeiro *Discurso*, ele diz que “a ciência é muito boa em si mesmo, eis o que é evidente, e seria preciso ter renunciado ao bom senso para dizer o contrário” (ROUSSEAU, 1978d, p. 376). Contudo, logo questiona, “mas como pode ser que as ciências, cuja fonte é tão pura e o fim tão louvável, deem origem a tantas impiedades, a tantas heresias, tantos erros, tantos sistemas absurdos, tantas contrariedades” (ROUSSEAU, 1978d, p. 376), no mesmo tom, continua o autor com suas indagações. Diante a tanta vulgaridade, como poder ser boa a ciência que anda com jogos de interesses e manipulações que mais fere a honra e os serviços prestados por ela, logo o que dizer diante de “tantas calúnias, tantas adulações covardes e vergonhosas? Conforme as palavras do genebrino:

Eis como apresentaria essa genealogia. A primeira fonte do mal é a desigualdade: da desigualdade saíram as riquezas, uma vez que as palavras rico e pobre são relativas e em todas as partes em que os homens forem iguais não haverá ricos nem pobres. Das riquezas nasceram o luxo e a ociosidade; do luxo nasceram as belas-artes e, da ociosidade, as ciências (ROUSSEAU, 1978d, p. 386).

Fonte das desgraças humana, seus efeitos causam mais males do que bem, diante a citação não é que elas devam ser banidas, o homem precisa ser prudente e pouco cultivá-las, pois como já se pode observar, o autor não as excluem em definitivo, roga para que se tenha cuidados com seus excessos, nesse sentido, dá as ciências e as artes apenas o que de fato são delas, mas desprezo que apego e seguir as leis da natureza, voltando-se para ela (ROUSSEAU, 1978d, p. 380), conservando suas “inclinações naturais”. Pois diante

⁴⁴ A terra é imensamente rica e oferece possibilidades em sua extensão para se viver em harmonia com natureza. O homem possui talentos, conhecimentos e inúmeras forma para dela e nela viver, mas parece sempre buscar meios de se afastar de suas origens, assim: “potências da terra, amai os talentos e protegei aqueles que os cultivam. Povos policiados, cultivai-os; escravos felizes, vós lhes deveis esse gosto delicado e fino com que vos excitaís, essa doçura de caráter e essa urbanidade de costumes, que tornam tão afável o comércio entre vós, em uma palavra: a aparência de todas as virtudes, sem que se possua nenhuma delas” (ROUSSEAU, 1978d, p. 335).

tanta ignorância e preferência pela deformação “nunca se viu, porém, um povo que tenha se corrompido voltar a virtude” (ROUSSEAU, 1978d, 390). Percebe-se, na descrição do filósofo a ignorância está só a um passo do saber e que as sociedades parecem fazer disso um trocadilho. Desse domo, teria a razão ainda alguma utilidade?

O iluminismo tinha profunda convicção na razão e na moral, buscava justiça, liberdade e independência intelectual perante o Estado, mas, no entanto, também percebemos que esse período foi marcado por suas contradições, fato presente entre os homens de letras que causou em Rousseau desconforto e desentendimentos com as ideias de seus contemporâneos. Assim, Rouanet, questiona toda revolução da Ilustração se de fato ela respondeu à altura de todas as transformações de fé e felicidades depositas em seu nome, segue portanto, o autor, demonstrando seus aspectos carregados de tons negativos da seguinte forma:

Mas teria ainda a Ilustração forças para influenciar o nosso presente? Seu legado ainda existe, mas está em crise. Sua bandeira mais alta, a da razão, está sendo contestada. Sua fé na ciência é denunciada como uma ingenuidade perigosa, que estimulou a destrutividade humana e criou novas formas de dominação, em vez de promover a felicidade universal. A crença no progresso expôs o homem a todas as regressões. Seu individualismo estimulou o advento do sujeito egoísta, preocupado unicamente com o ganho e a acumulação. A crença na mudança das relações sociais como forma de implantar o paraíso na Terra levou a uma utopia concentracionária, e resultou na criação de todos os gulags. Sua cruzada desmistificadora solapou as bases de todos os valores, deixando o homem solitário, sob um céu deserto, num mundo privado de sentido. (ROUANET, 1987, p. 26-27).

As circunstâncias, assim como os meios tem sua parcela, não diremos de culpa, mas de modo direto as inclinações que fortaleceram a perversão do homem, dessa maneira, segundo Rousseau “as luzes do mau são menos temíveis do que a sua bruta estupidez” (ROUSSEAU, 1978d, p. 390). Um fato a ser destacado é que quando o mal já não tem solução, a dosagem no tratamento deve ser apenas a de mantê-lo controlado.

3.4 Aspecto positivo do Iluminismo segundo Rousseau

Rousseau na primeira parte do *Primeiro Discurso*, deixa evidente sua felicidade e admiração por ver a capacidade que tem o homem para sair de sua ignorância intelectual por progressos próprios e, em suas próprias palavras “é um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes de sua razão, as trevas nas quais o envolveu a natureza” (ROUSSEAU, 1978d, p. 334). Embora, o autor reconheça a singular importância das ciências, não deixa passar sem destacar sua desconfiança nelas, tanto que, no prefácio do *Segundo Discurso*, que

fala sobre as desigualdades entre os homens, o filósofo demonstra-se o quão insatisfeito é com o andamento do conhecimento humano de seu século, e, aí faz uma alusão ao Oráculo de Delfos a respeito da sabedoria humana, ou seja,

O mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos humanos parece-me ser o do homem e ousa afirmar que a simples inscrição do templo de Delfos continha um preceito mais importante e mais difícil que todos os grossos livros dos moralistas. Considero, ainda, o assunto desde discurso como uma das questões mais interessante que a filosofia possa propor e, infelizmente para nós, como umas das mais espinhosas a que possam responder os filósofos, pois, como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar a conhecer a eles mesmos? (ROUSSEAU, 1978c, 227, grifos do autor).

Podemos dizer que com essa máxima, Rousseau propõe para o homem uma certa reflexão acerca de seus atos diante o mundo, a começar, pela eloquência exacerbada dada a razão em um mundo que se quer conhece a si mesmo e os males que lhe afundam dia após dia em decorrência da aparência e dos vícios, o homem social perdido em meio a sua própria criação, não consegue perceber o caos, a desordem, as dores, e a verdadeira causa de suas necessidades. Observando, pois, de onde vem todas essas mudanças, tão fácil ficará em perceber que apesar de uns terem se tornado bons, outros não, destaca-se que outros permaneceram mais tempo em “*seu estado original*” (ROUSSEAU, 1978, p. 228c, grifos do autor), daí poder afirmar “a primeira fonte de desigualdade entre os homens”, desse modo, facilita-se o entendimento sobre as demais causas da mesma.

Analisando, portanto, seu comportamento e quais contribuições tiveram em sua vida, assim como a estrutura moral, desse modo, o autor expõe no capítulo I do livro III *Do Contrato Social* “toda ação livre tem duas causas que ocorreram em sua produção: uma moral, que é a vontade que determina o ato, e a outra física, que é o poder que a executa” (ROUSSEAU, 1978a, p. 73). Observa-se, que embora haja mudanças tanto nos aspectos físicos quanto moral, o homem deve conservar na alma sua integridade e a bondade, para demonstrar como isso é possível, ele usa a estátua do deus Glauco, a exemplo da alegoria de Platão, citada no prefácio do *Segundo Discurso* que exposta no fundo mar e corroída pelas impetuosidades do tempo, parecia mais um monstro, mas nem por isso, perdeu sua essência. Vejamos

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o

contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante (ROUSSEAU, 198, p. 227, grifos do autor).

Desse modo, as transformações decorrentes do tempo são percebidas pelo modo de agir do homem, além disso, vale ressaltar que essas diferenças não ocorrem de modo semelhante, esse processo foi gradual, de acordo com as suas necessidades. Algumas diferenças são obras da natureza, mas a sua chegada no meio social contribuiu para essas alterações que foram modificando seu modo de vida, que foi tomando gosto por outras realidades, foi assim afastando-o cada vez de mais de sua natureza. Conforme o autor afirma que:

O que há de mais cruel ainda é que, todos os progressos da espécie humana distanciando-a incessantemente de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais afastamos os meios de adquirir o mais importante de todos: é que, num certo sentido, à força de estudar o homem, tornamo-nos incapazes de conhecê-lo (ROUSSEAU, 1978c, p. 227, grifos do autor).

Quanto à questão acima, Ernst Cassirer em seu livro *A questão Jean-Jacques Rousseau*, toma por base o pensamento de Rousseau, salientando que o homem segue sua própria lei, obstinado aos novos sabores do saber crítico, e por vezes assegurado pela vida mística do conhecimento, embora, seja o saber filosófico emancipador da autonomia. Tanto que, segundo o autor

Não se poder tirar do homem a tarefa de ordenar seu mundo – e nesta sua configuração e comando, ele não pode e não deve contar com uma ajuda de cima ou com uma assistência sobrenatural. A tarefa⁴⁵ está colocada para *ele* – e deve ser solucionada com seus recursos, com recursos puramente humanos (CASSIRER, 1999, p. 109, grifo do autor).

Guiado pela razão, o homem se sente livre, seja das ações humanas, seja as da natureza ou assim acredita ser, seguindo através de todas as mudanças de sua constituição, o progresso dessas transformações não torna o homem melhor, mesmo que tenha em sua constituição a bondade natural. Rousseau acredita que o progresso da razão seja um dos indícios para corrupção e a decadência moral. Mas o que percebe dessa alegoria com a estátua do deus Glauco é que conservando o homem o mais próximo possível de suas origens, hajam as tempestades que houverem, a essência primeira não mudará, aí está

⁴⁵ Ernst Cassirer em sua obra *A filosofia do Iluminismo*, expõe que “é tarefa da ciência trazer para a luz esses elementos que escapam ao conhecimento imediato para colocá-lo sob os nossos olhos, claramente determinados e nitidamente distintos. Também aí não existe multiplicidade e diversidade que não se reduza, em definitivo, a uma soma da unidade, nenhum devir que não repouse, em última instância, num *Ser* consciente” (CASSIRER, 1992, p 36, grifos do autor). Portanto, essa análise do que está oculto é tarefa da ciência clássica.

importância da educação negativa na primeira infância. Por esta ação, o genebrino questiona:

E como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como o formou a natureza, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram? (ROUSSEAU, 1978c, p. 227, grifos do autor).

Quanto o questionamento do genebrino acima, Edgar Morin responde à questão de Rousseau dizendo que “a razão guia a humanidade na direção do progresso e assim o Progresso se torna lei inexorável⁴⁶ da história”. Embora a humanidade caminhe de certo modo, às cegas, uma vez que, ela segue um caminho incerto, de descobertas por etapas, mas sem grandes ou talvez nenhuma possibilidade de retrocesso, já que a razão vai se tornando soberana e digna de confiança que “nessa perspectiva, a ciência torna-se a produtora do autêntico conhecimento, ou seja, da verdade” (MORIN, 2005, p. 25), ainda segundo Morin:

É certo que o Renascimento, acontecimento histórico que possibilitou a ressurreição da filosofia não mais como serva da religião, restabeleceu e retomou o tema da autonomia da razão oriunda dos gregos e permitiu, com Galileu, Descartes e Bacon, o desabrochar da ciência baseada em procedimentos empírico-rationais. Esse desenvolvimento da ciência levou a conhecer separando os objetos do conhecimento uns dos outros e do sujeito que conhece. Em suma, eliminando a complexidade (MORIN, 2005, p. 24).

Nesse contexto da civilização, diante o progresso científico do século XVIII frente a tantas revoluções em nome do conhecimento que outrora era obscuro, complexo, tendo a religião como detentora e guia dos destinos, mas que diante dos fatos, das descobertas científicas e das críticas lançadas por muitos pensadores, alguns já citados no texto, é notório que o homem rousseauiano vive um dilema entre a natureza e a cultura, a natureza e a razão, onde a primeira se apresenta como luz, sentimento e bondade

⁴⁶ Segundo Edgar Morin “essa noção de lei inexorável foi formulada por Condorcet. O futuro ganha a aura de radioso, e o próprio humanismo avança com base em dois aspectos: 1) Deus estando suplantado considera-se o homem como sujeito do universo e que, por isso mesmo, deve dominá-lo (Descartes, Buffon e Marx estabelecem como missão da ciência o controle da natureza); 2) todos os seres humanos têm a mesma dignidade. Seja quem for merece o mesmo respeito. Essa teoria comporta a liberdade e a emancipação. O ano de 1789, com a expressão dos direitos do Homem proclamados pela Revolução Francesa cheia de tantas promessas, pode ser realmente descrito, de acordo com Hegel, como ‘um esplêndido nascer do sol’. Já com Rousseau o tema da afetividade (da sensibilidade) passa a opor-se à razão e indica que sozinho a razão tem um caráter abstrato e quase inumano. Rousseau revela do seu jeito o aspecto de abstração existente na ruptura entre o humano e o natural e dá à natureza uma importância quase matricial, maternal. Voltaire, sarcasticamente, dizia que Rousseau queria ‘nos fazer andar de quatro patas’. Para Rousseau a civilização acarreta a degradação humana. Assim, concebe o mito do homem natural que pressupõe não a existência de uma espécie de Jardim do Éden, mas potencialidades humanas inibidas pelas civilizações, reprimidas por nossas sociedades” (MORIN, 2005, p. 25).

contrariando as trevas da segunda que em vista de tanta vaidade e demência empobrece sua natureza, como se observa no livro IV do *Emilio ou da Educação*

Ora, é do sistema moral formado por essa dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes, que nasce o impulso da consciência. Conhecer o bem não é amá-lo; o homem não tem um conhecimento inato do bem; mas, assim que a sua razão faz com que o conheça, sua consciência leva-o a amá-lo: é este sentimento que é inato. (ROUSSEAU, 2014, p. 411).

A condição e as transformações expostas a cima citadas acerca do homem, tem na visão de Lourival Gomes Machado, a seguinte explanação “o homem real é, para Rousseau, o cristal de uma evolução”. Diante das muitas facetas, Machado continua seu discurso com a ideia que há, pois, um “ponto de referência necessário à explicação dos comportamentos complexos que caracterizam os demais aspectos da existência do homem” (MACHADO, 1968, p. 100). Sabe-se que para que o homem chegasse ao passo de ser livre, guiado pela razão, foi preciso ele próprio agir por si mesmo, sendo senhor de suas ideias e ações, seguindo a voz de sua consciência⁴⁷, estas que estavam fora dos parâmetros da sociedade vigente no século das luzes. Uma vez que, poucos agiam por si mesmos.

Salienta-se que Rousseau argumenta no *Primeiro Discurso* que esse processo não foi simples, há uma diversidade de acontecimentos ao longo dessa trajetória, mas uma coisa é certa, que as ciências e as artes também têm papel de destaque na constituição de uma sociedade harmoniosa, com homens mais justos e felizes. Parece contraditório, não nos esqueçamos que Rousseau não críticas as ciências em si mesmas, mas a cegueira dos ilustres homens e as aplicações de seus conhecimentos. Tanto que o autor, se referindo a obra, cita:

Confesso, no entanto, não ser o mal tão grande quanto poderia ter-se tornado. A providência eterna, colocando plantas medicinais salutaras ao lado de várias plantas nocivas e, na constituição de inúmeros animais malignos, o remédio para seus ferimentos, ensinou aos soberanos, que são seus ministros, a imitarem-lhe a sabedoria. Foi seguindo tal exemplo que, do próprio seio das ciências e das artes, fontes de milhares de devassidões, esse grande monarca, cuja gloria de época em época só se tornará mais brilhante, extraiu essas sabedorias celebres, encarregadas tanto do perigoso depósito dos

⁴⁷ Portanto, segundo Rousseau, talvez não seja “impossível explicar por consequências de nossa natureza o princípio imediato da consciência, independentemente da própria razão. E, mesmo que isso fosse impossível, não seria necessário; pois, já que aqueles que negam esse princípio admitido e reconhecido por todo o gênero humano não provam que ele não existe, mas contentam-se com afirma-lo, quando afirmamos que ele existe, estamos tão bem fundamentados quanto eles, e temos a mais o testemunho interior e a voz da consciência que depõe a favor de si mesma. Se as primeiras luzes do juízo nos ofuscam e confundem a princípio os objetos em nossa vista, esperamos que nossos débeis olhos tornem a abrir-se e se restabeleçam, e logo voltaremos a ver esses mesmos objetos a luz da razão, tais como a princípio a natureza no-los mostrava; ou melhor, sejamos mais simples e menos vaidosos; limitemo-nos aos primeiros sentimentos que encontramos em nós mesmos, já que é sempre a eles que o estudo nos leva quando não nos desorientou” (ROUSSEAU, 2014, p. 411).

conhecimentos humanos quanto do depósito sagrado dos costumes, pela preocupação que têm de mantê-los, em si próprias, com toda a pureza, e de exigi-los dos membros que recebem (ROUSSEAU, 1978d, p. 349).

Logo, não é o conhecimento em si, mas aplicação deste que faz a diferença, e a razão pelo qual se faz uso dele, assim segundo o genebrino “não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da imagem da simplicidade dos primeiros tempos” (ROUSSEAU, 1978d, p. 346). Por sua vez, em consonância com a máxima rousseauniana, Salinas Fortes conclui que:

É em um mesmo gesto que a Razão se propõe como instrumento soberano de conhecimento e, ao mesmo tempo, como instância suprema incumbida de reger os destinos históricos do homem e conduzir à sua emancipação diante dos preconceitos do passado, assim como dirigir e organizar a vida em sociedade. (SALINAS FORTES, 1981, p. 19-20).

Como se pode perceber nesse mesmo texto, nas páginas anteriores, que havia um movimento contrário ao pensamento dogmático absoluto não só por parte dos iluministas, mas em alguns países da Europa a própria Igreja tinha um grupo chamado clero esclarecido que contribuía para valorização do saber racional, “do livre exame das escrituras e de se contrapor ao predomínio absoluto do dogma e da fé” (SALINAS FORTES, 1981, p. 18). Desse modo, o autor da obra expõe que:

O que importa assinalar, de qualquer maneira, é a nova atitude do homem frente ao universo. Deixava este de ser visto como manifestação de uma transcendência no limite absolutamente incompreensível e se convertia em um campo de exploração a ser submetido livremente à capacidade de julgar, comparar, pesar, avaliar, juntar ou separar de que os indivíduos começavam a se tornar cada vez mais conscientes (SALINAS FORTES, 1981, p. 18).

Diante dos fatos pode-se dizer que essa assinalação representa ou define a confiança no poder da razão, e com isso, o autor prossegue afirmando que “caberá ao homem descobri-las e para isto ele dispõe do instrumento adequado, ou seja, sua própria inteligência (SALINAS FORTES, 1981, p. 18), contudo, estarão sempre angustiados diante essas escolhas, pois elas influenciam a humanidade. Desse modo, o objetivo do que foi exposto até agora, foi mostrar que, embora, o movimento iluminista tenha rompido com as crenças da idade média, o homem moderno não está insento de recorrer aos registros históricos da história da evolução humana. Entretanto, para compreender essas transformações e se recontrar, será preciso refletir as mudanças seculares, assim analisar e saber para onde, quando e como seguir, tendo em vista a condição das nações atuais, colocando as crianças como o centro desses cuidados, objetivando principalmente evitar os erros de seus antepassados e controlar os excessos, caso haja.

Nesse contexto antropológico muitos fatores estão em entrelaçados, mas que não são somente condicionantes históricos culturais, muitos desses fatores dependem de sua composição social, é pois, neste sentido que Rousseau usa o caminho mais complexo para expor suas críticas as ciências, as artes e ao luxo. Assim, não é difícil perceber que ele atinge não só seus adversários, mas todos que depositavam confiança de modo exarcebado na razão, tanto que consciente de seu discurso prenuncia que dificilmente terá o perdão por sua ousadia, embora, apareça em seus discursos “mas de uma daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano” (ROUSSEAU, 1978d, p. 331). É preciso entendimento para combater os excessos, uma vez que, eles destroem os valores, sufocam as virtudes, razão pela qual se torna necessário para o homem se reconectar com a natureza.

Em conformidade com o texto citado, expõe ele “eis como o luxo, a dissolução e a escravidão foram, em todos os tempos, o castigo dos esforços orgulhosos que fizeram para sair da ignorância feliz na qual nos coloca a sabedoria eterna” (ROUSESEAU, 1978d, p. 341). Diante a indução do autor, a felicidade do homem vem da própria natureza, uma vez que a todos ela quer preservar “povos, sabeis, pois, de uma vez por todas, que que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho” (ROUSSEAU, 1978, p. 341), ninguém nasce sábio nem depravado, como a citação acima ressalva, mas seria pior, se lhes fosse conferido a sabedoria ao nascer.

Desse modo, salienta-se referência aos dois discursos: no *Primeiro Discurso*, tema da decadência humana, já o *Segundo Discurso*, o estado de natureza e o homem selvagem, cuja bondade é uma característica inata. Contudo, vê-se, que nos dois discursos além do homem ser o centro do discurso, há um sentimento comum entre eles que é a bondade, e que sem ela o homem perderia sua verdadeira natureza boa. Essa resiliência se apresenta como uma fonte e única no ser humano, embora as adversidades empurre-o para sua degeneração, porém, há uma resistência interna que a qualquer momento pode aflorar a seu favor.

No livro II do *Emílio*, Rousseau fala do comportamento do homem diante as adversidades, das mudanças, das adaptações e suas necessidades⁴⁸ no estado de natureza

⁴⁸ A natureza é tão cuidadosa com sua criação que em tudo ela se apresenta. “Há mais. O autor das coisas não prevê apenas às necessidades que nos dá, mas também àquelas que nós próprios nos damos, e é para que nosso desejo esteja sempre ao lado de nossas necessidades que ele faz que nossos gostos mudem e se alterem com as maneiras de viver. Quanto nos afastamos de estado de natureza, mas perdemos de nossos gostos naturais, ou antes, o habito forma para nós uma segunda natureza, que substituímos de tal modo à

e o quão simples eram essas necessidades e seu modo de viver, assim, entre essas as poucas coisas para seu bem viver estavam a alimentação, obra da natureza que tem os cuidados de uma mãe. Cita-se o autor da obra:

Morreríamos de fome ou envenenados se fosse preciso esperar, para escolher os alimentos que nos convém, que a experiência nos tivesse ensinado a conhecê-los e escolhê-los. A suprema bondade, porém, que fez do prazer dos seres vivos sensíveis o instrumento de sua conservação, adverte-nos através do que agrada ao nosso paladar, sobre o que convém ao estômago. Naturalmente, não há para o homem médico mais seguro do que seu próprio apetite e, tomando-o com seu estado primitivo, não tenho dúvida de que os alimentos que achava mais agradáveis eram também os mais saudáveis para ele (ROUSSEAU, 2014, p. 190).

Quão livre é no *Segundo Discurso*, quão depravado é no *Primeiro Discurso*, contudo, para compreender o homem social é preciso conhecer o homem natural, *assim* com essa concepção argumenta (PISSARRA, 2002, p. 46), que “Rousseau pretende dar uma imagem do estado de natureza totalmente oposta ao estado social”, essa máxima, portanto, se fará possível a partir da educação negativa fundamentada no *Emílio ou da Educação*.

Jean-Jacques a ponta como ainda é possível superar a ignorância, a resgatar a liberdade e viver em harmonia com a natureza, desfrutando do uso da razão diante a indagação no tema da Academia de Dijon. Essa possibilidade virá na aplicação do projeto educacional rousseauiano como base para fundamentação da pesquisa proposta acima. A educação apresentada por Rousseau não está insenta das ciências e das artes, mas não está no foco de sua aplicação.

Rousseau segue na contramão do Iluminismo por apresentar ideias diferentes do que pensava a sociedade do século das luzes. O autor se opõe aos exageriros, a intensidade com que seus contemporâneos depositavam sua fé na razão e em tudo que com ela surgiu como a depravação dos costumes, da moral e da própria liberdade de pensar por si

primeira que ninguém de nós conhece mais essa primeira. Segue-se daí que os gostos mais naturais devem ser também os mais simples, pois são aqueles que se transformam mais facilmente, ao passo que, ao se aguçarem, ao se irritarem com nossas fantasias, eles assumem uma forma que não muda mais. O homem que ainda não é de nenhum país adaptar-se-á sem dificuldades aos costumes de qualquer país, mas o homem de um país já não se torna o de um outro país”. Continua Rousseau explicando que assim também acontece com “a primeira vez que um selvagem bebe vinho, ele faz careta e o recusa; e, mesmo entre nós, quem quer que tenha vivido até os vinte anos sem provar licores fermentados já não conseguirá acostumar-se com eles” (ROUSSEAU, 2014, p. 190-191). O pensador afirma não está avaliando qual melhor tipo de alimento, mas ele prefere os mais simples e os mais próximos possíveis da natureza, e que por esta razão as crianças devem ser alimentadas com as coisas naturais, pois quem acha que inserir na alimentação crianças comidas de adultos parece não “raciocinar direito” (ROUSSEAU, 2014, p. 192). Em consonância com o que pensa, cita Horácio “fruges consumere nati”, ou seja, “nascidos para consumir os frutos da terra” (ROUSSEAU, 2014, p. 193).

mesmos.

Mas, embora o autor pessimista, analisasse o mundo dessa forma, expõe no prefácio de *Narciso e o Amante de si mesmo* que não é as ciências má em si mesma, ela tem o que podemos chamar do ponto de vista rousseauiano, sua parcela boa para sociedade, já que ela se tornou necessária para o homem de terno, civilizado. Daí, Cassirer definir que “a razão é o ponto de encontro e o centro de expansão do século, a expressão de todos os desejos, de todos os seus esforços, de seu querer e de suas realizações” (CASSIRER, 1992, p. 22). Essa expansão se amplia cada vez mais com o aprimoramento das técnicas, dos conhecimentos, assim, o progresso da razão iluminista também se dá no modo de pensar e agir, livres do obscurantismo metafísico.

Os autores Luciano Façanha e Isis Maria Bastos, iniciam o artigo *Filosofia e Literatura: uma introdução às questões sobre o gosto e as artes para os Homens de Letras: Voltaire, Diderot e Rousseau* com a citação do pensador Charles-Louis de Secondat, para o mundo Montesquieu, que fala sobre a atual realidade de ser do homem naquela sociedade. Assim:

Em nosso atual modo de ser, a alma desfruta três espécies de prazeres: aquele que extrai do fundo de sua própria existência, outros que resultam de sua união com o corpo, e outros, enfim, baseadas na inclinação e preconceitos que certas instituições, certos usos, certos hábitos lhes impuseram. Montesquieu (FAÇANHA; BASTOS, 2018, 59, grifos dos autores).

A citação do autor da obra *O Espírito das Leis* evidencia o que Rousseau disse sobre o comportamento de seu século, crítico e sobretudo no desempenho revolucionário de se libertar dessas amarras institucionais impostas pelo clero⁴⁹ romano. Evidencia-se também que o chamado séculos das luzes tem fundamental importância no processo de propagação da razão. Assim, conforme os autores.

Rousseau já dizia que haveria em todos os tempos homens destinados a serem subjugados pelas opiniões de seu século, de seu país e de sua sociedade. Encontra-se, assim, justificativa e precedente fundamental para debruçar-se sobre o século XVIII [...], uma vez que esse século é marcadamente conhecido pelo papel que atribui à razão, entendida como instrumento natural para descoberta da verdade (FAÇANHA; BASTOS, 2018, p. 59).

⁴⁹ Os autores afirmam que “esses filósofos ou pensadores iluministas são conhecidos por suas contribuições e obras. Mesmo havendo divergência entre eles, há aspectos que os une, como a luta contra a censura e a intolerância de uma Europa ainda fortemente marcada por um Estado católico, sob autoridade religiosa de Roma. A tensão entre essas estruturas conservadoras e o pensamento iluminista nos leva a um pensar sobre a razão, o que faz com que esses Homens de Letras acentuem seu compromisso com a verdade, estabelecendo, assim, uma relação entre conteúdo e forma” (FAÇANHA; BASTOS, 2018, p. 61).

A fala de Rousseau vem carregada de repúdio, protesto contra os princípios racionais de seus contemporâneos, homens de mentes fracas, acomodadas, pois, muitos deles eram vistos desse modo pelo filósofo, esse modelo de homem só reforça a certeza que o genebrino já imaginava, isto é, que a virtude não nasce em qualquer coração. Assim, chegar as características negativas do progresso iluminista rousseauiano requer cuidados desde o prenúncio do *Primeiro Discurso* quando o mesmo faz louvação as ciências e as artes. Contudo, ele reforça que dentre as tarefas mais de difíceis de se conhecer no mundo, está a de se chegar no coração do ser humano.

Seguindo essa delicada e porque não dizer difícil tarefa em separar o que há de fato, positivo na filosofia de Rousseau, pois, são mais evidentes os aspectos negativos do que os positivos, não que com isso esteja se afirmando que não tenham aspectos positivos, o problema na questão é que o próprio autor no final do discurso deixa tudo ao cargo da verdadeira filosofia, mas não sem antes indagar e sublinhar a virtude e os princípios a serem seguidos.

Nessa depravação do gosto, na corrupção dos costumes, não estão somente as facetas do mal, houve avanços e benefícios, como Rouanet aponta que “a Ilustração foi, apesar de tudo, a proposta mais generosa de emancipação jamais oferecida ao gênero humano”, como se percebe em Kant com a questão do esclarecimento, desse modo, a ousadia foi um caminho para a liberdade. Continua Sergio Rouanet afirmando que “ela acenou ao homem com a possibilidade de construir racionalmente o seu destino, livre da tirania e da superstição” [...]. Com isso, “mostrou o caminho para que nos libertássemos do reino da necessidade, através do desenvolvimento das forças produtivas (ROUANET, 1987, p. 27). Vale destacar que essa força efervescente das luzes não ocorreu só França, noutros países da Europa coma a Alemanha com Kant, tiveram suas grandezas e muitos pontos em comum, como Façanha expõe:

A isso também se acresce a circunstância de que tal época está longe de constituir uma grandeza homogênea, pelo contrário, ela representa, nos diferentes países europeus, uma pluralidade de diversificações de tal modo rica que talvez fosse mais rigoroso falar de vários iluminismos do que de um só (FAÇANHA, 2006, p. 45).

Assim, diante desses fundamentos, pode-se dizer que “seu ideal de ciência era o de um saber posto a serviço do homem, e não o de um saber cego, seguindo uma lógica desvinculada de fins humanos” (ROUANET, 1987, p. 27). A revolução do espírito iluminista denunciou os jogos opressores, mostrou o poder do conhecimento, retratou o poder das forças contrárias e os males da cega ignorância, mostrou também que somente

um ser livre, instruído pode vencer as correntes que o aprisiona, pois, antes do corpo, a mente precisar se libertar dessas amarras, só assim será possível sair em defesa de seu próprio socorro, quanto dos outros numa sociedade onde a liberdade e a política seguem caminhos opostos. Neste caso, o autor reforça que:

Sua moral era livre e visava uma liberdade concreta, valorizando como nenhum outro período a vida das paixões e pregando uma ordem em que o cidadão não fosse oprimido pelo Estado, o fiel não fosse oprimido pela religião, e a mulher não fosse oprimida pelo homem. Sua doutrina dos direitos humanos era abstrata, mas por isso mesmo universal, transcendendo os limites do tempo e do espaço, suscetível de apropriações sempre novas, e gerando continuamente novos objetivos políticos (ROUANET, 1987, p. 27).

O espírito iluminista induz o homem a tomar decisões, a buscar respostas, duvidar e pensar sobre as coisas no mundo sem precisar seguir doutrinas impostas por alguma instituição, não ser sua própria razão. O homem seguindo o progresso das luzes segue se aperfeiçoando em todos os campos do conhecimento humano e escrevendo sua história. A Ilustração, portanto, assim também chamada a revolução do saber, convida a sociedade se lançar e ousar saber sobre os mistérios do mundo e sobre a si mesmo. São essas algumas das razões que por mais que estranhas que sejam, fazem Rousseau acreditar que ainda é possível uma humanidade mais justa e estruturada na moralidade.

É verdade que alguns sábios resistiram à torrente geral e resguardaram-se do vício no trato das musas. Ouçamos, porém o julgamento que o primeiro e o mais infeliz dentre eles tinha dos sábios e dos artistas de seu tempo: ‘Examinei’, disse, ‘os poetas e os vejo como pessoas cujo talento se impoe a si mesmos e aos outros, que se fazem passar por sabios, que tomam como tais e que nada menos são. ‘Dos poetas’, continua Sócrates, ‘passei aos artista. Ninguém ignorava os artista mais do que eu’ [...], consideravam-se como os mais sábios dentre os homens’ (ROUSSEAU, 1978d, p. 339-340).

Nesses aspectos, Rousseau em muito se aproxima do modo de pensar socrático, essa semelhança vai além, como por exemplo, o de não ser compreendido por seus contemporâneos. Contudo, uma onda de otimismo embalava sua nova realidade, todas as diversidades no mesmo espírito, e por isso, foi visto como um homem de paradoxos, de textos incopreensíveis, mas foi apesar dessas críticas que ele sacudiu seu século, pois, embora limitado, não se limitou diante as injúrias contra seus livros e sua pessoa. Tanto que descreve com riqueza e convicção no *Primeiro Discurso* o retrato dos povos antigos, com seus traços culturais, suas crenças, riquezas e seus costumes, bem como as causas de seus apogeu e suas decadências.

Rousseau com seu espírito crítico, observa a sociedade e seus hábitos, e em uma análise antropológica, percebe que ela vive tão atrelada aos vícios que para restaurar a moral, a virtude será preciso começar pela educação dos que ainda irão nascer, ou seja,

das crinaças, pois, segundo o pensador como já citado “o homem que ainda não é de país nenhum adaptar-se-á sem dificuldades aos costumes de um outro país, mas o homem de um país já não se torna o de um outro país” (ROUSSEAU, 2014, p. 191). Usou-se a citação como a analogia para comparar o modelo a educacional exercido na época, preocupada em repassar os conteúdos que assistiam aos interesses vigentes, quase não contribuindo para o aprimoramento moral, dessa maneira, de acordo com Rousseau, ela mais confunde e forma cidadãos vazios e egoístas, que se guiam pelas aparências e a opinião dos outros do que homens íntegros e, de fato preocupados com a sociedade.

Inconformado, Rousseau se posiciona contra esse tipo de formação, haja vista que, depois de adulto é quase impossível modificar os hábitos de um homem, por isso, ele enfatiza que quem já tem uma pátria não buscará outra, sendo assim, pensa na educação, isto é, o homem bem instruído desde a sua infância dificilmente se desvirtuará ao longo de sua vida adulta, mesmo neste mundo onde o parecer vale mais do que o ser. Portanto, é preciso mudar o cenário educacional do século XVIII e focar na formação moral como um bem social. Sobretudo quando é preciso amar as ciências antes de exercê-las, ou seja:

Durante a primeira idade, o tempo era longo; só procurávamos apenas perdê-lo, por temermos empregá-lo mal. Aqui, é exatamente o contrário, e não o temos em quantidade suficiente para fazer tudo que seria útil. Imaginai que as paixões se aproximam e que, assim que baterem à porta, vosso aluno não terá mais atenção senão para elas. A idade tranquila de inteligência é tão curta, passa tão depressa, tem tantos usos necessárias, que é loucura querer que baste para tornar uma criança erudita. **Não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe gosto para amá-las e métodos para aprendê-las quando tal gosto estiver mais desenvolvido. Este é, muito certamente, um princípio fundamental de toda boa educação** (ROUSSEAU, 2017, p. 201, grifos nosso).

Desde a Grécia até a atualidade, a educação se apresenta como um problema e uma necessidade necessária, em razão dessa questão, faz-se uma observação: se analisarmos bem o século XXI não será difícil concluir que, apesar das peculiaridades que há entre um e outro, o palco não é tão diferente assim, embora, o foco esteja com o século XVIII. Logo, “para formar esse homem raro, o que temos de fazer? ” (ROUSSEAU, 2014, p. 14), instruí-lo com a educação negativa, bem como Jean-Jacques Rousseau pensa e apresenta essa nova maneira de educar, conduzindo com instruções simples, de modo natural e que estejam de acordo com a idade do aluno, possibilitando-o formar ideias sobre as coisas, pois, mais importante do que ter inúmeros títulos de conhecimento é saber ajustá-los por si mesmo e na proporção desse desvelamento construir sua autonomia. Como afirma Dozol que, é com esta dimensão que se fica “frente

a frente com um Homem, cuja bondade natural, preservada no ambiente bucólico do campo, transforma-se em virtude e ética em sociedade” (DOZOL, 2006, p. 55).

Assim em consonância com essa dimensão descrita por Marlene Dozol, que a criança vista a partir de Rousseau, é em potência diferenciada das outras, embora, erre também, pois ela pode, assim como deve correr, pular, gritar, participar de momentos festivos, há nessas ações uma compreensão como é percebido no livro II do *Emílio*, que existe uma educação natural e uma razão sensitiva, e é nessa fase da vida da criança que se deve realizar importes de lições. Neste sentido, cita-se Carlota Boto “a obra pedagógica rousseauniana julga a educação da criança como uma ação continuada de estímulos ao amor pelo conhecimento” (BOTO, 1996, p. 29).

Deve-se, portanto, realizar momentos que ela possa reconhecer o mundo lá fora, tendo somente o que é necessário por meio da natureza e assim, explorar a imaginação e as sensações diante as coisas. Nesse contexto da educação iluminista, Rousseau com o partido que tomou, procura contribuir na formação social com instruções que desperte desde a infância a busca pela verdade através da razão, empreende assim, uma tarefa que dignifica o homem, que este faça uso de sua razão, crescendo assim, não será condenado, mas será livre das engenhosidades alheias. Mas será isso possível, Como? Jean-Jacques Rousseau aponta caminhos para a questão em seu projeto educacional, *Emílio ou da Educação*, indicando os passos a serem seguidos nas próximas páginas desta dissertação.

4 EDUCAÇÃO NEGATIVA COMO PRESSUPOSTO PARA FORMAÇÃO DE EMÍLIO

“Viver é ofício que desejo ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, admito que ele não será nem magistrado, nem soldado, nem padre: será primeiramente homem; tudo que um homem deve ser, ele saberá sê-lo, segundo a necessidade, tanto quanto qualquer outro, e, mesmo que a fortuna o faça mudar de lugar, ele estará sempre no seu”.

J.-J. Rousseau

O projeto pedagógico apresentado por Rousseau, é dividido por etapas que serão aplicadas no percurso da formação de Emílio, começando pelo fortalecimento dos sentidos que conduzirá sua constituição humana, onde a preocupação do autor é formar um homem prudente. O genebrino destaca que o homem tem predisposição para bondade, herança de sua origem primitiva, mas adormecida pelos progressos da civilidade.

No prefácio do *Emilio ou da Educação*, Rousseau destaca que “em todo tipo de projeto, há duas coisas a considerar: primeiramente, a bondade absoluta do projeto; em segundo lugar, a felicidade de execução” (ROUSSEAU, 2014, p. 5). Com esse ideal, apresenta seu projeto educacional chamando atenção para os maiores cuidados com a formação da criança, que tem início nos primeiros anos de vida, onde seus sentidos estão em desenvolvimento, sendo esse processo conclusivo com a formação moral, incluído aí, a formação religiosa e política.

Portanto, o processo educacional formulado por Rousseau está estritamente vinculado ao conceito de liberdade e com isso o modelo apresentado por ele no *Emílio* será conduzido de forma bem diferente daquele existente no século XVIII, como ele mesmo ressalta na *Carta a Christophe de Beaumont* se referindo a educação positiva. “Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem” (ROUSSEAU, 2005, p. 57), ou seja, antes de apresentar uma máquina, objeto elaborado pelo conhecimento científico para Emílio, o genebrino prefere que eles dois, aos poucos construam juntos algo assim, com instrumentos simples, mas que no final o menino entenda a utilidade tanto de sua capacidade quanto da invenção que eles tiveram. Nas palavras do autor, na mesma obra:

Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la à verdade, quando estiver em condição de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condições de amá-la (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

Nos livros I e II da obra, Rousseau fala da idade da natureza, onde a atenção voltada para criança está nos primeiros cuidados. Mas que cuidados são esses e como exercê-los? Nesta mesma obra, Rousseau aponta caminhos por meio da educação, onde o Emílio deve ser conduzido sem a perspectiva de atender os anseios públicos ou privados, a orientação, portanto, é a de provocar interesses no aprendiz, mas esses interesses devem ser desinteressados de ter algum proveito por parte dele. Já o preceptor precisa ficar atento a todas situações e não deixar o desinteresse, caso surja, o que não é impossível, prevalecer.

Assim seguirá despegado dos vícios, priorizando unicamente o que for necessário para sua vida. Especificamente no livro I, ele expõe que “na ordem social, onde todos os postos são marcados, cada um deve ser educado para o seu”, mais adiante afirma que “na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem-educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela (ROUSSEAU, 2014, p. 14-15). O menino não estar isento delas, mas saberá agir quando necessário for. E, como já é sabido que o autor do *Emílio*, não toma partido, anão ser do modo como ele concebe, pode-se aqui dizer que o partido dele é a sociedade como ele expõe no *Segundo Discurso* ser um defensor da causa humana diante dos sábios.

A educação faz parte do desenvolvimento social do homem e Rousseau, ainda no século XVIII, mesmo num contexto histórico bastante diferente do atual, já provocava discussões sobre aplicação da educação. Sua preocupação girava entorno dos cuidados exercidos sobre as crianças que além de serem negligenciados, não eram compreendidas em sua condição primeira. Desse modo, destaca-se o “choro” que vem acompanhado pelos gritos em pedido de socorro de si mesmas (ROUSSEAU, 2014, p. 18), sendo estes a primeira forma de comunicação das crianças com a natureza, com a sociedade e com o mundo. Nos tempos hodiernos, não há muita diferença, apenas muda o cenário, pois, elas continuam sendo confundidas com os adultos em miniaturas, inseridas em uma sociedade que usurpa infância, e que segue com a máscara de reprodução de sua própria estrutura.

Desse modo, propomo-nos a partir da referida pesquisa que tem como base a educação natural o principal instrumento como possibilidade de saída para solução dos males sociais, pois a educação, a cultura, a produção intelectual, artística, religiosa e filosófica de uma sociedade se sobrepõe aos vícios, tendo em vista a formação moral. Quando Rousseau fala em seu *Primeiro Discurso* dos nossos costumes que antes de serem polidos ou refinados pelas artes e as ciências “eram rústicos, mas naturais” (ROUSSEAU,

1978d, p. 336), ele está se reportando ao homem no estado de natureza, onde toda sua vida era dividida entre o cuidar de si, desfrutar do repousar e sem objetivar o amanhã, perpetua sua espécie de modo não intencional. O homem nesse estado vivia o presente, o mesmo não sabia o que era o futuro, tão pouco temia a morte, pois ele não sabia o que era morte.

Portanto, quando Rousseau deixa claro que “cabe as letras, às ciências e às artes reivindicarem o que lhes pertence numa obra tão salutar” (ROUSSEAU, 1978d, p. 337), entende-se que deve vir delas a reparação para os desequilíbrios que o homem caiu, de modo semelhantemente cabe a elas o aprimoramento moral da humanidade, corrigindo assim, caso seja possível as mazelas das desigualdades oriundas dos vícios e da ociosidade, dessa maneira, poderão receber o seu lugar de reconhecimento por seus feitos. Tanto que assevera (ROUSSEAU, 1978d, p. 338), “se as ciências e as artes purificassem os costumes, se ensinassem os homens a derramar seu sangue pela pátria, se incitassem à coragem, os povos da China deveriam ser sábios, livres e invencíveis”. Mas o que se observa é a depravação moral pelas as mesmas causas não só da nação citada pelo autor, mas de muitas outras tão ricas quanto ela. Máxima já citada anteriormente.

De acordo com Rousseau “consideremos, pois, as ciências e as artes em si mesmas, vejam o que deve resultar de seu processo e não hesitemos em concordar sem restrições quando nossos raciocínios estiverem de acordo com as induções históricas” (ROUSSEAU, 1978d, p. 342). Desse modo, se evidencia no *Primeiro Discurso* a possibilidade de se repensar o modo de organização social do homem que foi construído historicamente, numa tentativa de um retorno a um estado de igualdade, felicidade e liberdade desvirtuada pelos rumos que a civilização tomou, tendo a razão como um bem de possibilidades, *status* e poder.

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, por que depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, ao menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles (ROUSSEAU, 1978c, p. 235).

Como exposto na citação, os males morais surgem das necessidades da segunda desigualdade e dessa ação se percebe que o mundo do homem é o da natureza e, para tal, educá-lo é preciso, mas para atingir esse objetivo é necessário que o educador se reporte a tais disposições primitivas. Junto a essa observação, falta a instituição de um contrato

justo, pois, será preciso ensiná-lo a ser livre, autêntico e autônomo, e essa tarefa deveria partir da educação das crianças.

Desse modo, segundo Nicola Abbagnano “autonomia termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a razão” (ABBAGNANO, 2015, p. 111). Assim em consonância com a futura autonomia kantiana pode-se dizer que a educação natural de Rousseau é um pressuposto para orientar e combater os excessos causados pelas paixões, uma vez que, as paixões fazem parte do desenvolvimento humano, o próprio genebrino acredita que sem essa característica o homem seria infeliz, portanto, este caminho é assim percorrido com o intuito de garantir que a liberdade de *Emílio* não seja moralmente deformada pelas ações social.

Rousseau inicia o livro I do *Emílio* (ROUSSEAU, 2014, p. 7), afirmando que “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem”. O autor tem tanta convicção dessa degeneração que ele continua expondo que o mal impregnado nas ações do homem devido seu “perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e ama os monstros. Não quer nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem; é preciso que seja domado por ele” [...], exemplifica Rousseau “como uma árvore de seu jardim” (ROUSSEAU, 2014, p. 7). Essa deformação altera os valores do gosto, afasta a natureza das coisas de tal maneira que esse comportamento poderia ter seguido um percurso ainda mais danoso para sociedade.

Contudo, a partir do estado social, Rousseau traça o perfil do homem civilizado, com todas as suas faculdades desenvolvidas, esse novo perfil mascara o estado de natureza. Desse modo, “eis, pois, todas as nossas faculdades desenvolvidas, a memória e a imaginação em ação, o amor-próprio interessado, a razão em atividade, alcançando o espírito quase que o termo da perfectibilidade de que é suscetível” (ROUSSEAU, 1978b, p. 267). Pois, como o autor afirma no *Emílio* (ROUSSEAU, 2014, 7), pois, “no estado que agora as coisas estão, um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria o mais desfigurado de todos”. Seria, portanto, como um ser sem direção, ao “acaso”, mas foi entregue pelo criador da natureza aos cuidados maternos.

Mas ressalta-se que a comparação do autor é exatamente nesse entendimento dos cuidados de uma mãe amorosa, pois é assim que a natureza cuida de sua criação. Pois, segundo o autor os cuidados educacionais da criança devem ser conduzidos pelas mães. Assim, “*a primeira educação é mais importante e cabe incontestavelmente às mulheres. Se o autor da natureza houvesse desejado que ela coubesse aos homens, ter-lhes-ia dado

leite para alimentar as crianças” (ROUSSEAU, 2014, p. 7-8). Desse modo, “moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação” (ROUSSEAU, 2014, p. 8). Eis, portanto, o dever e a razão para os cuidados com a criança, conduzida pelo homem, mas moldada pelos hábitos da natureza. Tanto que:

Se o homem nascesse grande e forte, a estatura e a força ser-lhe inúteis até que tivesse aprendido a servir-se delas; ser-lhe-iam prejudiciais, pois impediam que os outros pensassem em socorrê-lo e, entregue a si mesmo, morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Queixamo-nos da condição infantil e não vemos que a raça humana teria perecido se o homem não tivesse começado por ser criança (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

Portanto, diante do que afirma Rousseau, além das lições da natureza, a educação na infância deverá ser feita com cuidados e carinhos, sem máscaras, sem punições e com amor desde o seio família, através de exemplos práticos, despertando na criança os valores, os sentimentos e o fortalecimento de seu caráter. Pois, segundo Rousseau “nascemos fracos, precisamos de forças; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

Conforme a afirmação do autor, continua-se expondo que “essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas”. Assim, desse modo, “cada um de nós é formado por três⁵⁰ tipos de mestres”. Cada um deles segue sua arte de educar e a única

⁵⁰ Informa-se que parte deste texto foi apresentado e publicado nos Anais do II congresso internacional Rousseau x Kant – UFMA; do III congresso nacional Jean-Jacques Rousseau – UFMA: estética e representação e do I congresso Kant – UFMA: liberdade, justiça e dignidade, 2018. Portanto, a educação é parte integral do desenvolvimento humano, sendo assim, segundo o autor “o desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas” (ROUSSEAU, 2014, p. 9). Rousseau reconhece e define os níveis diferenciados no processo educativo, enfatizando: *a educação da natureza, dos homens e das coisas*. A educação da natureza segundo o autor é responsável pelo processo de maturidade e de evolução do ser humano. Já a educação dos homens acontece no processo de interação social. O homem é destinado a viver em sociedade. O instinto de sociedade induz o homem a se associar ao outro para desenvolver-se completamente seu processo evolutivo. Portanto, o conhecimento não deve degenerar o homem, mas conduzi-lo para sua formação, percebemos que preocupação de Rousseau não é com a posição social que Emílio terá, mas com a sua formação pessoal, ética, moral e humana. Rousseau afirma que o homem não se reduz apenas à sua condição intelectual, não é apenas razão e reflexão, mas condicionável pela educação a controlar os instintos e sentimentos, numa educação natural ativa voltada para usufruto da vida. “A educação certamente não é senão um hábito” (ROUSSEAU, 2014, p.10). Portanto, o entendimento é simples se se considerar que o livre arbítrio permite apenas a existência da autoeducação. É bem diferente da educação voltada para dirigida, que é quase que exclusivamente para a escravidão, à alienação pelo trabalho. A educação natural está voltada para a liberdade do homem e isso em sentido vasto, desde sua criação. Razão pela qual, prioriza o exercício da educação com as coisas, Rousseau expõe que “a partir do momento em que a criança começa a distinguir os objetos, cumpre variar os que se lhe mostram. Naturalmente todos os novos objetos interessam o homem. Sente-se ele tão frágil que teme tudo o que não conhece: o hábito de ver novos objetos sem ser afetado por eles destrói tal temor. As crianças criadas em casas limpas, onde não existem aranhas, têm medo das aranhas e esse medo se prolonga na idade adulta. Nunca vi camponês, homem, mulher ou criança, ter medo de aranha. Por que então não começaria a educação da criança antes que ela fale e compreenda, desde que a simples escolha dos objetos que lhe

que não depende de nós é a da “natureza” (ROUSSEAU, 2014, p. 9). A beleza dos ideais rousseauiniano, consiste em falar do homem em sua origem, sua liberdade e da harmonia com a natureza.

Rousseau define a educação como “uma arte” (ROUSSEAU, 2014, p. 9-10), onde é quase impossível se obter sucesso nesse percurso, uma vez que, ela tem caminhos próprios, mas ainda assim, é possível chegar ao êxito, desde que sigamos seus passos, pois, como já foi dito, embora, a educação seja composta por três mestres, a única que devemos copiar todo os hábitos é a educação da natureza, como o autor mesmo afirma que: “a educação certamente não é senão um hábito”. Conforme a referida advertência:

Portanto, é com essas disposições primitivas que deveríamos relacionar tudo, e isso seria possível se nossas três educações fossem apenas diferentes; que fazer, porém, se são opostas, se, em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acordo torna-se, então, impossível. Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo (ROUSSEAU, 2014, p. 11).

De acordo o pensamento citado, a diferença não está só na transmissão do conhecimento, mas está no como e em que finalidade com que se aplica esses saberes, se para representar um rebanho ou para formar homens livres, pois, diante do modelo atual, o máximo que se chegará é na repetição dos erros. Vale lembrar que Rousseau é um conhecedor da arte de escrever, e que em sua trajetória, os pressupostos é uma marca presente. Por esse motivo, a citação acima pode causar no leitor um certo desconforto em ter que assimilar em formar um homem ou um cidadão. Mas, como formar um sem o outro? Expõe Rousseau que:

Um cidadão de Roma não era nem Caius, nem Lucius; era um romano e até amava exclusivamente a sua pátria. Regulus pretendia-se cartaginês quando se tornou propriedade de seus senhores. Qualidade de estrangeiro, recusava-se a participar do senado de Roma; foi preciso que um cartaginês lhe ordenasse. Indignava-se por quererem salva-lhe a vida. Venceu e, triunfante, retornou para morrer no suplício. Isso, ao que me parece, não tem muito a ver com os homens que conhecemos. O lacedemônio Pedareta apresenta-se para ser admitido no Conselho dos Trezentos, é rejeitado e volta muito feliz por haver em Esparta trezentos homens que valem mais do que ele. Supondo que era uma demonstração sincera, cabe acreditar que o fosse: eis o cidadão (ROUSSEAU, 2014, p. 12).

O diferencial nessa difícil tarefa está na assimilação das coisas, já que será impossível ou contraditório querer reunir os dois objetivos num só, uma vez seguida essa

apresentamos já pode torná-la tímida ou corajosa? Quero que a acostumem a ver objetos diferentes, animais feios, asquerosos, estranhos, mas pouco a pouco, de longe, até que a eles se acostume e que à força de vê-los manejados por outrem os maneje ela própria. Se tiver visto na infância sapos, cobras, caranguejos, verá sem horror, quando adulto, qualquer espécie de animal. Não há objetos horríveis para quem os vê diariamente” (ROUSSEAU, 1973, p. 36).

condição, terás formado um homem com necessidades apenas de si mesmo. Emílio crescerá em contato com as coisas da natureza, feliz, equilibrado e com liberdade, contudo não se quer aqui fazer uma descrição do estado natural, mas destacar a harmonia do ambiente que Rousseau imagina ser apropriado para execução de seu projeto pedagógico.

Diante desse pressuposto, Jean Starobinski (1991, p. 298, grifos do autor) declara que “o *físico* do homem da natureza se define pela saúde; o *moral* do homem da natureza é a ‘vida imediata’, o impulso espontâneo da simpatia e do amor de si. E, assim continua Starobinski ressaltando que é “no estado de dispersão em que Rousseau imagina a humanidade primitiva, nada une o indivíduo ao seu semelhante, mas nada igualmente o escraviza”. Há, portanto, um equilíbrio entre seus desejos e suas necessidades, porém, nada comparado como a vida em sociedade, assim conforme Rousseau, é no âmbito da educação natural que:

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, absoluta, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhes sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o *eu* para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julgue como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo (ROUSSEAU, 2014, p. 11-12, grifo do autor).

No quesito formar, a natureza tem regras próprias, mas para que seja notável essas condições é preciso segui-la, ou seja, “quereis que a criança conserve sua forma original? Preservai-a desde o instante em que vem ao mundo” (ROUSSEAU, 2014, p. 26). Desse modo, percebe-se que nada mais útil aos cuidados dos pequenos que o zelo. Logo, o caráter racional imposto por Rousseau com seu modo de pensar a educação, fica evidente quando na questão do ser preceptor o autor argumenta que “não falo aqui das qualidades de um bom preceptor; eu as suponho, e me suponho dotado de todas essas qualidades. Ao ler esta obra, verão de que liberdade usei a meu respeito” (ROUSSEAU, 2014, p. 30). Contudo, destaca que “se é preciso escolher com tanta atenção o preceptor, é permitido a este também escolher o seu aluno, sobretudo quando se trata de um modelo a propor” (ROUSSEAU, 2014, p. 31).

Agora, quanto ao gênero o genebrino chama atenção que não pode haver inerência, uma vez que só se conhece o aluno no final de sua formação. Se tal escolha assim fosse possível a preferência de Rousseau seria pelo homem simples, pois conforme suas palavras “só é preciso educar os homens vulgares; só a sua educação deve servir de exemplo à sua de seus semelhantes. Os outros se educam apesar de tudo” (ROUSSEAU,

2014, p. 31). Há muitas diferenças no processo formativo do homem, segundo o Rousseau, isso ocorre devido alguns fatores como o clima e as desigualdades sociais, tema tratado no *Segundo Discurso*.

Conforme o autor do *Emílio ou da Educação*, existem alguns aspectos que podem dificultar a aprendizagem entre povos e regiões diferentes, assim Rousseau afirma que “nem os negros nem os lapões tem a inteligência dos europeus. Sendo assim, se pretendo que meu aluno seja um habitante da terra, eu o escolherei numa zona temperada; na França, por exemplo, mais que em outro lugar” (ROUSSEAU, 2014, p. 32). É preciso ser atento, desde a sua origem, pois, o clima e as condições financeiras, no entender do genebrino interferem, desse modo, é mais fácil obter êxito na educação dos ricos europeus de clima fértil, do que com outros povos e de outros lugares.

Contudo, há um fator intrigante nessa questão, é que não basta ser europeu, é preciso ser rico, o pobre em qualquer lugar “não precisa de educação; a de sua condição é obrigatória, não precisa ter outra”. Logo, o problema ou a culpa, se é que se pode falar em culpa, está na própria sociedade que “oferece-nos num mesmo lugar a imagem destas diferenças entre os pobres e os ricos; os primeiros habitam uma terra ingrata e os outros, a região fértil” (ROUSSEAU, 2014, p. 32). Desde modo, segue explicando que a educação que a sociedade rica recebe é a que menos interessa. Sendo assim, resta, portanto, “a educação natural” que:

De resto, a educação natural deve tornar um homem próprio para todas as condições humanas, ora, é menos razoável educar um pobre para ser rico que um rico para ser pobre, pois proporcionalmente no número de pessoas nas duas condições, há mais arruinados do que novos-ricos. Escolhamos, pois um rico; pelo menos estaremos certos de ter feito um homem a mais, ao passo que um pobre pode tornar-se homem por si mesmo. (ROUSSEAU, 2014, p. 32-33).

Embora, essas descrições das condições sociais das diferenças, sejam carregadas de tons preconceituosos, uma coisa é clara, Rousseau deixa claro que o homem em seu estado natural é dotado de virtude, sem conhecimento dos vícios e sem ambições, carecendo quase que semente de seu próprio esforço para o bem viver. Ressalta-se que as diferenças sociais e raciais na contextualização século XXI, estão mais em pauta do que nunca, neste sentido só se difere os séculos, a educação e alguns sistemas políticos.

Como observa Maria Constança que no livro I do *Emílio ou da Educação*, onde Rousseau descreve a parte que corresponde como deveria ser a formação da criança ainda nos dois primeiros anos de idade que “a educação deve impedir a formação de todo tipo de preconceito, devendo seu preceptor – que irá guiá-lo até o casamento – prepará-lo para ser homem. Aprenderá apenas a viver” (PISSARRA, 2002, p. 62). Contudo, à medida que

a criança vai se desenvolvendo as dificuldades também, como se pode observar ao longo do livro, neste caso específico, já citado no livro I do *Emílio*. Portanto, delineando os principais passos dessa formação na condução da criança, Rousseau diz que:

Uma criança se torna mais preciosa com o avançar da idade. Ao valor de sua pessoa soma-se a dos cuidados que custou; à perda da vida soma-se o sentimento da morte. Portanto, deve-se pensar sobretudo no futuro ao zelar pela sua conservação; é contra os males da juventude que devemos amá-la antes que tenha chegado a ela, pois, se o valor da vida aumenta até a idade de tornar útil, que loucura é não poupar alguns males na infância multiplicá-los na idade da razão! São essas as lições do mestre? (ROUSSEAU, 2014, p. 25).

No prefácio do *Emílio*, o pensador expõe que “não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se tem, quando mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios apegam-se ao que importa que saibam os homens, sem considerar que as crianças se acham em estado de aprender” (ROUSSEAU, 2014, p. 4). Na sociedade francesa do século XVIII, muitas crianças morriam ainda nos primeiros meses de vida, nem sempre elas receberam a atenção aos cuidados adequados, a infância vivida e respeitada como reclama o genebrino em terras francesas.

Por esses motivos, Rousseau sacode a sociedade em questão, confrontando seus costumes como falha moral. Desse modo, como chegar a vida adulta se não se cuidar na infância? Com isso, Rousseau propõe trabalhar baseado na liberdade, mas uma liberdade seguida com regras. Dalbosco em seu artigo *Primeira infância e educação natural em Rousseau: as necessidades da criança* ressalta que

No tocante à primeira infância, é derivado, segundo Rousseau, da exigência de se pensar uma relação autônoma entre adulto e criança e isso significa dizer que tal conteúdo, quando formulado negativamente, consiste em evitar que o adulto escravize a criança, mas que, também, não seja por ela escravizado (DALBOSCO, 2007, p. 317).

Embora, sem condições de responder por si mesma, a criança deve ter suas vontades respeitadas, de modo que esse hábito não a torne dissimulada, não permitir que ela use o choro como arma para conseguir sempre o que quer, mesmo sem necessidades e, desse modo mesmo sem sabedoria para isso, pode manipular os adultos que tão logo querem se livrar dos barulhos infantis, assim tendo tudo com facilidades tem também a corrupção de sua formação moral.

Executar, portanto a tarefa de educar não é fácil, requer tempo e dedicação como Rousseau apresenta no *Emílio ou da educação*: “não desanimei nem me apressei: a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganhá-lo” (ROUSSEAU, 1973, p. 142). Portanto, as ações com aprendizagem serão diárias, fortalecendo seu desenvolvimento cognitivo e moral, a criança deverá se ver diante de

alguns obstáculos, dos quais ela terá de reagir, confrontando com o prazer de ganhar algo, assim como a frustração em perder, com isso, ela entenderá que há uma relação em querer e ter, só assim, ela aprenderá amar e respeitar sua condição. Em consonância com a questão acima, cito Marlene Dozol com o livro *Educação: a máscara e o rosto*:

Na infância, cumpre aquietar ou não estimular as paixões. Um Emílio criança será submetido à lei da necessidade – pré-requisito para, em sociedade, obedecer à lei voluntariamente – e experimentará a liberdade, na proporção em que suas próprias forças permitirem. Também aprenderá a equilibrar suas forças ou faculdades e os seus desejos, ou seja, igualar poder e vontade, pois, segundo Rousseau, um dos motivos da infelicidade humana é ter muitas necessidades ou desejos e não ter forças para satisfazê-los (DOZOL, 2006, p. 55).

Nesta mesma obra a autora fala sobre essas condições citadas por Rousseau, expondo a preocupação e a rejeição do autor sobre as coisas supérfluas, cuja função é contribuir com a formação da criança, sendo ele o instrutor de seus primeiros passos, Emílio, neste caso, ainda não tem consciência moral, mas já tem a natureza a seu favor. Assim o genebrino acredita que a criança não se detém as coisas fúteis entendendo desde a infância que nem sempre pode ter o que mundo oferece, desse modo, seu espírito vai aos poucos sendo moldado, fortalecendo seu caráter para ser um adulto menos suscetível aos vícios.

Continua Dozol chamando atenção para chegada da adolescência, onde nesta fase⁵¹ o controle sobre as futilidades será pelo próprio Emílio. Pois, “o homem virtuoso é aquele que sacrifica o interesse particular em benefício da ordem geral: primeiramente

⁵¹ Conforme Marlene de Souza Dozol aqui começa a grande prova de caráter do adolescente e inocente Emílio. É na adolescência que o “controle sobre si mesmo é submetido a novas dificuldades. É a idade propícia ao aparecimento das paixões marcadas pelas relações com os homens e pela descoberta do sexo. Crise... Nesta fase - anúncio do processo de socialização de Emílio a ser conduzido pelo preceptor e contar com o esforço do discípulo – cumpre evitar que as paixões corrompam a integridade da natureza humana, ou seja, cumpre regra-las. A aventura de Emílio na sociedade corrompida terá início. Nela, o bom e inocente adolescente experimentará os primeiros movimentos da paixão por uma mulher (Sofia, com a qual deverá se casar anos depois). No livro V do *Emílio ou da Educação*, Emílio e Sofia se encontram pela primeira vez “ao ouvir o nome Sofia, teríeis visto Emílio estremecer. Surpreendido com um nome tão precioso, desperta num sobressalto e lança um olhar ávido para aquela que ousa usá-lo. ‘Sofia, ó, Sofia! Sois vós que meu coração procura? Sós vós que meu coração ama?’” (ROUSSEAU, 2017, p. 484). Retornando com as palavras de Dozol sobre Emílio e vida na grande cidade “um pouco mais tarde conhecerá a sociedade e suas seduções, irá relacionar-se com outros homens, enfim, será submetido a todo tipo de influência. Eis a prova! Até aqui, Emílio tem a virtude de tudo que se relaciona consigo mesmo; faltam-lhe as virtudes sociais. Por enquanto ainda não tem paixões nocivas e caberá ainda ao preceptor impedir que a explosão delas e a oportunidade para os vícios comprometam a sua integridade, que, de homem natural, terá que converter-se em homem moral. Dura tarefa. Trata-se de combater dentro de si mesmo a tendência de ‘o amor de si’, em sociedade, transformar-se em egoísmo, além de sentir e operar a passagem do sentimento de piedade (amor inato pela própria espécie) para o sentimento regulador por excelência das relações entre os homens: o de justiça. Operadas tais transformações, Emílio estará pronto para liberdade moral que, em Rousseau, significa escolher o bem ou o dever diante das paixões e dos vícios, já que sucumbir a estes últimos é estar na condição de escravo. Também estará pronto para a amizade e para o amor” (DOZOL, 2006, p. 56).

divina, depois social e por fim individual; este o seu mérito e o seu heroísmo” (DOZOL, 2006, p. 57). Embora, as escolhas sejam do adolescente, ele continua sobre os cuidados de seu preceptor, ou seja, os cuidados de Rousseau continuam e também serão colocados à prova.

4.1 O papel do preceptor no projeto educacional de Jean-Jacques Rousseau

Como convém pensar a educação? Modéstia parte, vale inúmeras vezes pensar e repensar qual a melhor maneira de conduzir uma pessoa, ainda mais em se tratando de sua formação, neste caso especificamente da criança. Rousseau fala que a “natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens”, com essa ação Rousseau faz uma analogia com as frutas que cujo o aceleração no crescimento das mesmas estragam seu gosto, sua beleza do processo natural, logo, continua Rousseau “a infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do que substituí-las pelas nossas; e seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura como juízo aos dez anos” (ROUSSEAU, 1973, p. 77). A recomendação é que se respeite cada faixa etária, tratando-a com respeito, sem punições e carinho.

No Livro II do *Emílio*, o genebrino fala que “a educação primeira deve, portanto, ser puramente negativa” (ROUSSEAU, 1973, p. 80), isto é, uma educação fora dos parâmetros sociais, institucionais que são baseadas em livros, para o autor a educação negativa consiste em “não ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro”. Desse modo, seria bom que a criança fosse assim conduzida até “os doze anos”, sem mesmo saber distinguir a “mão direita de sua mão esquerda”.

Diante das críticas do autor, podemos analisar que ele caracteriza a criança como o ser mais vulnerável do mundo, assim com Emílio a criança passou a ser vista como deveria ser, e ter seu lugar no mundo de acordo com a sua idade como é estruturalmente pensada e apresenta nos cinco livros que compõe a obra *Emílio ou da Educação*, e, assim respeitar a infância é pensar na condição⁵² humana perante a sociedade presente e a posterior. Quanto a este fato Marlene Dozol comenta que:

⁵² Sobre a questão Jean-Jacques Rousseau diz que “é preciso, portanto, generalizar nossos pontos de vista e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem arraigados ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada qual se prendesse a seu destino de maneira a nunca poder mudar, a prática estabelecida seria boa até certo ponto; a criança educada para sua condição, dela não saindo nunca, não poderia ser exposta aos inconvenientes de outra. Mas, dada a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito inquieto e agitado deste século que tudo transforma a cada geração, poder-se-á conceber um método mais insensato que o de educar uma criança como nunca devendo sair de seu quarto, como devendo sem cessar achar-se cercada dos seus? Se o infeliz

Considerando que a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, Rousseau irá refletir sobre o lugar da infância na ordem da vida humana. E, então, descobrirá que a infância é uma das etapas evolutivas mais importantes do processo de maturação do Homem e, possui, justamente por isso, um valor em si mesma (DOZOL, 2006 p. 52).

É com essa reflexão sobre o lugar da infância que a educação proposta por Rousseau prevalece no respeito a infância, não negando as fases de desenvolvimentos da criança, assim o preceptor deve ser atento às suas necessidades para que ele conheça bem seu aluno. O aluno precisa desenvolver confiança e respeito para com o seu condutor.

Como vimos com Marlene de Sousa Dozol, é na infância que as paixões podem ou não aflorar, no caso de Emílio, ele será uma criança “submetido à lei da necessidade”, pois só assim viverá”, podendo decidir livremente diante essas necessidades, já que a sociedade muitas das vezes impõe ao homem desejos ilimitados (DOZOL, 2006, p. 55), com a mesma obra continua expondo que, são nessas etapas do desenvolvendo educacional de Emílio que o preceptor terá destaque fundamental em sua educação, tanto que, as instruções do preceptor se darão com restrição, “ao real e ao que é útil, não dando quase nada à imaginação. Dado que esta última é infinita, constitui-se num dos motores mais perigosos na fabricação de necessidades e desejos artificiais, isto é, estranhos a própria natureza humana”.

Quanto a essas estranhezas entre o homem e a natureza humana, segundo Starobinski, elas ocorrem porque existe uma negação da ordem natural por parte dessa sociedade, mas isso “não suprimiu a natureza. Mantém com ela um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens” (STAROBINSKI, 1991, p. 35). Essa ideia de negação da natureza vem de todo percurso humano, a partir do momento em que o ser passar a se apropriar das coisas, seu mundo passa a ter outro valor, assim, sua relação com a natureza não se da mesma forma como antes de sua saída do estado primitivo, as luzes falsas da razão ofuscam sua verdadeira origem, causando assim, esse sentimento de negação, de contrariedade o que reforça nessa sociedade desprovida da verdade seu egoísmo e seu isolamento, sua infelicidade cada vez mais presente.

Jean-Jacques afirma que “a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana” desse modo, tudo tem um direcionamento adequado com a necessidade de cada um, assim, de acordo com o autor, “o resto depende de causas estranhas que não se encontram em nosso poder”. Tanto que ele expõe nós “não

dá um só passo na terra, se desce um só degrau, está perdido. Não é isso ensinar-lhe a suportar a dor; é exercitá-lo a senti-la” (ROUSSEAU, 1973, p. 16).

sabemos o que é a felicidade ou a infelicidade absoluta. Tudo se mistura nessa vida não experimentamos nenhum sentimento puro sequer permanecemos por dois momentos no mesmo estado” (ROUSSEAU, 2017, p. 90). As influências estão presentes em momentos na vida, as alterações não afetam só a alma, mas o corpo também passa por mudanças, assim como o bem e mal se fazem presente nesse percurso, a diferença da força do primeiro para o segundo vem das ações práticas. Com mesmo sentido podemos afirmar os efeitos da felicidade que é momentânea, sua ação equivale, portanto, mesma dose dos males sofridos. Entretanto:

O que se deve, portanto, pensar, desta educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto, que enche uma criança de grilhões de toda espécie e começa por torná-la miserável, para prepará-la, com antecedência, para saber-se lá que pretensa felicidade, da qual se deve crer que jamais gozará? (ROUSSEAU, 2017, p. 89).

Portanto, “amai a infância, favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós nunca desejou retornar a essa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma está sempre em paz?” (ROUSSEAU, 2017, p. 89-90). Todas as vontades de nos livrarmos das dores, dos sofrimentos vem da necessidade⁵³ de assistir de suprimir nossos desejos, sendo assim, a natureza “ faz tudo da melhor forma, o instinto a princípio. Dá-lhe imediatamente apenas os desejos necessários para sua conservação a as faculdades suficientes para satisfazê-los” (ROUSSEAU, 2017, p. 91). Mas, diante a dualidade querer e não querer, o homem nunca está satisfeito e a felicidade de fato nunca douradora, parece estar sempre escorrendo por entre os dedos.

Rousseau, então reforça a necessidade do preceptor, argumento que ele não vai ensinar, dizer como e que fazer, mas vai conduzindo e sendo exemplo na formação de Emílio, objetivando evitar esses males desde cedo na vida do menino, uma vez que “a sociedade tornou o homem mais fraco, não somente ao privá-lo do direito que tinha sobre suas próprias forças, mas sobretudo ao torná-las insuficiente para ele”. Embora, haja fronteiras entre essas forças no mundo, elas são diferentes das do mundo imaginário, pois, este é infundável (ROUSSEAU, 2017, p. 95). O autor segue reafirmando suas ideias com a mesma independência de pensamentos.

⁵³A natureza segundo Rousseau “deixou todas as demais como que em reserva, no fundo da alma, para nela desenvolverem-se segundo a necessidade. É somente nesse estado primitivo que se encontra o equilíbrio o entre poder e desejo e que o homem não é infeliz. Assim que todas as faculdades virtuais se põem em ação, a imaginação, a mais ativa de todas, desperta e as supera. É a imaginação que estende, para nós, a medida dos possíveis, para o bem ou para o mal, e que, consequentemente, estimula e alimenta os desejos pela esperança de satisfazê-los” (ROUSSEAU, 2017, p. 91).

Contudo, enfatiza que “é por isso que seus desejos se multiplicam com sua fraqueza, e é isso que faz a fraqueza da infância, comparada à idade adulta” (ROUSSEAU, 2017, p. 95-96). Desse modo, o autor fala da difícil tarefa que é a de instruir, conduzir alguém por alguns anos, ou como um governante diante suas funções públicas com boa desenvoltura, gestão ainda mais difícil e delicada estar a do preceptor que durará por mais de vinte anos. Diante as diferenças, o preceptor exercerá a ciência dos deveres, assim:

Existe apenas uma ciência a ser ensinada às crianças: é a dos deveres do homem. Essa ciência é una e, a despeito do que Xenofonte tenha dito sobre a educação dos persas, ela não se divide. De resto, prefiro chamar o mestre desta ciência de governante, e não de preceptor; pois trata-se, para ele, menos de instruir do que conduzir. Não deve jamais dar preceitos; deve fazer com sejam encontrados (ROUSSEAU, 2017, p. 58).

Em análise comparativa diante a preocupação do autor com a formação dos pequenos, citamos Maria do Socorro Gonçalves da Costa, que afirma em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Cultura e educação em Rousseau: uma análise do Emílio*, que os primeiros cuidados já com a formação do homem, sendo esta iniciada desde a infância se inicia com os gregos. Platão, filósofo por excelência demonstra que nem todo conteúdo é propício para formação ética das crianças. Desse modo, segundo a autora:

Na Grécia, as crianças eram educadas por meio da poesia, da música e da ginástica, tendo como base formativa Homero. Platão foi o primeiro filósofo a analisar o conteúdo de suas poesias e os males⁵⁴ que poderiam causar na formação dos caracteres das crianças. Na *República*, a cidade fundada no *logos*, é elaborado um tipo de currículo para a formação dos cidadãos da cidade ideal, desde os primeiros anos até que se forme o rei-filósofo. Há um cuidado para que sejam devidamente escolhidos os elementos da poesia, da música e da ginástica que devem entrar na formação das crianças e dos jovens (COSTA, 2013, p. 63).

Seguindo esses preceitos de cuidados e dedicação, Rousseau diz que é preciso escolher com maestria um governante, principalmente quando este propõe mudanças, uma vez que, numa sociedade todas as mudanças podem afetar diretamente seus habitantes, assim também é pensado seu projeto de educação, sendo seu modelo único, e ressaltando ser seu objetivo é a instrução social e moral da criança. É preciso querer e

⁵⁴ No Livro X, *República de Platão*, Sócrates inicia um diálogo com Glauco afirmando que “nossa cidade foi fundada da maneira mais correta” e seguida de um “regulamento” que consiste em “não admitir nenhum caso a poesia imitativa. Continua Sócrates “sabendo que não ireis denunciar-me aos poetas trágicos e aos outros imitadores, que segundo creio, todas as obras desde gênero arruinam o espírito dos que as escutam, quando não tem o antidoto, isto é, o conhecimento do que elas são realmente”. Embora Sócrates afirmasse ter respeito e afeto por Homero, também afirmava que isso não o impede de “falar”, pois é preciso dizer que “Na verdade parece ter sido ele o mestre e o chefe de todos os esses belos poetas trágicos. Mas não deve testemunhar a um homem mais consideração do que à verdade e como acabei de dizer, é um dever falar” (PLATÃO, 2000, p. 321).

saber conduzi-lo sem a interferência de outras pessoas, pois a presença delas pode ser prejudicial em seu desenvolvimento, Emílio será acompanhado de seu mestre, em contato com as coisas e as influências da natureza.

No Livro VII, *República* de Platão, Sócrates dialogando com Glauco descreve a alegoria de uma caverna comparando-a as condições de um ser educado e um outro não, diante a analogia socrática, observa-se, que a *Alegoria da Caverna* com a Educação tem um objetivo precioso que é a busca pelo esclarecimento das coisas no mundo das ideias, onde a realidade condiz realmente a origem verdadeira das coisas, a partir daí, buscar compreendê-las. Rousseau, verdadeiro amante das coisas simples e da verdade, diz com veemência convicção que quem quiser entender das coisas da educação, sociedade e da política tem que primeiro passar por esse tratado platônico, sendo que a educação do autor grego é uma educação pautada no ensino da verdade, sendo assim, podemos comparar nesse quesito os dois autores sem restrições. Assim segue Sócrates com sua analogia, caverna e educação:

Agora imagina a maneira como segue o estado de toda natureza relativamente à instrução e a ignorância. Imagina homens numa morada, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas (PLATÃO, 2000, p. 225).

Essa analogia serve como exemplificação para todos os tempos e em todas sociedades e condições moral, mostrar-nos como é possível nos libertar da cegueira que nos mantém aprisionados, mas também é preciso saber como conduzir na retirada das vendas que impedem de ver a realidade além das sombras. Dessa forma, a saída da caverna retrata a saída da ignorância, a saída das trevas ao encontro da luz⁵⁵ que é o conhecimento, ressaltando que essa ignorância é diferente daquela que Rousseau aprecia

⁵⁵ Portanto, meu caro Glauco, é preciso comparar “o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto a minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-las. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública” (PLATÃO, 2000, p. 228). Mas será isso possível. Como? Sim, sob a luz da educação, pois segundo “a educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de fazer obter a visão, pois já a tem, mas uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve dar-lhes os meios para isso” (PLATÃO, 1997, p. 518a-d).

no *Primeiro Discurso*, portanto, a alegoria platônica ressalta a educação e a idealização da cidade perfeita.

Portanto, o mito da caverna, metáfora usada por Platão, para explicar a condição que muitas pessoas que como aquelas ali naquela caverna só viam as sobras das coisas que vinham de fora, ilustra muitos bem os casos no atual século XXI, e até mesmo as sociedades que vivem desse modo, contudo, tal ilustração reforça o pensamento de Rousseau sobre a representação⁵⁶, e os mitos que assolavam o século XVIII, que ainda vivia sob as orientações da Igreja da idade média, pois, segundo o genebrino as representações são falsas, ilusórias que enganam os homens, mas não é qualquer homem. Tanto que, de acordo com Platão:

A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por educá-lo na boa direção (PLATÃO, 2000, p. 229).

Sendo assim “na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para esta não pode cumprir mal daquelas lhe estão vinculadas” (ROUSSEAU, 2017, p. 46). Portanto, pouco importa os caminhos que o homem na vida adulta decida seguir, o que vai fazer a diferenças entre os demais são o caráter e as suas certezas de estar agindo bem, sejam quais forem as necessidades, mesmo distante de suas origens, diante a novos valores, a fortunas ele não mudará. “*Occupavi te, Fortuna*⁵⁷, *atque cepi: omnesque aditus tuos interclusi, ut ad me aspirare non posses*” (ROUSSEAU, 2017, p. 47).

Sendo assim, cabe ao preceptor dentro de suas funções que durarão do nascer da criança até a vida adulta, neste caso Emílio, que terá suas instruções com cautelas, mas nada que o impeça de ver as coisas como são, essas cenas fortalecerão seu entendimento

⁵⁶ De acordo com o professor Wilson Paiva a “*representação* é um conceito operatório comum no século XVIII e nos antecedentes. Malgrado o modismo, em Rousseau o emprego dessa analogia tem um propósito mais crítico, qual seja o de compreender a problemática a partir de dentro e poder, assim, refletir sobre a gradação representativa que ela comporta – como numa escala – entre o menor e o maior grau de representação que ocorre em todos os domínios do conhecimento. Sua análise é desenvolvida de tal forma que podemos tirar uma teoria da representação cívica cujo problema está posto da seguinte forma: à medida que o homem adquire cultura, adentra o mundo da representação. Assim, dois projetos são vislumbrados no pensamento de Rousseau: o coletivo, que numa proposta político-social defende a mudança da forma de associação através do *contrato social*; e o individual, cuja defesa é o da recriação do homem natural por meio da educação, preparando-o para enfrentar a dura realidade sem, necessariamente, deixar-se corromper por ela – tal como aparece no *Emílio*” (PAIVA, 2016, p. 211, grifos do autor).

⁵⁷ “*Thuscul. V. [“antecipei-me a ti, fortuna, e te fiz prisioneira: interditei todas as passagens e não podes alcançar-me”]. (N.T)]* (ROUSSEAU, 2017, 47).

e sentimento diante o mundo. Desse modo, o professor Wilson de Paiva afirma que o tratado pedagógico rousseauiano dentro de seu propósito é uma obra completa, pois:

O Emílio é uma obra repleta de cenas cuja representação pode ser considerada como bem intencionada, uma vez que não gera o espetáculo, a pompa e nem a usurpação. Tal situação pode ser entendida como o emprego da arte em benefício da moral, emprego da ficção, da brincadeira, do jogo e da imaginação em favor de uma ação cuja arte seja a de operar a restauração da natureza no homem e prepará-lo para o melhor convívio com seus semelhantes (PAIVA, 2016, p. 213).

Razão pela qual Rousseau deixar claro que seu objetivo não está em formar um profissional, mas um homem, este não se deixará levar pela vaidade dos vícios, daí afirmação do ator ser pela condição humana, tanto que, Emílio não será poupado de presenciar encenações, ele assistirá apenas as que lhe são convenientes para sua formação moral, pois a sociedade já é um espetáculo represento pelo ser civil.

Esta condição aos olhos de Paiva é definida como as paixões não naturais que subjagam a natureza do homem, sendo esta compreendida como a segunda natureza humana, conotação maior para representação que “cuja característica principal é o poder da representação, proporciona um espetáculo⁵⁸ no qual domina uma trama de signos convencionais que desde o *Primeiro Discurso* é evidenciada por Rousseau como pura degeneração” (PAIVA, 2016, p. 213-214). Desse modo, não é por acaso que a figura marcante do preceptor⁵⁹ está presente em quase todos seus tratados, moralmente seguro de suas funções, cuidados e dedicação.

⁵⁸ Na *Carta a D'Alembert*, Rousseau expõe: “perguntar se os espetáculos são bons ou maus em si mesmos é fazer uma pergunta vaga demais; é examinar uma relação antes de ter determinado os termos. Os espetáculos são feitos para o povo, e só por seus efeitos sobre ele podemos determinar suas qualidades absolutas. Pode haver espetáculos de uma infinidade de espécies; de um povo a outro, há prodigiosa diversidade de costumes, de temperamentos e de caracteres. O homem é uno, admito; mas o homem modificado pelas religiões, pelos governos, pelas leis, pelos costumes, pelos preconceitos e pelos climas torna-se tão de si mesmo que agora já não devemos procurar o que é bom para os homens em geral, e sim o que é bom para eles em tal tempo e em tal lugar: assim as peças de Menandro, feitas para o teatro de Atenas, ficavam deslocadas no de Roma [...]. Quanto a espécie dos espetáculos, ela é necessariamente determinada pelo prazer que eles proporcionam, e não pela utilidade. Se neles se pode encontrar alguma utilidade, tanto melhor; mas o objetivo principal é agradar e, se o povo se divertir, o objetivo já foi suficientemente alcançado. Só isso já impedirá que possamos dar a esse tipo de estabelecimento todas as vantagens de que eles seriam suscetíveis, e é iludirmo-nos muito ter dele uma ideia de perfeição que não poderíamos pôr em prática sem desencorajar quem acreditarmos instruir. Eis aí onde nasce a diversidade dos espetáculos, conforme os gostos diversos das nações. Um povo intrépido, grave e cruel quer festas mortíferas e perigosas, onde brilham o valor e o sangue-frio. Um povo feroz e ardente quer sangue, combate, paixões atrozes. Um povo voluptuoso quer música e danças. Um povo galante quer amor e polidez. Um povo brincalhão quer gracejos e coisas ridículas. Para lhes agradar, é preciso ter espetáculos que acentuem as suas inclinações quando seria preciso ter espetáculos de as moderassem” (ROUSSEAU, 2015, p. 45-46).

⁵⁹ Segundo Wilson de Paiva esse “é o espectro do preceptor que vaga por quase todas suas obras: está presente em Jean-Jacques, preceptor de *Emílio*; manifesto em Saint-Preux, o filósofo apaixonado pela bela Heloísa; e no próprio Rousseau que o encarna com toda paixão quando escreve suas *Considerações sobre o Governo da Polônia*, o *Contrato Social*, os *Discursos* e as *Confissões*. Rousseau se faz pedagogo social e preceptor da humanidade ao refletir sobre as possibilidades que existem para a reconciliação do homem perdido. Arte, educação e política estão intimamente ligados numa ação global de preparação de um homem

De acordo como texto acima, observa-se que Rousseau confessa ser benéfico para Emílio, assistir algumas encenações, espetáculos, do mesmo modo se observou que seguindo as máximas do autor não será qualquer encenação, fato reforçado no livro III do *Emílio ou da Educação*, que “não mostreis nunca à criança nada que ela não possa ver. Enquanto a humanidade quase lhe é estranha, não podendo elevá-la ao estado adulto, abaixai para ela o homem à condição de criança” (ROUSSEAU, 1973, p. 149), assim, segue Rousseau explicando que não se deve antecipar nada no desenvolvimento natural da criança.

Portanto, “pensando naquilo que lhe pode ser útil noutra idade, não lhe faleis senão do que ela vê como útil desde já” (ROUSSEAU, 1973, p. 149). Logo, as comparações entre as outras crianças também não farão parte da vida de Emílio, com isso, evita-se os sentimentos de inveja, jogos de intrigas, é preferível esperar que ele comece a dominar o uso da razão e dessa forma compreender que:

De resto, nenhuma comparação com outras crianças, nenhum rival, nenhum concorrente na mesma corrida, logo que começar a raciocinar: prefiro 100 vezes que não aprenda o que aprenderia apenas por inveja ou da vaidade. Registrarei, entretanto, todos os anos, os progressos que tiver realizado; compará-los-ei aqueles que fará no ano seguinte; dir-lhe-ei: ‘Cresceste de tantas linhas, essa é a distância a que lançáveis uma pedrinha, a distância que a percorríeis num só fôlego etc. Vejamos agora o que fareis’. Estimulo-a, assim, sem a torná-la invejosa de ninguém; ela desejará superar a si mesma, e devo fazê-lo; não vejo qualquer inconveniente em ser concorrente de si mesmo (ROUSSEAU, 2017, p. 216).

Emílio, não terá acesso as coisas que não contribuam com seu crescimento ou que turvem seus sentimentos, tudo estará de acordo com cada etapa de sua vida, assim, nem livros⁶⁰ terá lido, não ser a obra de *Robson Crusoe* que se encontrando solitário em “sua ilha”, diante muitas adversidades e “desprovido da assistência de seus semelhantes e dos instrumentos de todas as artes, provendo, no entanto, sua subsistência, sua conservação e

apropriado ao mundo moderno, que supere as contradições que a antinomia da natureza e cultura proporcionou ao longo do processo histórico. Talvez assim seja mais fácil entender o papel da religião civil, da alienação total e até da pena capital, descritos no *Contrato social*, como meios de arrancar o homem de sua existência individual e colocá-lo «propenso ao bem dos outros», vivendo de forma coletiva” (PAIVA, 2016, p. 213).

⁶⁰Quanto aos ensinamentos a partir dos livros “odeio livros; ensinam apenas a falar do que não sabemos. Dizem que Hermes gravou em colunas os elementos das ciências, para proteger suas descobertas de um dilúvio. Se ele as tivesse fixado bem na cabeça dos homens, elas se teriam conservado por tradição. Cérebros bem preparados não os monumentos em que se gravam mais seguramente os conhecimentos humanos” (ROUSSEAU, 2017, p. 216 - 217). Continua Rousseau afirmando que esta obra tem muitas maneiras para deixar a vida da criança agradável, portanto, “é assim que concebemos a ilha deserta que me servia inicialmente de comparação. Esse estado não é, admito, o do homem social; provavelmente, tampouco deve ser o de Emílio, mas é a partir desse mesmo estado que ele deve apreciar os demais. O meio mais seguro de elevar-se acima dos preconceitos e de ordenar seus julgamentos com base nas verdadeiras relações das coisas consiste em colocar-se no lugar do homem isolado e julgar tudo como esse mesmo deve julgar, tendo em vista sua própria utilidade” (ROUSSEAU, 2017, p. 217).

alcançando até mesmo uma espécie de bem-estar” (ROUSSEAU, 2017, p. 217), soube bem usar de sua imaginação, assim como de sua força física para construir os instrumentos utilitários para sua própria subsistência. A privação dos artefatos sociais ou de serviços prestados por outros, provocou qualidades em Crusoé até então desconhecidas de suas próprias necessidades.

Eis, portanto, semelhança com seu o propósito desde os primeiros passos da criança, dessa maneira segue Rousseau “eis um objeto interessante para todas as idades e que temos mil maneiras de tornar agradável às crianças” (ROUSSEAU, 2017, p. 217). Ressaltando, que nessa ordem estará concluindo os últimos anos de mais necessidades e cuidados, que de acordo com Jean-Jacques vai de zero aos doze anos de idade. Nesse contexto de cuidados e educação, Werner Jaeger na obra *Paidéia formação do homem grego* inicia o texto dizendo que:

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática de educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade conserva e transmite sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas, mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo [...]. Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior, formas melhores de existência humana. A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação (JAEGER, 2001, p. 3).

Nessa harmonia, a crítica de Rousseau a sociedade é política e moral, assim como abrange os principais elos constituintes de sua formação como a educação, cultura e religião. De acordo com esse tripé citamos Maria Constança, que “para haver uma sociedade justa e equilibrada é preciso liberdade; para que esta seja possível são necessários cidadãos virtuosos, que só existem sob o império da virtude” (PISSARRA, 2002, p. 59), e, para que esses homens existam é preciso instruí-los desde cedo educacionalmente, mas a questão não é tão simples assim, sendo que a educação social se preocupa em acelerar os processos formativos sem ver bem o homem que acredita está formando, nesse caso, a educação negativa é o caminho mais possível. Sendo assim, em vez de educar seguindo os preceitos sociais deverá seguir os ensinamentos da natureza.

Por meio de uma educação negativa e livre. Para proteger a criança da influência da civilização é necessário educá-la no campo, longe do convívio familiar, da sociedade e dos livros. Deixa-se a criança livre para se formar por meio de sua própria experiência, sendo a natureza seu melhor preceptor. Só assim é possível resgatar o homem natural (PISSARRA, 2002, p. 61).

Mas para que esse objetivo seja possível, é preciso respeitar e seguir a natureza da criança, tanto que, assim foi pensado e apresentado com *Emílio*. O aceleramento dessa ordem gera homens confusos e estranhos consigo mesmos. Desse modo, o homem virtuoso imaginado por Rousseau, livre da interferência do Estado, tem o espírito livre, moldado na transmissão de valores, na ética, na cultura, costumes que fortaleceram a formação de seu caráter, onde a educação formal, partilhada entre outros homens não perturbe sua conduta daquilo que foi idealizado. Mas uma coisa precisa ser dita, embora, Jean-Jacques Rousseau seja tão crítico, exigente e atencioso com a formação de Emílio, o êxito que ele mais deseja alcançar é que seu aluno não seja enganado⁶¹. Portanto:

Que vossas respostas sejam sempre graves, curtas, decididas, e sempre sem hesitação. Não preciso acrescentar que devem ser verdadeiras. Não se pode ensinar às crianças o perigo de mentir aos homens, sem sentir, da parte dos homens, o perigo maior de mentir às crianças. Uma só mentira averiguada do mestre ao aluno arruinaria para sempre todo o fruto da educação (ROUSSEAU, 2017, p. 253-254).

O bem que o autor espera alcançar com a educação negativa é a felicidade, como podemos perceber nas *Cartas morais* direcionadas a Sophie onde na *Carta 2* “o objetivo da vida humana é a felicidade, mas quem de nós sabe como atingi-la?” (ROUSSEAU, 2005, p. 146). Dessa forma, diante a tantas perguntas e desejos nesse labirinto que regula a condição humana, Rousseau responde a Sophie “não, minha cara jovem, o estudo que vos proponho não produz um saber ornamental para desfilar aos olhos dos outros, mas enche a alma de tudo o que faz a felicidade do homem”, assim prossegue o remetente das cartas concluindo que “ele satisfaz, não os outros, mas a nós mesmos, e, em vez de palavras em nossa boca, põe sentimentos em nosso coração” (ROUSSEAU, 2005, p. 147). Portanto, uma vez que, é no coração que repousa os mais nobres saberes sobre os sentimentos, assim

Ao dedicarmo-nos a ele damos mais confiança à voz da natureza que à da razão, e sem falarmos da sabedoria e da felicidade com tanta veemência, tornamo-nos sábios por dentro e felizes por nós mesmos. Essa é a filosofia na qual quero vos instruir-vos, é no silêncio de vosso gabinete que quero conversar convosco (ROUSSEAU, 2005, p. 147).

No entanto, é preciso cuidados no período mais delicado na vida do ser humano, para que não seja marcada por contradições, em especial quando acreditam ser o período mais propícios para introduzirem as mais diversas instruções, informações para bem

⁶¹ Como expõe Carlota Boto que “a fraqueza do ser humano é apresentada como decorrência da contradição entre a força limitada e o infinito desejo. Nesse sentido, nossas paixões seriam fonte de fragilidade, na medida em que suporiam uma força maior do que aquela que nos é oferecida pela natureza (BOTO, 1996, p. 30).

serem educadas. Destacando que dessa forma, Rousseau está se posicionando contra o velho modelo elitista de educação da época, suas ideias não estão dizendo para substituí-la, mas questiona e denuncia o modo absolutista das classes ricas e a posição da igreja que era favorável a tais classes dominantes, e que eram negligentes aos cuidados com os pequenos, não respeitando assim, o direito de ser criança.

4.2 A educação como arte cívica: da liberdade a autonomia em Rousseau

A educação de Emílio até os dozes anos foi a educação da natureza, mas é chagada a vez de iniciar sua formação com elementos que estão além desse espaço, destacando, sobretudo, que Rousseau com essa atitude tornou a natureza um instrumento pedagógico fundamental para o início da formação civil do homem que ele pretende formar. Ressaltando outro aspecto fundamental nesse processo é que o preceptor não pode interferir na liberdade de seu aprendiz, e que todo percurso deve prosseguir objetivando o despertar dessa liberdade como autonomia. Quanto a educação civil, Rousseau argumenta que:

Não encaro como uma instituição pública esses risíveis estabelecimentos ridículos a que chamam colégios. Tampouco considero a educação do mundo; esta educação, tendendo a dois fins contrários, acaba frustrando a ambos: pois serve apenas para fazer homens duplos, que parecem direcionar tudo aos outros, mas sempre direcionam tudo a si mesmos. Ora, essas demonstrações sendo comuns a todo mundo, não enganam ninguém. Constituem cuidados perdidos (ROUSSEAU, 2017, p. 45).

No século XVIII, os colégios aos quais Rousseau se referiu não tinham um regimento padrão, cada um seguia com a educação que assistisse a necessidade exigida, ou seja, acontecia de acordo com o interesse de cada instituição em agradar seu público, onde quem ditava as normas de funcionamentos, assim como quem deveria estudar eram eles, os ricos. Nesse quesito comparando com a atualidade, muda pouca coisa, o valor da moeda prevalece como garantia de vagas e quantidade de alunos, não necessariamente generalizando. Mas como no mundo há muitas ideias “Platão limitou-se a depurar o coração do homem, Licurgo o desnaturou” (ROUSSEAU, 2017, p. 45), assim como a natureza conserva, a sociedade corrompe.

Dentre inúmeras críticas lançadas aos seus contemporâneos está direcionada ao problema da educação na falta de cuidados e zelo, Rousseau observou com grande indiferença a educação racionalista que visava formar não a criança, mas um adulto na criança, desse modo, os cuidados exigidos pelo autor, não estar em impedir que a criança caia, mas em respeitar cada etapa de sua vida como a própria natureza a constituiu.

Portanto, pensar em só conservar o filho “não é o bastante⁶² deve-se ensiná-lo a conservar-se sendo homem, a suportar os lances da sorte, a enfrentar a opulência ou a miséria” (ROUSSEAU, 2017, p. 47), razão pela qual Emílio ter iniciado o mundo das leituras por Crusoé, as turbulências não avisam de sua chegada, dessa maneira, é preciso viver, mas não viver pelo simples fato de estar vivo, pois, esse tipo homem para o genebrino seria melhor nem ter nascido, o ofício da vida consiste em saber que:

Viver é respirar, é agir; é fazer uso dos nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais viveu não é aquele que contou mais o maior número de anos, mas aquele que mais sentiu na vida (ROUSSEAU, 2017, p. 47- 48).

Daí o porquê de seu interesse pela condição humana “aquele de nós que mais sabe suportar os bens e os males desde vida é, em minha opinião, o mais bem-educado”, sendo que nossa educação começa ao nascermos, e “nosso primeiro preceptor é a nossa ama” (ROUSSEAU, 2017, p. 47), o autor argumenta que o termo *educação* já teve outro sentido entre os antigos e que correspondia a função dos cuidados alimentares, hoje a “educação, a instituição, e a instrução são três coisas tão diferentes em seu objeto quanto a governanta, o preceptor e o mestre”, que embora, necessárias tem uma outra conotação, sendo assim, para não confundir as crianças deve-se seguir apenas, neste caso a do preceptor. Vejamos o que nos diz Ernst Cassirer a respeito desta questão

É preciso escolher entre a liberdade e os grilhões, entre a lucidez da consciência e a obscuridade das paixões, entre a ciência e a crença. E tal escolha não oferece, evidentemente, a menor dúvida para o homem dos novos tempos, o homem da Era da Razão, o homem do Iluminismo. Ele renunciará sem hesitação ao socorro vindo do alto, desbravará ele próprio o caminho para alcançar a verdade, não pensará que possui essa verdade se não a tiver extraído e provado graças às suas próprias forças (CASSIRER, 1992, p. 191).

Assim, dessa maneira, *Emílio* será o rosto do homem idealizado por Rousseau que fará cumprir o que propôs no *Contrato Social*, cuja finalidade é garantir sua liberdade natural, parece difícil tecer essa síntese entre natureza, educação e liberdade, já que a corrupção causada pela sociedade humana desvia a autonomia que o autor almeja alcançar

⁶² Entretanto “é preciso, portanto, generalizar nossas perspectivas e considerar em nosso aluno o homem abstrato, ou seja, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem apegados ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada um estivesse agarrado a sua sorte a ponto de não poder alterá-la, a prática estabelecida seria boa até certo aspecto; a criança educada para sua condição, não a deixando jamais, não poderia estar exposta aos inconvenientes de outra. Contudo, dada a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito inquieto e agitado deste século que perturba tudo a cada geração, poder-se-á conceber um método mais insensato que o de educar uma criança como se jamais tivesse de seu quarto, como se tivesse de estar continuamente cercada de sua gente? Se a infeliz der um único passo na Terra, se descer um único degrau, estará perdida. Isso não é ensiná-la a suportar a dor; é prepara-la para senti-la” (ROUSSEAU, 2017, p. 47).

com seu educando. A palavra liberdade, assim como a cultura e a educação tem diversos sentidos e significados, muitos pensadores na história da filosofia, ora compartilham das mesmas definições, ora tem divergências, mas em Rousseau veremos como esses termos se potencializam em *Emílio*.

Desse modo, no contexto desta pesquisa, defende-se a ideia proposta por Rousseau de que só a educação pode restaurar o homem de suas misérias, e neste contexto de formação, autenticar sua liberdade. O homem rousseauiano, cuja origem é boa, é constituído de sentimentos inatos como a piedade que potencializa o amor de si, e a perfectibilidade, sendo esta última definida pelo autor com característica que impulsiona o ser humano ao longo de sua vida, assim, o pensamento histórico-filosófico de Rousseau segundo Dalbosco é ambivalente, uma vez que, suas críticas estão além de seu tempo e em todas as esferas sociais. Desse modo:

a noção de perfectibilidade permite Rousseau trazer as ações e os conflitos humanos para o terreno da história, compreendendo-os não como obra do cosmo ou de Deus, mas sim da sociedade corrompida que agrilhoa o próprio ser humano, criando obstáculos quase intransponíveis ao devir histórico. Também é a noção de perfectibilidade, e não de perfeição, que permite a Rousseau ver na educação uma das principais, senão a principal forma de superação da sociabilidade cindida, concebendo-a como força poderosa para elevar a humanidade ao nível da conciliação entre natureza e cultura (DALBOSCO, 2016, p. 926).

Jean-Jacques no livro II do *Emílio* ressalta que a natureza institui tudo, não improvisa nada, faz tudo perfeito, tudo tem seu lugar de acordo com seu princípio, até “os desejos necessários para sua conservação” mediante as necessidades de satisfazê-lo. Contudo, “deixou todas as demais como que em reserva, no fundo da alma, para nela desenvolver-se segundo a necessidade” (ROUSSEAU, 2017, 91). Pois, graças a essas reservas há um equilíbrio entre o poder e os desejos o que faz do homem um ser feliz. Sendo assim, quanto mais próximo de suas origens menos influências sofrerá dessas paixões, já que dentre todos os animais só o homem tende ao fracasso. É, pois, nesse sentido de perfeição natural que Cláudio Dalbosco diz “que o estudo da história ganha sentido propedêutico na arquitetura pedagógica de *Émile*, servindo de preparação do aluno fictício, para que possa conhecer melhor a alma humana em geral e a sua própria, em particular” (DALBOSCO, 2016, p. 926).

Diante a questão, o próprio genebrino acreditava que sem essa característica o homem não seria feliz. Portanto, este caminho é assim percorrido com o intuito de garantir que a liberdade de *Emílio* não seja moralmente deformada pelas convenções da sociedade. Razão pela qual, a liberdade em Rousseau está pautada na bondade, assim a liberdade que

o autor propõe para criança é uma liberdade sobretudo em relação as paixões, tendo autonomia de seus desejos, assim é possível afirmar que o propósito de educação de Rousseau se firma não na extinção, mas na exata necessidade de controlar esses desejos, uma vez que, eles são parte vital no desenvolvimento do progresso humano. Vejamos o que diz Zilmara de Carvalho:

No segundo *Discurso*, afirma Rousseau que através do progresso o homem foi construindo um mundo artificial, fruto de paixões vãs, que foram sendo forjadas e sofisticadas pelo aumento do conhecimento. Afastando-se, assim, de sua natureza, de seu ser, enveredando por desejos supérfluos e relações pautadas na mera aparência e voltadas para a satisfação de interesses egoístas. Trata-se de uma espécie de corrupção moral aí desenhada. Temos paixões primitivas que em si mesmas não são más, porém com uma aquisição maior de conhecimentos, novas paixões vão sendo produzidas e com elas novos conhecimentos e o vício vai se engendrando nas paixões humanas – conforme detalhará mais tarde no livro IV do *Emílio* (1761) (CARVALHO, 2017, p. 193).

Na introdução da obra *A questão Jean-Jacques Rousseau* de Ernest Cassirer, uma pergunta é lançada da seguinte forma: “como pode o homem civilizado recuperar os benefícios do homem natural, assim inocente e feliz, sem retornar ao estado de natureza, sem renunciar às vantagens do estado social”? Em Rousseau o homem não precisa renunciar o estado civil para ter direitos naquele que já lhe pertence, embora, sua origem primeira seja o estado natural, primitivo. Ele precisará, pois, renunciar os vícios, causa de sua degeneração, fazendo isso, a sintonia adormecida ascende e a harmonia entre os estados tornam-se una. Sendo assim, ainda na parte introdutória da obra, continua o autor Peter Gutierre com sua reflexão, expondo que:

Os Discursos iniciais são, assim, protestos contra todas as sociedades até então existentes, cujos males eles expõem; o *Emílio* e a *Nova Heloísa* apontam o caminho para a reforma do indivíduo nas esferas da moralidade pessoal, das relações familiares e da educação; os escritos políticos posteriores sublinham o tipo de sociedade na qual o homem bom pode viver apropriadamente (GUTIERRE, 1999, p. 23).

O homem e a natureza formam uma unidade central e essencial⁶³ na história do pensamento crítico de Jean-Jacques, por essa via, fala com propriedade do papel da

⁶³ Desse modo, “Wright encontrou na ‘natureza’ a ideia rousseauiana fundamental – mas na natureza interpreta de forma inusual ‘a ideia’ afirma Wright, ‘de que o homem deve se aperfeiçoar por sua razão e em concordância com sua natureza percorre toda obra de Rousseau e lhe confere uma unidade essencial’. Coerentemente, Wright expõe a doutrina rousseauiana em capítulos que discutem o homem natural, a educação natural, a sociedade natural e a religião natural. O homem natural reconhece que ‘a natureza está certa’. Contudo, isso não significa que ele deve ser um animal ou um selvagem: razão e consciência são também partes da natureza humana – e, de fato, sua melhor parte. Nem tampouco significa que ele deve rejeitar a arte e a religião: ‘Qualquer arte que simplesmente nos engrandeça é certa, mas nenhuma é correta e nos avilta (GUTIERRE, 1999, p. 24-25). Segue o autor: “a tarefa da razão reside em mostrar ao homem o que é natural para ele em um certo estágio de seu desenvolvimento; a tarefa da liberdade é a de habilitá-lo a agir como deve. A liberdade só tem sentido caso obedeçamos à lei, mas a uma lei à qual assentimos

educação, da cultura e da religião e seus paradoxos. Assim, segundo Wright, a razão, a educação e a religião têm papel decisivos na construção do pensamento filosófico desse universo homem e natureza. Nesta questão, Ernst Cassirer bem destaca que Rousseau não é historiador e nem etnólogo, mas quando este trata da questão retorno do homem ao estado de natureza para o autor é “uma ilusão estranha ter esperança de mudar o ser humano com discernimentos desta espécie, e de poder aproximá-lo de seu ‘estado natural’ (CASSIRER, 1999, p. 50), eis aí, a necessidade para que os cuidados educacionais que Rousseau tanto preza se iniciarem logo após o nascer da criança. Nesta concepção, Marilena Chauí afirma que:

O homem, para Rousseau, não se regenera pela destruição da sociedade e com o retorno à vida no meio da floresta⁶⁴. Embora privado, no estado social, de muitas vantagens da natureza, ele adquire outras: capacidades de desenvolver-se mais rapidamente, ampliação dos horizontes intelectuais, enobrecimento dos sentimentos e elevação total da alma. Se os abusos do estado social civilizado não o colocassem abaixo da vida primitiva, o homem deveria bendizer sem cessar o instante feliz que o arrancou para sempre da animalidade e fez de um ser estúpido e limitado uma criatura inteligente. O propósito visado por Rousseau é combater os abusos e não repudiar os mais altos valores humanos (CHAUÍ, 1978a, p. XIV).

Conforme a autora, o genebrino repudia a centralização desses abusos que ofuscam a consciência do homem com mentiras refinadas onde a admiração recebida da sociedade é mais valiosa do que o amor por si mesmo. Desse momo, suas ideias combatem a supervalorização da cultura e que muitas das vezes se sobrepõe as outras com saberes

livremente por reconhecermos sua racionalidade: ‘quando nossa vontade autonomamente se cinge a um princípio conhecemos a verdadeira liberdade’. Quanto a função da educação vejamos a seguir. “O papel da educação natural é o de evitar a criação de um pequeno tirano ou de um pequeno escravo. Devemos permitir que a criança encontre por si mesma os limites de suas próprias capacidades. Devemos argumentar com ela apenas quando for suficiente adulta para raciocinar – esta é a única forma de criar o homem natural. A teoria política de Rousseau – a teoria da sociedade natural – persiste neste tema. Os homens, tais como são hoje em dia, não estão aptos a liberdade. Eles devem ser tornados aptos, e devem criar por si mesmos um Estado que assim os tornará: ‘se o cidadão deve criar o Estado, o Estado, por seu turno, deve criar verdadeiros cidadãos’. Mas o que vem a ser esses verdadeiros cidadãos criados nos preceitos do Estado? Ressalta-se que é exatamente educação civil que Rousseau critica, pois, o autor ver nesse modelo educacional um sistema fracassado, onde a virtude não tem ação. Já a religião é livre, ou seja, ‘a religião natural, finalmente é decorrência lógica do pensamento rousseauiano. Seu objetivo é o de conhecer a Deus não através da discussão ou do ritual, mas pelo emprego natural da razão em total consonância com o sentimento. ‘A religião natural... é a mais recente das religiões a se desenvolver e a herdeira de todas as outras... o homem natural não é nosso primevo bruto antepassado, mas o último homem que nos encaminhamos a ser’ (GUTIERRE, 1999, p. 25). Ainda na introdução da obra, ‘história e filosofia tornam-se, assim, inextricavelmente entrelaçadas; o interprete que mergulha no mundo de Rousseau não confundirá o ataque rousseauiano contra a cultura com uma investida contra qualquer tipo de civilização, mas corretamente o ajuizará como crítica ao tipo de civilização representada pela sociedade parisiense” (GUTIERRE, 1999, p. 26).

⁶⁴ Quanto ao retorno do homem para o estado de natureza, ressalta-se que “Rousseau não foi único nem o primeiro no século XVIII a cunhar o lema: ‘volta à natureza’. “Ao contrário, ele era ouvido por todo lado nas mais diferentes variações” (CASSIRER, 1999, p. 50).

fúteis da moda, proclamada por seres já tão depravados que não conseguem compreender ou utilizar os verdadeiros saberes das ciências e das artes.

Sobre a centralização desses saberes que mais ofuscam o homem no processo educacional, vejamos o que diz Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*. Assim no contexto da disciplina, no formar moral com instruções saudáveis, segundo o autor que o que existe é a disciplinarização no sistema escolar, Michel Foucault na obra citada, relata que há uma relação de hierarquia no ambiente escolar, revelando assim a disciplina que dociliza os corpos e os coage numa constante utilização de poder.

Diante disso, a escola se configura como um ambiente parecido com uma prisão em espaço físico, seus mecanismos de disciplinarização, com uma organização hierárquica, e sua vigilância constante com a mensagem de educação e ressocialização, escola e cadeia são ambientes que segundo Michel Foucault “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados corpos ‘doces’ (FOUCAULT, 2004, p.119). Portanto, essa comparação se refere ao sistema penitenciário no contexto apresentado por Foucault, em que as prisões disciplinares tinham por objetivo a readaptação e integração de “corpos dóceis” à sociedade. Mas “essa extensão das instituições disciplinares não passa sem dúvida do aspecto mais visível de diversos processos profundos” (FOUCAULT, 2004, p. 173), e assim a sociedade segue revestida de sua própria máscara na extensão do tripé educar, disciplinar e (re) socializar.

Isso porque, segundo Foucault, “haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixos” (FOUCAULT, 2004, p. 126), assim, o ritmo dessa educação disciplinar, não está só na escola ou mesmo na cadeia, mas em todas as instituições, seja na igreja, seja no ceio familiar, todas contribuem para essa deformação humana criticada pelo autor, e que vem de encontro com as críticas de Rousseau quanto o sistema educacional existente.

Eis, portanto, o porquê da preocupação de Rousseau com a formação na primeira infância, eis a razão pela qual Emílio ser diferente, embora viva nesse meio opressor, saberá quando e como agir contra a alienação do sistema. Desse modo, segundo Marilena Chauí, aí “os esforços laboriosos da conquista intelectual verdadeira, que se realiza na luta contra os obstáculos e na atividade criadora do espírito livre de opressões” (CHAUÍ, 1978a, p. XIV-XV), a autora ainda reforça que “o retorno à pureza da consciência é o dever fundamental de todo homem, segundo Rousseau”. Evidencia-se, portanto, a

verdadeira necessidade dos saberes em um coração puro para o retorno a si mesmo. Característica marcante na formação de Emílio.

No entanto, existe a necessidade de ressaltar que Emílio, embora seja educado fora dos padrões da época, ele não está fora da sociedade, tanto que Rousseau entende que a criança não deve crescer alheia às determinações do mundo adulto e da sociedade em que vive, porém, sem ferir seus princípios, focando sempre em a sua liberdade⁶⁵. Pois desde cedo a criança precisa compreender o que é ser livre, mas essa liberdade não se dá de modo aleatório, mas regrada, de modo que “a liberdade que concebo a meu aluno compensa-o amplamente dos leves incômodos a que deixo exposto” (ROUSSEAU, 2014 p. 86).

4.3 Educar para autonomia: vivência na prática

O método de Rousseau consiste em observar a criança, com cuidado e paciência, observar a evolução dela dia após dia. Isso será necessário porque segundo o genebrino é na infância que ela começa a descobrir as coisas a sua volta, a infância possui características específicas da idade que não podem ser apressadas, ignoradas e comparadas com a vida adulta, por isso, precisa ser estudada e conduzida com cuidados. Na infância não se ganha tempo, se perde tempo se se quiser conduzir bem uma criança, olhai sem a importância do tempo, lembrando sempre que essa autonomia começa na dependência do adulto. Pois,

O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai da do nascimento aos 12 anos de idade. É o perigo que germinam os erros e os vícios, sem que tenha ainda qualquer instrumento para destruí-los; e, mesmo quando vem o instrumento, as raízes estão tão profundas que já não se pode mais arrancá-las [...]. A primeira educação deve, portanto, ser puramente negativa. Ela não consiste em ensinar a virtude ou a verdade, mas proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro (ROUSSEAU, 2017, p 107).

⁶⁵ Ressaltando que a liberdade em Rousseau aparece como um dos primeiros direitos que é negado para as crianças. ‘Mal deixou a criança o seio da mãe e mal gozou da liberdade de mover-se e de estender seus membros, já lhe são dados novos laços. É enfaixada [...], pois ela não teria a liberdade de virar a cabeça de lado, para facilitar sua queda’” (ROUSSEAU, 2017, p. 48). O genebrino ainda expõe que “o homem consiste em sofrer em todas as épocas. O próprio cuidado com sua conservação está vinculado ao sofrimento. Felizmente, ele conhece na infância apenas os males físicos. Males muitos menos cruéis, muito menos dolorosos que outros, e que, muito mais raramente do que estes, nos fazem renunciar à vida” (ROUSSEAU, 2017, p. 54). Os males oriundos dos vícios adquiridos em sociedade, torna o homem fraco e doente da alma, como afirma no primeiro capítulo do livro I *Do contrato Social* que “o homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a forros” (ROUSSEAU, 1978a, p. 22). Todavia, vale ressaltar que a liberdade rousseauiana é também negativa, pois, a mesma é livre das imposições externas, só a partir do momento que o homem passa a viver em sociedade sobre a influência dos outros é que a liberdade positiva começa a ser exercida, ou seja, a vontade geral, o poder de escolha com a autonomia perante as coisas, como ele expõe na *Carta* para o arcebispo de Paris, Sr. Christophe de Beaumont.

Assim, *Emílio* aos poucos vai recebendo informações sem longos discursos, sem punições, sem livros e sem as inúmeras técnicas das artes e das ciências, pois diferente dos pais e das escolas que querem formar um homem para assumir um posto de uma profissão antes mesmo de se tomar homem, Rousseau pensa ao contrário, tanto que seu projeto visa formar antes de qualquer projeto profissional, um homem que seja capaz de agir com humanidade, baseado em seus próprios princípios éticos.

Por conseguinte, Cassirer afirma que “desde a mais tenra infância, ele deve conhecer a coação das coisas, e aprender a curvar-se diante dela, mas deve ser poupado da tirania dos homens” (CASSIRER, 1999, p. 62). Rousseau entende a importância da educação das letras, de suas técnicas e da aplicação desta para formação do homem, e *Emílio* passará por esta etapa de preparação para retornar a sociedade, uma vez que para o autor, o papel da educação está em instruir o ser humano a viver em sociedade e participar das ações públicas do Estado, de modo autônomo e soberano seguindo a lei de acordo com a vontade geral. É, pois, diante a tal questão, que Rousseau não se preocupa em definir o ofício que *Emílio* deve seguir, sendo que, desse modo, todo e qualquer homem bem-educado se sairá muito bem em qualquer função. De acordo com a questão, continua Cassirer afirmando:

A partir desta ideia básica pode-se entender também inteiramente a tendência da doutrina⁶⁶ de Rousseau do Estado e da sociedade. Pois na verdade, o seu objetivo essencial reside em colocar o indivíduo sob uma lei universalmente obrigatória para todos, mas também em formar esta mesma lei de tal modo que desapareça dela qualquer traço de capricho ou de arbitrariedade. Devemos aprender a curvar-nos diante da lei da comunidade tal como nos curvamos diante da lei da natureza; não devemos nos submeter através dela a um preceito autoritário alheio, mas obedecê-la porque a entendemos em sua necessidade. Isto só é possível se compreendermos esta lei como uma lei com a qual precisamos estar interiormente de acordo, e se pudermos nos apropriar de seu

⁶⁶ Passando pelas interpretações de Engels, Kant e Cassirer sobre o pensamento de Rousseau, Starobinski afirma que “Rousseau esforçou-se em pensar as condições de um progresso da cultura ‘que permitisse à humanidade desenvolver suas condições [...]’. Reencontramos a natureza no momento em que a arte e a cultura atingem seu mais alto grau de perfeição: ‘a arte consumada torna-se novamente natureza’. O que Kant chama de arte é a *instituição* jurídica, a ordem livre e racional a que o homem decide conformar sua existência. A função suprema da educação e do direito, ambos fundados na liberdade humana, é permitir que a natureza desabroche na cultura. A partir desse momento (acrescentará Cassirer), os homens redescobrem o imediato de que gozavam anteriormente em sua existência natural. O que descobrem agora, porém, já não é apenas o imediato primitivo da sensação ou do sentimento, mas o imediato da vontade autônoma e da consciência racional”. Continua Starobinski, “aliás, desde o final do primeiro *Discurso*, Rousseau deixava entrever a possibilidade de uma reconciliação: se os homens, e sobretudo os príncipes, o quisessem, a separação poderia ser superada, uma verdadeira comunidade poderia restabelecer-se....O mal não reside essencialmente no saber e na arte (ou na técnica), mas na desintegração da unidade social. Consta-se, nas circunstâncias atuais, que as artes e as ciências favorecem essa desintegração e aceleram-na. Entretanto, nada impede que sirvam a fins melhores. Desse modo, o propósito de Rousseau não é banir irremediavelmente as artes e as ciências, mas restaurar a totalidade social, recorrendo ao imperativo da *virtude*, a única capaz de criar a coesão necessária” (STAROBINSKI, 1991, p. 43, grifos do autor).

sentido e acolher este sentido em nossa própria vontade (CASSIRER, 1999, p. 62).

Portanto, devemos compreender e seguir a ordem das coisas, tudo tem seu tempo, nada de acordo com a natureza estar fora do lugar, a não ser a criança por perversidade ou descuido dos adultos, ela já é inserida no mundo do adulto como se um adulto já o fosse. Daí a criança os cuidados de criança. Deixais modelar pela educação negativa, desse modo, o conflito entre liberdade e natureza será espontâneo e fortalecerá a interação entre o prazer e a aprendizagem e para que a criança não desanime da ocupação, é preciso que o mestre fique atento e saiba incentivá-la na ação.

Assim, a ação pedagógica segundo Dalbosco “se coordenada do ponto de vista racional e, especificamente, moral, tal ação pode fazer diferença expressiva na relação entre educador e educando e sobretudo na formação do educando” (DALBOSCO, 2011, p. 64). É precisamente neste contexto que Rousseau assegura a importância dos jogos, da interação junto a criança incentivando-a seja nos momentos de euforia por ter ganhado, acertado a uma questão, ou em momentos tristes por não ter alcançado o tão desejado doce, assim para que haja dedicação à coisa é preciso que ela:

A criança deve dedicar-se inteiramente à coisa, mas vós deveis vos dedicar inteiramente a criança, observá-la, vigiá-la sem descanso e sem demonstrá-lo, pressentir todos seus sentimentos de antemão e prevenir os que não deve ter; ocupá-la, por fim, não somente para que se sinta útil à coisa, mas para que se divirta à força de compreender bem para que serve o que faz (ROUSSEAU, 2017, p. 222).

A liberdade caminha ao lado da autonomia, assim num certo dia meio a natureza o preceptor Rousseau, conduz seu aprendiz, certamente de modo descontraído, sua ação pedagógica está em prática, tanto que, em conformidade a prática educativa de Jean-Jacques que Cláudio Dalbosco afirma que “a descoberta da espontaneidade absoluta como fundamento da ação humana justifica também a possibilidade de interações educativas democráticas entre educador e educando, entre adulto e criança” (DALBOSCO, 2011, p. 65). Desse modo, apresenta-se a demonstração dessa ação na prática, pois, segundo Rousseau, prolongar demais o discurso atrapalha mais que educa. Os discursos cansam demais nessa idade, logo a prática sem cobranças e depreendidas das formalidades tem um efeito duradouro. Sendo assim:

Não me agradam em nada as explicações em forma de discurso; os jovens lhe dão pouca atenção e não retêm nada. As coisas, as coisas! Nunca repetirei o suficiente que atribuímos poder demais às palavras; com nossa educação tagarela fazemos apenas tagarelas” (ROUSSEAU, (2017, p. 210).

Portanto, recorda-nos Rousseau de uma atividade no dia anterior, quando de repente, Emílio o questiona sem antes concluírem aquela ação. “Observávamos a posição da floresta ao norte de Montmorency quando me interrompe com sua inoportuna pergunta: Para que serve isto”? Logo, o preceptor Jean-Jacques, entende que seu aluno tinha razão, pois, antes de esperar dele alguma compreensão sobre as questões geográficas, seria preciso conhecer um pouco mais sobre o tema, tanto que lhe diz ‘tendes razão [...]. Cuidamos de outra coisa, e não tratamos mais de geografia pelo resto do dia’ (ROUSSEAU, 2017, p. 211). Nota-se, em seu projeto educacional que são essas atitudes benéficas, e que, assim o mestre deve agir diante seu educando. Ressalva-se, caso ocorra algo semelhante. Contudo, o dia seguinte já estar arquitetado na mente de Rousseau, que age nas primeiras horas da manhã assim:

Na manhã seguinte, proponho-lhe uma caminhada antes do almoço; era que ele desejava; para correr, as crianças estão sempre prontas, e esta possui boas pernas. Subimos até floresta, percorremos os prados, perdemo-nos, não sabemos mais onde estamos e, chegada a hora de retornar, não conseguimos encontrar nosso caminho. O tempo passa, vem o calor, temos fome, apressamo-nos, erramos de um lado e de outro, encontramos por todos os lados apenas bosques, pedreiras, planícies, nenhum detalhe que reconheçamos. Bastante irritados, bastante esgotados, e bastante famintos. Limitamo-nos, com nossas corridas, a nos perder ainda mais. Sentamo-nos, enfim, para descansar e para deliberar. Emílio, que suponho ter sido educado como outra criança, não delibera, chora; não sabe que estamos à porta de Montmorency e que uma simples mata a esconde de nós; mas essa é uma floresta para ele; um homem de sua estatura está enterrado em moitas (ROUSSEAU, 2017, p. 211- 112).

Rousseau, percebendo que seu aprendiz já estava cansado, abatido, choroso e preocupado diante daquela situação, tece um diálogo, esperando a reação do menino, pois, o objetivo era exatamente fazê-lo indagar o porquê e o como fazer para encontrar a cidade, para que assim, o mestre pudesse ir aos poucos mostrando como sairiam de lá, outro objetivo era mostrar a importância do trabalho em grupo, a importância de saber ouvir o outro e juntos acharem uma saída. E, assim o mestre fez com que Emílio buscasse em sua memória suas lições do dia anterior, logo, o entusiasmo fortaleceu os ânimos do menino, pois, havia uma chance bem provável para saírem dali. Então, “após alguns momentos de silêncio, pergunto-lhe com um ar inquieto: ‘meu caro Emílio, como vamos fazer para sairmos daqui?’ (ROUSSEAU, 2017, p. 211- 112). Logo, ouve:

Emílio, suando e chorando copiosamente.

Não tenho a menor ideia. Estou cansado; tenho fome; tenho sede; não aguento mais.

Jean-Jacques

Acreditais que estou em melhor estado que vós, e pensais que eu me privaria de horar caso pudesse fazer de minhas lágrimas meu almoço? Não se trata de chorar, mas de orientar-se. Vejamos vosso relógio; que horas são?

Emílio

É meio-dia e estou em jejum.

Jean-Jacques

Isso é verdade; é meio-dia e estou de jejum.

Emílio

Ó, como deveis ter fome!

Jean-Jacques

A desgraça é que meu jantar não virá me procurar aqui. É meio-dia? Trata-se justamente da hora em que, ontem observávamos a posição da floresta a partir de Montmorency. E pudéssemos, da mesma forma, observar a posição de Montmorency a partir da floresta? ...

Emílio

Sim, mas ontem víamos a floresta e daqui não vemos a cidade.

Jean-Jacques

Aí está o problema... Se pudéssemos nos dispensar de vê-la para encontrar sua posição

Emílio

Ó, meu bom amigo!

Jean-Jacques

Não dizíamos que a floresta se encontrava...

Emílio

Ao norte de Montmorency.

Jean-Jacques

Consequentemente, Montmorency deve estar...

Emílio

Ao sul da floresta.

Jean-Jacques

Teremos de um meio para encontrar o norte ao meio-dia?

Emílio

Sim, pela direção da sombra.

Jean-Jacques

Mas e o sul?

Emílio

Como fazer?

Jean-Jacques

O sul é o oposto do norte.

Emílio

Isso é verdade; basta procurar o oposto da sombra. Ó, eis o sul, eis o sul! Seguramente, Montmorency se encontra desde lado; procuremos por este lado.

Jean-Jacques

Podeis ter razão; sigamos este atalho através da floresta.

Emílio, batendo palmas e dando um grito de alegria.

Ah, vejo Montmorency! Aí está diante de nós, inteiramente. Vamos almoçar, vamos jantar, corramos rápido: a astronomia serve para alguma coisa. (ROUSSEAU, 2017, 212ss, grifos do autor).

Ao final desta lição, Rousseau chama atenção do preceptor, do mestre, e daqueles que conduzirão as crianças para que estes tenham cuidado ao final de suas ações, tomando notas do estado emocional e vendo sem falar nada a conclusão que elas chegaram, pois certamente teve efeito. Outra observação importante, consiste no comportamento da criança com relação ao outro, neste caso, Emílio se mostrou, embora irritado, com fome medo, solidariedade com seu mestre, ali não estava mais vendo só suas necessidades, mas as do mestre também era as suas, o menino se mostrou atento ao cansaço, a fome e ao medo do mestre. Assim tomou para si a iniciativa de achar logo a saída do bosque, com muita felicidade convida o mestre a segui-lo por aquele caminho. Citando Rousseau.

Tomai cuidado para que, se não disser esta última frase, ele a tenha em mente; pouco importa, desde que não seja eu que dizê-la. Ora, podeis ter certeza de que não se esquecerá, por toda sua vida, a lição desse dia; ao passo que, se eu tivesse me limitado a alegar tudo isso em seu quarto, meu discurso teria sido esquecido já no dia seguinte. É preciso falar por meio das ações tanto quanto possível e não dizer nada daquilo que não se saberia dizer (ROUSSEAU, 2017, p. 214).

Com isso, o autor reforça que a criança deve ser livre, assim vai descobrindo por si mesma sua capacidade, pois, a natureza nada força, embora exista os obstáculos, eles não são impostos, mas surge para fortalecimento cognitivo de seus filhos de modo involuntário, sendo assim, o preceptor não deve interferir de modo arbitrário, mas deixar que a própria natureza o conduza. De qualquer modo, para Marlene Dozol, a intenção de Rousseau não se limita apenas as forças físicas, ela perpassa por todas as etapas da vida de Emílio, logo, toda mensagem de seu objetivo parece:

[...], suficiente para que o leitor entenda as razões do autor de *Emílio* dar tanta atenção - e até mesmo descrever com riqueza de detalhes - as primeiras sensações vividas por Emílio ainda bebê; caberá ao seu sábio preceptor, na intenção de prevenir o aparecimento do mal moral, esmerar-se na criação e apresentação de situações que, se vivenciadas desde cedo da maneira correta e encadeada, serão causas dos desdobramentos eticamente desejáveis. Para Rousseau, a educação começa com o vir ao mundo e coincide com o estar nele (DOZOL, 2006, p. 28).

No prefácio do *Emílio* nos é dito que “não conhecemos nada da infância” mas seguimos baseados com as falsas ideias que dela temos, por consequência desse hábito, que podem ser entendidos como achismos que contribuem para deformação da moral da criança, e que “quanto mais avançamos, mas nos perdemos”. Isso acontece porque, segundo Rousseau “os mais sábios atêm-se ao que importa os homens saber, sem considerar que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o adulto na criança, sem conceber o que ela é antes de tornar-se adulta” (ROUSSEAU, 2017, p. 38). Jean-Jacques expõe que dentre os estudos que se propôs está o da condição humana, assim, “eis o estudo que mais me dediquei, para que, ainda que todo meu método seja quimérico e falso, se possa sempre tirar proveito de minhas observações” (ROUSSEAU, 2017, p. 38). Contudo, o autor do *Contrato Social* diz “posso ter vislumbrado mal o que se deve fazer, mas acredito ter enxergado bastante bem o sujeito sobre o qual se deve operar”. Dentre essas observações ele ditas algumas máximas que norteará na formação

dos pequenos, tais máximas⁶⁷ valerão por toda a sua vida se bem compreendidas e seguidas na aplicação delas pelo preceptor.

Nas primeiras páginas do livro II do *Emílio*, Rousseau chama atenção da seguinte forma “para que não corramos atrás de quimeras, não nos esqueçamos daquilo que convém a nossa condição humana” (ROUSSEAU, 2017, p. 90), o autor nos alerta que assim como o ser humano tem o seu espaço na ordem das coisas, a infância tem o seu na vida humana, desse modo, não se pode inverter a ordem das coisas. Há, portanto, uma relação intrínseca estabelecida por essa ordem natural das coisas, por isso, a criança deve pertencer ao seu mundo, que é o mundo de ser criança, e no avanço das etapas de seu desenvolvimento, ela compreenderá que ela faz parte de algo maior, ou seja, que o mundo que ela pertence não é só o do seio familiar. Mas nada deve ser feito de modo abrupto. Contudo, ressalva-se mais uma vez, que o percurso seguido deve ser o da natureza.

No livro III do *Emílio*, Rousseau (1762) fala que dentre todas as profissões, a agricultura é a mais bela, eis o porquê de sua admiração por Crusoé, que descobriu por necessidades a utilidade de suas mãos depois do naufrago, residindo por anos em sua ilha. Razão pela qual o genebrino deseja que Emílio trabalhe como um camponês, mas que racione com um filósofo, para que não passe o tempo como um selvagem. Assim, “o grande segredo da educação consiste em fazer com que os exercícios do corpo e os do espírito sirvam sempre de repouso uns para os outros” (ROUSSEAU, 2017, p. 239). Ainda acrescenta solicitando que se deve evitar a antecipação das “instruções que requerem um espírito mais maduro”.

Quando Rousseau indaga sobre o que pensar da educação definida por ele como “educação bárbara que sacrifica o presente por um futuro incerto” (ROUSSEAU, 2017, p. 89), seu olhar está voltado para condição de não atropelar a criança com instruções que são da vida adulta. A felicidade perdida na infância não voltará em nenhum outro lugar

⁶⁷ Dentre muitos preceitos que devem o preceptor seguir, Jean-Jacques cita essas quatro máximas. Assim, “longe de reunirem forças supérfluas, as crianças se quer têm forças em quantidade suficiente para tudo que lhes pede a natureza: preciso, portanto, deixar-lhes o uso de todas as forças que esta lhes dá e das quais não saberiam abusar. Primeira máxima. É preciso ajudá-las e suprir o que lhes falta, seja em inteligência, seja em força, para tudo que concerne à necessidade física. Segunda máxima. É preciso, nos socorros que lhes damos devemos, nos limitar unicamente ao útil real, sem concedermos nada à fantasia e ao desejo sem razão, pois a fantasia não as atormentará enquanto não as tivermos feito nascer, visto que ela não resulta da natureza. Terceira máxima. É preciso estudar com cuidado a linguagem e seus signos, de modo que, numa idade em que elas não sabem dissimular, distingamos, em seus desejos, o que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião. Quarta máxima. O espírito dessas regras consiste em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos império, em deixá-las fazer mais por si próprias e exigir menos dos outrem”. Assim, deste modo, continua Rousseau “acostumando-se desde cedo, a limitarem seus desejos a suas forças, elas pouco sentirão a privação daquele que não estiver em seu poder” (ROUSSEAU, 2017, p. 78-79).

ou momento da vida, razão pela qual o autor critica seus contemporâneos pela negligência com a educação e dos cuidados dados as crianças, é ilusório e preservo submeter seres tão indefesos a tamanha tormenta para garantir sabe-se lá o que, daí a necessidade como dita no texto acima, que o corpo e o espírito estejam sempre em sintonia.

Assim, no livro II, ele expõe uma máxima sobre a liberdade, dessa maneira, a liberdade é para Rousseau é um bem incondicional que ao lado dos homens de letras já clamava por ela. É, portanto uma condição inalienável e no livro I *Do Contra Social*, Rousseau afirma que “renunciar é renunciar à qualidade de homem e aos direitos da humanidade, e até os próprios deveres” (ROUSSEAU, 1978a, p. 27). Assim para que o homem saiba o verdadeiro valor de sua liberdade, é preciso instruí-lo com ela desde os primeiros passos, sendo assim “o homem verdadeiramente livre deseja apenas o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação lhe serão derivadas” (ROUSSEAU, 2017, p. 95). Essa é, pois, uma das grandes diferenças em Emílio com relação aos outros homens. Portanto, afirma Cláudio Dalbosco:

Rousseau é um dos primeiros, entre os modernos, a expor a tensão constitutiva do processo pedagógico que emerge do ideal de autonomia e de emancipação atribuído aos envolvidos e faz isso quando, ao pensar especificamente no papel do adulto, indica o grau de complexidade presente em sua relação com a criança, mostrando que a tarefa adulta movimenta-se no fio de navalha de não adestrar a criança e nem se deixar ser por ela escravizada (DALBOSCO, 2009, p. 183).

Saber deixar a criança livre com limites e não se deixar chantagear por ela diante as coisas que ela acreditar querer, é uma das muitas questões que Rousseau expõe em seu projeto, assim ele prever ocupar seus dias de modo que possam ser proveitosos para sua aprendizagem, a exemplo do que faziam no cuidado educativo das crianças na Grécia, com muita diversão, festas, jogos, atividades lúdicas⁶⁸ como se observa na *República de*

⁶⁸ Sobre a questão Rousseau expõe “respeitai a infância e não vos apresseis em julgá-la bem ou mal. Deixai as exceções se assinalarem, se comprovarem, se confirmarem muito tempo antes de adotardes para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir durante muito tempo, antes de procurardes agir em lugar dela, a fim de não contrariardes suas operações. Direis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que é perdê-lo muito mais empregando-o mal do que nada fazendo, e que uma criança mal instruída se encontra mais longe da sabedoria do que aquela que não recebeu nenhuma instrução. Vós vos preocupais com a ver gastar seus primeiros anos em não fazer nada. Como! Ser feliz será não fazer nada? Não será nada pular, correr, brincar o dia inteiro? Em toda a sua existência não andarás mais ocupada. Platão, em sua República, que acreditam tão austera, só educa as crianças com festas, jogos, canções, passatempos: parece que fez tudo ensinando-lhes a se divertirem. E Sêneca diz, falando da antiga juventude romana: estava sempre em pé e nada se lhe ensinava que devesse aprender sentada. E valia ela menos ao alcançar a idade viril? Não vos alarmeis demasiado, portanto, ante essa pretensa ociosidade. Que diríeis de um homem que para tirar proveito total da vida jamais quisesse dormir? Diríeis: esse homem é insensato; não aproveita

Platão. O homem no entender de Rousseau já nasce em condições em adversas, ou seja, embora nasce livre, os meios já o colocam aos perigos, desse modo, “por toda a parte encontra-se a ferros” (ROUSSEAU, 1978, p. 22). Emílio não estará livre dessas adversidades, mas sua compreensão e atitude perante as coisas com certeza será diferente daqueles que ao nasceram foram submetidos ao jugo da escravidão, assim, segundo o que pensava “[...]. Aristóteles, antes de todos eles, também dissera que homens em absoluto não são naturalmente iguais, mas nascem uns a escravidão e outros à dominação”.

Continua Rousseau expondo que “Aristóteles tinha razão, mas tomava o efeito pela causa. Todo homem nascido na escravidão, nasce para ela; nada mais certo. Os escravos tudo perdem sob seus grilhões, até o desejo de escapar” (ROUSSEAU, 1978a, p. 24-25). Diante a máxima citada faz-se a analogia com o estado do homem moderno, nasce livre, mas logo é jogado aos grilhões da sociedade. Se ver livre, mas nada mais é que escravo dos vícios e das aparências. É, pois para este mundo que o adolescente Emílio será inserido, na condição de criança é forte, mas na de homem ainda é aprendiz, é um período delicado, de mais sensibilidade, falar com cuidado e calma é preciso, pois, embora tenha-se concluído as etapas dos objetos sensíveis, não se passa como de um polo para os objetos do intelecto. Portanto:

Emílio não foi feito para permanecer sempre solitário; membro da sociedade, deve cumprir-lhe os deveres. Feito para viver com os homens, deve conhecê-los. Conhecer o homem em geral; resta-lhe conhecer os indivíduos. Sabe o que se faz no mundo; resta-lhe ver como se vive nele. Chegou o momento de lhe mostrar o exterior deste grande palco do qual já conhece todos os truques secretos. Não terá por ele mais admiração estúpida de um jovem estouvado, mas o discernimento de um espírito reto e justo (ROUSSEAU, 2017, p. 381-382).

Emílio, começa portando, a se socializar e um fator relevante nessa etapa é que todo o processo aplicado até o momento de sua entrada na sociedade é que pode não prevalecer, e o jovem garoto pode se degenerar, mas segundo o autor, para o fortalecimento cognitivo moral da criança elas precisam aprender a suportar situações que lhes cause desconforto, mas que não lhe cause nenhum sofrimento. Assim, algumas vezes no período na noite, acordará Emílio, não por maldade, mas para que no dia seguinte com muito sono, aprenda a valorizá-lo como um bem.

Uma vez que, nascemos desprovidos de qualquer saber, mas com capacidade para tudo aprendermos. Tanto que, “a educação do homem tem início em seu nascimento;

o tempo, perdendo-o; a fim de fugir do sono corre para a morte. Imaginai, portanto, tratar-se aqui da mesma coisa e ser a infância o sono da razão” (ROUSSEAU, 2017, p. 123).

sentes de falar, antes de entender ela já se instrui” (ROUSSEAU, 2017, p. 71). Contudo, Rousseau expõe que “não imagino nada cujo gosto, ou mesmo a paixão, não se possa, com um pouco de destreza, inspirar às crianças sem vaidade, sem rivalidade, sem inveja” (ROUSSEAU, 2017, p. 152), elas só precisam ver sua praticidade sem que o digam o porquê das ações, o problema é que os preceptores nunca a souberam pôr em prática, para Rousseau a virtude é uma só, embora tenha vários nomes, as crianças não precisam saber suas as definições, basta vivê-las. Assim:

Suas paixões certamente poderão iludi-lo; quando é que não iludem aqueles que se entregam a elas? Mas, pelo menos, não será enganado pelas dos outros. Se as vir, vê-las-á com o olhar do sábio, sem ser arrastado por seus exemplos nem seduzido pelos preconceitos. Assim como existe uma idade adequada ao estudo das ciências, também existe uma para compreender bem os usos da sociedade. Todo aquele que aprende tais usos cedo demais os segue por toda a vida sem critério, sem reflexão e, embora com presunção, sem nunca saber bem o que faz. Mas aquele que os aprende e vê suas razões os segue com mais discernimento e, consequentemente, com mais exatidão e graça (ROUSSEAU, 2017, p. 381-382).

Emílio já inserido no convívio social, traz consigo uma carga rica de conhecimentos simples, mas que é revestida de uma educação natural voltada à temperança de seu caráter, assim, adaptando-se aos novos valores, respeito o espaço do outro, sendo solidário com a dor do outro e respeitando a si mesmo, tem “a força do dever e a beleza da virtude acarretam nossa aprovação contra nossa vontade e derrubam nossos insensatos preconceitos” (ROUSSEAU, 2017, p. 289). Emílio é afetuoso, vive sob as leis desta inevitável sociedade, porém, tendo a consciência de sua liberdade, desse modo, não serve nem o rigor nem a severidade, vai se percebendo e mantendo o controle de si, sendo isso, um princípio de moralidade, característica que o diferencia dos outros homens, o que é bom para si e para a sociedade.

Embora, Emílio já se utilize do uso da razão, ele ainda vive sobre os cuidados e orientações de seu mestre, e que se por algum momento ele o desrespeitar, o desobedecer, o jovem não deverá ser punido, pois, isso não teria um resultado bom, do contrário, ele veria no mestre um ser vingativo e mau. Sendo assim, segundo Carlota Boto o preceptor não deve cobrar “da criança apenas os termos da lição, mas seu sentido e substância; que ele julgue o proveito que terá, não mediante o testemunho da memória, mas da vida” (BOTO, 1996, p. 53-54). Razão pela qual a confiança depositada em seu condutor deve ser construída na transparência, pois, não sendo o mau uma ação natural, logo ele resulta das artificialidades da sociedade e da importância em parecer ser mais do que de fato é, portanto, a educação natural além de focar na criança enquanto criança, se centraliza no

dever do ser primeiramente consigo mesmo, daí a importância de se começar educando pelos sentidos e não pela razão.

Emílio, como se percebe formou-se primeiro pelos sentidos e na medida que estes iam se devolvendo, tanto sua estrutura física quanto seu caráter eram fortalecidos. Um adolescente já sabe distinguir as coisas, logo, “um jovem da idade de Emílio e tão sensato quanto ele não é mais tão tolo para se iludir-se dessa maneira e não seria bom que o fizesse” (ROUSSEAU, 2017, p. 289). A confiança nessa idade é diferente, uma vez que, ele agora usa-a em benéfico de si mesmo, fazendo uso da razão. Contudo, o preceptor não deve evitar as dores ou as decepções que Emílio virá passar, tão pouco pode deixar de chamar sua atenção alertando-o, caso persista naquele que foi orientado a não fazer, caso isso aconteça, será chamado atenção outras vezes.

Rousseau é firme em dizer que diante de tal teimosia, use essa lição, pois não conheço nenhuma outra que cause efeito mais “inepto que as palavras ‘eu bem que avisei’ (ROUSSEAU, 2017, p. 290). O que dizer dos fatos sociais desde os últimos anos da segunda década do século XXI, até os dias atuais? O ‘eu bem que avisei’ passou a ser manchete em vários meios de comunicação do país, atenção já chamada desde o século das luzes por Jean-Jacques Rousseau, assim como as vacinas. Um fato real, mas triste, o mal de fato não está nas coisas, mas nas decisões do homem. Que coisa, não!?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto a questão proposta pela Academia de Dijon e a relação das ciências e as artes no aprimoramento social, custou para o pensador genebrino glória e críticas e inúmeras indagações e refutações⁶⁹. Mas segundo Dozol, Rousseau esclarece o conteúdo do *Primeiro Discurso* da seguinte forma:

a Academia de Dijon não solicitou a enumeração dos bens gerados pelas ciências e pelas artes, e sim se o progresso correspondeu ao progresso dos costumes. Rousseau esclarece que o exame por ele empreendido teve-se à relação entre o progresso das luzes e o aperfeiçoamento moral, e não ao progresso das luzes em si (DOZOL, 2006, p. 36).

Pelo fato de Rousseau evidenciar mais a moral, fez de seu *ensaio* único e oposto as demais respostas, saindo pela via negativa da razão, e vencedor na academia de Dijon, dando, pois, ênfase a moral, não quer dizer que a razão não tivesse importância, tanto tem que nesse mesmo *Discurso* ele louva a capacidade racional do homem. Mas por ser um defensor dos bons costumes, compreendeu que perante seus contemporâneos o cenário da desvalorização da moral era causa de maior urgência, uma doença na alma que precisava no mínimo ser controlada.

A postura negativa de Jean-Jacques Rousseau, cidadão de Genebra diante a razão, reforçou ainda mais a interpretação de rejeição, assim compreendida por alguns acadêmicos, filósofos, tal repercussão o tornou senão o maior, mas um entre os maiores críticos da razão iluminista, característica que o coloca na contramão do movimento iluminista.

⁶⁹ Logo, Rousseau, como já citado não só recebeu elogios e ganhou reconhecimento como escritor com o *Primeiro Discurso*, mas também ganhou adversários de muitas posições sociais como padres, médico e acadêmicos criticando seu *Discurso*. Algumas objeções foram refutadas e publicadas, chegando ao conhecimento do público e que ficaram conhecidas como *Cartas*, como ele mesmo expõe “é com extrema repugnância que me ocupo de minhas disputas com leitores ociosos, bem pouco preocupados com a verdade; a maneira, porém pela qual acabam de atacá-la, força-me a, mais uma vez, tomar sua defesa, para que meu silêncio não seja tomado pela multidão como confissão, nem pelos filósofos como desprezo” (Rousseau, 1978d, p. 393). Portanto, todos tiveram mais uma vez a oportunidade de lerem e acompanhar a disputa literária, filosófica e política do pensador genebrino com os demais, como ele mesmo explicou acima. A seguir algumas *Cartas*, além do prefácio de *Narciso ou O Amante de si mesmo*, obra escrita em 1733, aos 18 anos de idade e apresentada ao público somente em 1752, sem o prefácio, pois, seu autor ainda não tinha feito. Mas, como ele era crítico das representações teatrais, logo se precaveu e já lançou no *Discurso sobre as ciências e as artes*, o prefácio já citado em sua defesa. Desse modo, inclui, além do próprio *Discurso*, os seguintes escritos: “Respostas por Jean-Jacques Rousseau às objeções dirigidas a seu *Discurso* a “*Carta ao Sr. Padre Raynal* (1751); a *Carta de J-J. Rousseau ao Sr. Grimm*, sobre a refutação de seu *Discurso* pelo Sr. Gautier (1751); a *Carta ao Rei da Polônia, Duque de Lorena*; Última resposta de J-J Rousseau ao Sr. Charles Bordes (*Bordes, assim Rousseau o chamava) (1752); a *Carta de J-J. Rousseau sobre uma nova refutação de seu Discurso, por um Acadêmico de Dijon Claude-Nicolas Le Cat*; Prefácio a peça *Narciso* (1752); e, por último, o *Prefácio de uma segunda carta a Bordes* (1753)” (BASTIDE, 1978d, p 355ss, grifos nosso).

Ainda sobre a questão da Academia de Dijon, no prefácio de *Narciso ou o Amante de si mesmo* (ROUSSEAU, 1999b, p. 292-293), fala que “a ciência não serve para nada e sempre causa tão-somente o mal, pois é má de natureza”. Logo a seguir expõe, que ele começou “pelos fatos e mostrei que os costumes degeneraram entre todos os povos do mundo na medida que se espalhou em seu seio o gosto pelos estudos e pelas letras” (ROUSSEAU, 1999b, p. 293), embora não esteja se referindo aos saberes dos nossos antepassados de modo plausível, deixa explícito que os saberes modernos são os piores. E, contudo, os males existentes na sociedade oriundos das ciências e das artes não são as únicas fontes, mas estão entre as mais nefastas.

A desordem e os conflitos históricos em razão da política vigente, como ressalta Arbousse-Bastide na introdução do *Segundo Discurso* que “Rousseau, sem o dizer, descreve o quadro do Antigo Regime: opressão, imposto, guerras, duelos, frivolidade de costumes, luxo e esteticismo” (BASTIDE, 1999a, p. 25, grifos do autor), são evidentes, desse modo, levando o povo as piores condições humanas. Diante todos dos fatos, o absolutismo vai perdendo forças, mas lutando para manter seu status, segue com o apoio da igreja sua exploração em nome de Deus. E, por outro lado, os ideais do liberalismo fortalecendo-se com apoio da burguesia que estava preocupada com seus negócios, lutavam defendendo a propriedade privada como direito natural.

Diante desse cenário, como bem esclarece Rousseau, a partir de sua idealização educacional, Emílio é um menino imaginário que ele elaborou para a constituição de suas ideias na obra de mesmo nome, embora esse menino nunca tenha existido, ressalta-se que ele é uma história presente que constitui uma temporalidade para aplicação da educação pensada por Jean-Jacques. Portanto, de acordo com o que foi exposto a partir do *Primeiro Discurso* e do projeto político-pedagógico rousseauiano, compreende-se que o autor visa combater os excessos que causam a degradação humana, focando sobretudo na formação moral. Razão pela qual se percebe que o *Emílio ou da Educação* é um projeto que constitui uma reflexão acerca da condição humana, destacando a infância como um direito a ser respeitado, vivido com cuidados e carinhos, onde toda projeção pedagógica deve ser pautada numa liberdade regrada, objetivando sua autonomia, mas sem imposições, castigos ou sofrimentos.

No livro XI das *Confissões*, é notório o quão sensível é a questão da educação para o autor quando ele expõe que:

Finalmente *Emílio* foi publicado sem que ouvisse falar de novas falhas reimpressas ou qualquer outra dificuldade [...]. “A publicação daquele livro não se fez seguir por aqueles esplêndidos aplausos que acompanharam todos

os meus trabalhos. Nenhuma outra obra teve tantos e tão grandes elogios particulares, nem tão pouca aprovação pública. O que me disseram e o que me escreveram as pessoas mais capazes de julgá-la confirmou que aquela era a melhor de minhas obras, bem como a mais importante. Mas tudo isso foi dito com as mais estranhas precauções, como se fosse de vital importância guardar em segredo o bem que dela pensavam” (ROUSSEAU, 2018, p. 539-540).

O autor se queixa do comportamento de muitos de seus amigos, uns até confidentes, por não terem a coragem de confessar em público que estavam maravilhados com a obra, mas uma coisa é certa, o *Emílio ou da Educação*, custou a Rousseau uma *Carta Pastoral* por parte do Senhor arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, mas nada disso incomodou tanto aquele pobre genebrino quanto as injúrias contra sua pessoa, ferindo sua moral. Por causa desses desassossegos, viveu, ou como ele define nas confissões, passou temporadas em muitos lugares, pois, com uma vida errante por causa das perseguições, era impossível chamar algum desses lugares de lar.

No livro III do *Emílio*

Todo homem quer ser feliz; mas para chegar a sê-lo seria preciso começar por saber o que é a felicidade⁷⁰. A felicidade do homem natural é tão simples quanto sua vida; consiste em não sofrer: constituem-na saúde, a liberdade e o necessário (ROUSSEAU, 2017, p. 208).

Como se observa que ao longo dos cinco livros do *Emílio*, Rousseau destaca inúmeros pontos ou máximas que devem ser usados ou ignorados na prática educacional dos pequenos, tanto pelo preceptor quanto pelos pais, ou pelos educadores em geral, que seguindo esses pontos estarão preservando a criança, mantendo-a saudável, feliz e no mundo da própria criança, uma vez que, a fase em que elas precisam mais de cuidados é do nascer aos doze anos.

Portanto, Rousseau pergunta se “é importante que um homem saiba bem coisas cuja utilidade de uma criança não poderia compreender; mas será possível que uma criança aprenda tudo que importa a um homem? (ROUSSEAU, 2017, p. 209). Rousseau diz o que se deve fazer e como fazer sobre a questão, assim “cuidai de ensinar a criança tudo que é útil à sua idade e vereis que todo seu tempo estará mais que preenchido” (ROUSSEAU, 2017, p. 209). A educação pensada por Rousseau não necessita de palavras bonitas, de ilustrações artificiais, mas de práticas intencionais dando sentido e

⁷⁰A diferença está no modo de viver “a felicidade do homem moral é algo diverso; mas não é dela que se trata aqui. Não poderia repetir o bastante que apenas objetos puramente físicos podem interessar as crianças, sobretudo àquelas cuja vaidade não foi despertada e que não foram corrompidas de antemão pelo veneno da opinião (ROUSSEAU, 2017, p. 208) Continua reforçando que a criança não deve fazer “nada com base no que dizem os outros; nada é bom para ela senão o que sente como tal”.

construindo o significado das coisas, sem precisar criar uma realidade que a criança não sinta e tão pouco viva.

Sendo assim, ao pensar a educação, Rousseau pensa na sociedade e nos desvios de caráter que esta se encontra, assim para preservá-la ele considera essencial formar o homem pelo fortalecimento do espírito, haja vista que, o homem é a reflexão do meio em que vive. Como afirma Artur Parreii que a “essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade” (JAEGER, p, 2001. 15). Nesta mesma obra o autor Werner Jaeger expõe “aos olhos de Platão, o seu Estado tinha mais de Estado que outro qualquer. Estava convencido de que o Homem alcançaria nele a forma suprema da virtude e da felicidade humana” (JAEGER, p. 825).

O que Rousseau imagina, portanto, com seu modelo educacional é semelhante, a questão é que essa sociedade da qual ele faz parte está na via contrária e para dificultar ainda mais o processo pensado pelo genebrino, a imagem do homem presente é a de um ser egoísta, que usa a natureza para realizar seus projetos, mas não compreende ou não quer compreender a profunda relação homem natureza, assim para que esse viva e construa essa consciência será preciso iniciar as instruções antes mesmo dele aprender a falar.

No *Segundo Discurso*, na introdução de Arbousse-Bastide nos pontos onde o genebrino faz elogios ao conhecimento expõe ele: ‘as ciências são boas em si’. Segundo o autor, a certeza existe porque Deus, criador supremo, é a fonte primeira de todas as coisas boas, sendo assim, somos resultado dessa natureza, logo, “temos o dever de adquirir conhecimentos”. Mas como o homem tem um coração pequeno demais para abraçar tanta sabedoria, as paixões, os vícios acabam se sobrepondo e dando-lhe ‘um mau emprego’, arruinando assim a sociedade, tanto que “a cultura das ciências corrompe os costumes de uma nação: porém, num vendeiro sábio, a virtude não é de modo algum incompatível com a ciência” (ROUSSEAU, 1978d, p. 357-358). Como Rousseau crítico dos costumes da agitada Paris, recebe inúmeras críticas em razão de seu comportamento e o modo como vê a evolução das luzes, mas uma coisa é certa, essas críticas deram a ele uma oportunidade de repensar o homem civilizado e em vez de condená-lo, toma partido com o intuito de lutar por ele diante a sabedoria dos falsos sábios.

Portanto, pensando para nesta sociedade, pensa uma educação que pudesse resgatar primeiramente a si mesma. Neste entendimento, cita-se Jean Starobinski

O que Rousseau deplora é que o poder político e a cultura visem a fins discordantes. Pois ele está pronto a absolver a cultura, com a condição de que se torne parte integrante de uma totalidade harmoniosa, e não incite mais os

homens a buscar vantagens e prazeres separados. Portanto, ele não sonha de modo nenhum com a extinção da ciência; ao contrário, aconselha conservá-la, mas suprimindo o conflito que opõe atualmente 'o poder' e 'as luzes' ... Rousseau apela aos príncipes e às academias (sem dúvida por polidez em relação à Academia de Dijon). Mas, por trás da adulação de certas fórmulas, percebe-se nitidamente o voto de um retorno à unidade, de um despertar da confiança, de uma comunicação reconquistada (STAROBINSKI, 1991, p. 44).

Desse modo, a visão pessimista de Rousseau serve como alerta para os caminhos viciosos que a sociedade seguia, e principalmente como era demonstrado sua ralação para consigo mesma, além de sua reciprocidade para com os seus semelhantes, ou seja, com a humanidade, sendo assim, vale reforçar que esse o pessimismo não se resume apenas a depravação moral, mas abrange todo um contexto social como a política, a educação e o governo, ressaltando que este último tem, portanto, uma ampla dimensão incluindo desde as desigualdades sociais aos conflitos na sociedade. Por isso, sua proposta educacional ser de acordo com a natureza, simples e natural, mas consciente.

Rousseau conhecedor do pensamento grego observa que

Os Gregos foram adquirindo gradualmente a consciência clara do significado deste processo mediante aquela imagem do Homem, e chegaram por fim a uma fundamentação, mais segura e mais profunda que a de nenhum povo da Terra, do problema da educação (JAEGER, 2001, p. 15).

Ora, senão é este o objetivo de Rousseau, tanto que, o que se observa em todo seu pensamento, cujo, é de uma dimensão da qual não ousa afirmar, tem conotação filosófica pautado na educação e na política, por estas características, suas críticas denunciam não só os desvios sociais, mas inclui a instrumentalização da educação, esta pois, que ele condena não só pelo fato de não instruir, mas sobretudo, por deformar a ordem moral e não ter como princípio a formação humana.

E, finalizando esta etapa de nossa pesquisa sobre o pensamento crítico do genebrino Jean-Jacques, expõe-se que a educação iluminista proposta por ele, consiste na atenção dos cuidados e na liberdade, respeitando a criança no mundo da criança. Contudo, a arte de ensinar não é tarefa fácil, mas, o mais difícil mesmo é o retorno de um ser depravado ao seio da virtude, e expressar as verdades com a alma. Desse modo, a análise de Rousseau acerca da condição humana exposta no *Primeiro Discurso*, retrata o tipo de sociedade que ele teme não só para um futuro distante, mas um futuro presente, uma vez que o *Emílio* é uma obra presente.

É, pois com a sua realidade e com o projeto de homem que ele observa almejavam que ele é negativo. Entretanto, diante cruel circunstância, encontra forças e ver a educação natural como uma luz para combater as ignorâncias de seus adversários. Portanto, diante

dos fatos, Rousseau, assim como expõe Werner Jaeger na obra *Paidéia* sobre a formação dos gregos, que Rousseau intencionalmente vai instruindo Emílio, ou seja, “os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente” (JAEGER, 2001, p. 13).

Dessa maneira, ele se expressa no V livro do *Emílio* ‘caro Emílio, é com muito gosto que ouço saírem de tua boca palavras de homem e que vejo os sentimentos correspondentes em teu coração’ (ROUSSEAU, 2017, p. 551). A educação é vista por Rousseau como uma possibilidade de construção para uma nova sociedade composta por este novo homem. Porém, ressalva que esse novo homem não teria sobrevivido sem as paixões, desse modo, não são elas que Rousseau critica, pois, as mesmas são necessárias para o desenvolvimento humano, a questão negativa se fundamenta com seus excessos.

Sendo assim, “o homem verdadeiramente livre deseja apenas o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação lhe serão derivadas” (ROUSSEAU, 2017, p. 95). Contudo, se falharmos que não seja pela falta de cuidados, dedicação, amor, e sobretudo por falta de respeito com a natureza e a liberdade da criança, continua o genebrino, uma vez que, entre “todos os bens não é a autoridade” a mais importante, “mas a liberdade”, afirma, portanto, Rousseau.

6. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Revisão e Tradução 5. ed. rev. ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

BASTIDE, Paul Arbousse. **Introduções e Notas**. In.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: De Gutenberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CARVALHO, Zilmara de Jesus Viana. **Abordagem sobre as possíveis relações entre o progresso e o mal natural em Rousseau**. *Educativa*. Goiânia, v. 20, n. 1, p. 189-203, jan./abr. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Vida e obra**. In.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COSTA, Maria do Socorro Gonçalves. Mestrado em **Cultura e Educação em Rousseau: uma análise do *Emílio***. São Luís: UFMA, 2013.

CUTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. Nova ciência e racionalismo. In:_. **Fundamentos de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DALBOSCO, Claudio A. **Educação natural em Rousseau: das necessidades das crianças aos cuidados do adulto**. São Paulo: editora Cortez, 2011a.

DALBOSCO, Claudio A. **Kant & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011b, (Coleção Pensadores & educação).

DALBOSCO, Claudio A. **História como experiência formativa em Rousseau**. Revista Brasileira de Educação: *versão impressa* ISSN 1413-2478 *versão On-line* ISSN 1809-449X Rev. Bras. Educ. vol. 21 no. 67. Rio de Janeiro out./dez. 2016, <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216747>

DALBOSCO, Claudio A. (org.). **Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau: o Papel do Educador como Governante**. Campinas: Editora Alínea, p. 147-166, 2011b.

DALBOSCO, Claudio A. **Primeira infância e educação natural em Rousseau: as necessidades da criança**. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 2 (62), p. 313-336, maio/ago. 2007.

DIDEROT & D’ALEMBERT. **Verbetes políticos da Enciclopédia**. Trad. Maria das Graças de Souza. São Paulo: Discurso Editorial / UNESP, 2006.

DOZOL, Marlene de Souza. **Rousseau. Educação: a máscara e o rosto**. Editora vozes: Petrópolis, 2006.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **A poética de Rousseau como possibilidade de chave de leitura de suas obras**. In: Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana Carvalho (Orgs.). *Rousseau, Kant & Diálogos*. São Luís: EDUFMA, 2019.

FAÇANHA, Luciano da Silva. *O Diagnóstico do ‘declínio do progresso’ no século XVIII a partir da iluminação de Rousseau*. Ciências Humanas em Revista. V. 5, n. especial, 2007.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Para ler Rousseau: uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posteridade**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Poética e Estética em Rousseau: corrupção do gosto, degeneração e mimesis das paixões**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Rousseau: pensador da crise das ciências e das artes, por amor a humanidade**. In: Danielton Campos Melonio; José Henrique Sousa Assai. (Org.). Problemas de Filosofia e Ciências Humanas. 01ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, v. 01, p. 01-304.

FAÇANHA, Luciano da Silva. SILVA, Cláudia da. **A educação como máscara: uma análise a partir das contribuições de Jean-Jacques Rousseau**. In.: Anais do I Congresso internacional Rousseau x Kant UFMA; III Congresso nacional Jean-Jacques Rousseau UFMA: estética e representação; I Congresso Kant UFMA: Liberdade, Justiça e dignidade; [recurso eletrônico]. (Orgs.). Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana de Carvalho. São Luís, 2018.

FAÇANHA, Luciano da Silva. BASTOS, Isis Maria M. Bastos. **Filosofia e Literatura: uma introdução às questões sobre o gosto e as artes para os Homens de Letras: Voltaire, Diderot e Rousseau**. Pró-Discute: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 2, p. 58-73, jul. / dez. 2018. ISSN: 1676-840X.

GUTIERRE, Peter Gay Jézio. Introdução. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. In.: CASSIRER, Ernst. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GROSRICHARD, A. Na noite das Luzes. In: **A crise da Cultura**. Org. Adauto Novais. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1996

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. Tradução, apresentação e notas de Raul Fiker. São Paulo: Edipro, 2016.

HOBBS, Thomas. **Elementos da Lei natural e Política**. São Paulo: Ícone, 2002.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

JAPIASSU, Hilton. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**; segundo tratado sobre o governo; Ensaio acerca do entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os pensadores).

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEITE, José Assunção Fernandes. **Condição natural para Platão e Rousseau e suas implicações políticas**. In: Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana Carvalho (Orgs.). *Rousseau & Diálogos*. São Luís: EDUFMA, 2019.

MACHADO, Lourival Gomes. **A política de Jean-Jacques Rousseau: homem e sociedade na teoria política de Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora S.A., 1968.

MACHADO, Lourival Gomes. **Introduções e Notas**. In.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARUYAMA, Natalia. **A moral e a política de Helvétius: uma discussão com J.-J. Rousseau**. Editora Humanistas, São Paulo, 2005.

MARUYAMA, Natalia. **Liberdade, lei natural e direito natural em Hobbes: limiar do direito e da política na modernidade**. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 32(2): 45-62, 2009.

NUNES, Benedito. *Filosofia e Revolução Francesa*. In.: **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PAIVA, Wilson Alves de. **A arte da representação cívica no Emílio de Rousseau.** Filosofia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 33 (2016) 211-224
DOI: <http://dx.doi.org/10.21747/21836892/fil33a13>.

PAIVA, Wilson Alves de. **Educar no meio do jardim: ética e estética no pensamento de Paulo Freire, Kant e Rousseau.** In: Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana Carvalho (Orgs.). *Rousseau & Diálogos*. São Luís: EDUFMA, 2019.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau - a política como exercício pedagógico.** São Paulo: ed. Moderna, 2002.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Col. Os pensadores).

PLATÃO. **A República.** Tradução de Enrico Corvisieri: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral.** Organização e apresentação, José Oscar de Almeida Marques; Tradução, José Oscar de Almeida Marques. [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a D'Alembert.** Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNICAMP, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes.** Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978d.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. Volume II. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1999a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. Volume II. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1999b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução, introdução e notas de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª ed. Difusão Européia do livro, São Paulo, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978c.

SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **O bom selvagem**. São Paulo: FDT, 1989. (Prazer em conhecer).

SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Delmo de Mattos. **Por que Rousseau é um Contratualista**. In: Luciano da Silva Façanha, Zilmara de Jesus Viana Carvalho (Orgs.). *Rousseau & Diálogos*. São Luís: EDUFMA, 2019.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a liberdade republicana**. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: editora Unesp, 2010.

STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1991.